

INTRODUÇÃO

A reflexão apresentada a seguir corresponde ao andamento de uma pesquisa que data do meu ingresso na graduação em Letras: o estudo da produção do escritor Affonso Romano de Sant'Anna.

Quanto ao primeiro ano de pesquisa, desenvolvido a partir da leitura de *Que país é este?*, do escritor Affonso Romano de Sant'Anna, detive-me nos poemas de verve mais social e política – um traço mais preponderante – que compõem a obra em questão, publicada em 1980. Foi analisado, também, o trânsito de vozes presentes na construção poética: seja do intelectual frente a um regime repressor, já que o Brasil atravessava o período da ditadura militar, seja do crítico, ensaísta, jornalista, ou, ainda, professor acadêmico. Ali, pude observar as concepções teóricas do autor sobre o fazer poético e sua função em uma sociedade repressora, através das diversas visões de Brasil configuradas nos seus poemas. A presença de algumas das suas principais concepções teóricas, portanto, já se faziam notar na poesia.

As questões suscitadas neste primeiro projeto conduziram-me a outro recorte. Intitulado “Representações culturais em *A grande fala do índio Guarani*”, no segundo ano de pesquisa avancei para algumas reflexões acerca do intelectual e seu papel dentro do contexto político brasileiro. Assim, partindo desse contexto e tomando como *corpus* o texto *A grande fala do índio Guarani* (1977), foi possível repensar o Brasil, seu povo e a construção dos seus símbolos culturais, dada a abordagem histórica e genealógica do índio brasileiro e latino-americano nas tantas visões e interpretações que Affonso Romano de Sant'Anna faz, na poesia, sobre o seu país. Buscando essas representações, foi possível identificar, também, o escritor múltiplo que, naquela narrativa trágica, coloca em xeque questões cruciais sobre poesia, como sua construção e permanência.

Foi, contudo, no terceiro ano de pesquisa, que o trabalho parecia encaminhar-se para uma conexão entre os estudos realizados e que algumas concepções teóricas de Affonso Romano de Sant'Anna foram reveladas de maneira mais latente. No trabalho desenvolvido a partir da leitura do livro de poemas *O lado esquerdo do meu peito* (1992), que trouxe como título “Affonso Romano de Sant'Anna: o espaço poético em expansão”, foi possível analisar as muitas “aprendizagens” a que o autor se refere e que são, inclusive, usadas como subtítulo para os capítulos da obra: as aprendizagens de amor, morte, poesia, história, além das aprendizagens várias. Essas “aprendizagens”

revelam um intelectual-observador de questões contemporâneas, que dialoga com outros textos de sua autoria, aprende com outros poetas, sobretudo Carlos Drummond de Andrade, cuja obra foi objeto de pesquisa da sua tese de doutoramento. Aprendendo com o passado, Affonso Romano de Sant'Anna faz reflexões sobre o tempo, a poesia, o labor do poeta e os processos de criação. O poema é alvo de si mesmo. Recai sobre sua realização. Na medida em que concretiza a sua poesia, faz-se presente o teórico, mas um teórico que, enquanto a utiliza para problematizar questões sobre o fazer literário, reconstrói-se enquanto sujeito, revela suas faces e refaz outras.

Era necessário, ainda, atualizar esse tema, a fim de observar como tais questões resistiram – ou foram ressignificadas? – ao longo do tempo e da escrita do poeta mineiro. Incorporou-se, assim, através do trabalho intitulado “Affonso Romano de Sant'Anna: múltiplo escritor, olhares múltiplos”, o exame da obra *A cegueira e o saber* (2006), que tinha dupla função: trabalhar com um texto mais contemporâneo, bem como transitar por outro gênero discursivo, a crônica. Trata-se de uma diluição de fronteiras entre gêneros. Além disso, Affonso Romano de Sant'Anna traz à baila opiniões a respeito do que ele chama de “uma nova episteme que se elabora rapidamente” (SANT'ANNA, 2010), a arte em constante adaptação ao espaço e ao contexto em que está sendo produzida.

Depois de perseguir temas e questões que pudessem esclarecer e localizar o pensamento do autor Affonso Romano de Sant'Anna, desenvolvido na poesia e na crônica, a pesquisa foi conduzida a uma nova senda: o *corpus* selecionado passou a ser, neste último ano de graduação, a obra *O enigma vazio – impasses entre a arte a crítica*, publicada em 2008. Se antes o crítico se posicionava no terreno poético ou cronístico, agora ele não só assume suas concepções teórico-críticas como também dialoga com outros campos do saber, como as artes plásticas. Não obstante, à linguagem dedica todo um capítulo – não estaria toda a obra sempre tratando da linguagem? – e desafia a crítica/os críticos a refletirem sobre as questões que são ali problematizadas.

Cada um dos estudos, realizados a partir da leitura dos textos de Affonso Romano de Sant'Anna, foi essencial para as reflexões que serão apresentadas a seguir, que partem para a análise do perfil de um escritor que agora se insere no espaço midiático e que, através dele, faz publicidade de si, da sua agenda, dos seus compromissos enquanto escritor, revela-se, produzindo uma escrita sobre si. Essa passagem da via impressa para o espaço público da internet será também foco desse estudo.

Este trabalho alinha-se, ainda, à temática do projeto de pesquisa em Teoria da Literatura, Literatura Comparada e Criação Literária “O escritor e seus múltiplos: migrações”, sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Evelina Hoisel, observando os trânsitos discursivos e a multiplicidade de vozes na produção de escritores que conjugam a atividade crítica à produção literária, associados à prática docente. Essas questões foram foco de análise dos trabalhos mencionados e também atravessam as reflexões que serão apresentadas a seguir.

Os textos de Affonso Romano de Sant’Anna estudados até então partiam da sua produção literária, seja poesia ou crônica, e, ainda, da produção crítica. No recorte selecionado para este estudo, contudo, estabeleceu-se como *corpus* principal os textos publicados na internet, sejam no seu *blog*¹, ligado ao seu *site* pessoal, ou *twitter*². Ainda serão consideradas as crônicas frequentemente disponibilizadas, desde o início desse ano (2011), em áudio, no *site* da Rádio MetrÓpole de Salvador, Bahia.

O recorte para essa dissertação, portanto, foi dimensionado a partir do momento em que essas reflexões levantaram questionamentos que surgiam na medida em que o escritor passava a se inserir nos ambientes midiáticos contemporâneos, sobretudo a internet. Fazia-se necessário pensar o comportamento e o posicionamento desse sujeito nesses novos suportes, além de refletir sobre as peculiaridades dos textos de publicação *on line* em relação aos textos de publicação impressa.

No cyberspaço, Affonso Romano passou a publicar textos que não respeitavam a uma configuração prévia, mas a uma série de experimentações que estavam sendo desenvolvidas, textos com grande força simbólica, tanto em relação à composição, à linguagem e à tipologia textual utilizada, quanto em relação ao teor, à diversidade de temas que estavam ali sendo tratados. Textos que trazem, em si, a configuração do Affonso Romano de Sant’Anna imagem, criação. Havia, portanto, nuances que particularizavam estes textos em relação àqueles.

¹ O *blog*, de maneira simplificada, é um hospedeiro de blogs. Ou seja, o usuário cria um blog dentro de um espaço que também se chama *blog*. Escolhe-se o *lay-out* que envolve as cores, tipos de fonte, organização dos elementos que serão apresentados e sua disposição no blog que está sendo criado. Quanto ao conteúdo do que será publicado, este é variável, depende dos interesses do blogueiro, tanto quanto da linguagem que está sendo utilizada, que diz respeito também a essas escolhas.

² Trata-se de uma ferramenta *on line* onde os usuários criam um perfil e postam mensagens curtas, adaptadas ao português do Brasil como **tuítes** e que gerou alguns desdobramentos lexicais, como o verbo **tuítar**. É possível, ainda, “seguir” outros perfis, ou seja, adicioná-los aos seus “amigos” acompanhando todos os *posts* que estes publicam através da *timeline*, o que está sendo publicado naquele momento. Cria-se então uma rede, onde os “perfis” criados na virtualidade se comunicam com outros perfis, que também possui “seguidores” e assim sucessivamente.

O trânsito do escritor pelos diferentes meios e suportes revela sua multiplicidade, bem como a forma como este vai se construindo, escrevendo sobre si. É possível, nesse sentido, produzir um discurso que possibilita ao sujeito sua inserção no espaço público de uma maneira mais reveladora de intimidades, mas que é também ilusória, sobretudo em relação às questões que envolvem a autoria. Ao mesmo tempo, uma maneira mais expositiva, através de um meio que possibilita visibilidade e divulgação. Desses limites – entre o que é visível e o que não é – trata também este estudo.

É perceptível, na análise do *corpus* selecionado, a necessidade de um mapeamento e revisão de alguns conceitos, não apenas aqueles que permitem refletir sobre a produção de Sant’Anna, mas também dos próprios meios e suportes utilizados pelo escritor, desencadeando seus processos de deslocamentos e constituição das imagens por ele construídas na virtualidade.

Os conceitos que serão trazidos para essa discussão não parecem dar conta plenamente das escritas produzidas, nesse meio, por Affonso Romano de Sant’Anna, considerando o jogo labiríntico criado por um sujeito que não apenas perfaz sua autobiografia, através de um processo de autofiguração, que se reconfigura, mas que também constrói a imagem de intelectual cibernético que desenvolve com facilidade essa construção a partir do processo criativo. Além disso, trata-se de um suporte que sofre modificações constantes, que interferem nas reflexões que são desenvolvidas sobre ele e a produção que pode ser lida através dele.

Assim, a pesquisa direcionou-se para os seguintes tópicos:

No primeiro capítulo, foram desenvolvidas reflexões acerca do comportamento do sujeito virtual criado por Affonso Romano de Sant’Anna, observado na composição do *corpus* selecionado: o *site*, o *blog*, o *twitter* e as crônicas de rádio. Já com 70 anos de idade, dentre os quais boa parte dedicados à literatura, ao cenário artístico brasileiro, importa observar os deslocamentos desse escritor no processo de construção desses sujeitos que transitam nos suportes midiáticos, tendo em vista que tais relações com este ou aquele tema ou área do conhecimento revelam e perfazem as escritas de si.

No primeiro subitem, “Transitando pelos espaços públicos”, foram analisadas as passagens de Affonso Romano de Sant’Anna dentro da escrita, a partir dela e também o que a circunda. Sua atuação pública, que coleciona cargos importantes, como a direção da Biblioteca Nacional, é marcada por envolvimento com o meio artístico e pela promoção de eventos como a EXPOESIA, que visava a integração e divulgação da

poesia e dos poetas brasileiros na década de 70. Esse trânsito, portanto, reflete na sua escrita uma preocupação em tematizar o cenário artístico, político e cultural, além do diálogo que este estabelecia com outros escritores, já consagrados pelo cânone e ainda anônimos.

Na sequência, a partir de uma leitura intersemiótica dos suportes utilizados e mesmo da composição do avatar³ de Sant'Anna, na seção “Compondo o avatar: opções intersemióticas”, buscou-se verificar em que medida as escolhas feitas no desenvolvimento das páginas disponibilizadas *on line* dizem daquele que fez tais escolhas, seja em relação aos botões do *site*, as fotos, vídeos e entrevistas ali publicadas, bem como os textos literários selecionados para leitura gratuita na internet, em quaisquer desses suportes.

Há, ainda, no item seguinte, “Diálogos entre avatares”, uma discussão a respeito do diálogo com outros escritores e profissionais da área: críticos, professores acadêmicos, escritores, atores, músicos, artistas, através de links, citações, agradecimentos, divulgação de eventos, discussão de determinados temas. Nesse encadeamento de informações, surgem tantas outras, que se mesclam e terminam por reconstruir as primeiras, numa rede de contatos que possibilita uma infinidade de *mentions*, diferente de um texto impresso que seria, a princípio, mais rígido.

No final do primeiro capítulo, na seção “Fragmentos de um sujeito no cyberspaço”, são feitas algumas considerações a respeito desse sujeito: fragmentado e múltiplo, inserido nesse novo ambiente midiático. Através do cyberspaço, o avatar criado por Sant'Anna se comporta de forma constante ou inesperada, mas termina por revelar aquilo que é considerado, nesse estudo, através da ideia de presença, uma presença, entretanto, que ultrapassa os sentidos e torna evidente a composição fraturada e espúria, instável e sempre movediça desse sujeito, que escapa a categorizações.

No segundo capítulo, buscou-se mapear os conceitos que fundamentam, teoricamente, esse estudo. Quatro caminhos, a princípio, foram então percorridos:

1. A autobiografia como escrita de si, e seus desdobramentos, como a autofiguração, desde a crítica autobiográfica às leituras sobre sujeito, como subsídios para compreender a conformação dos textos publicados por Affonso Romano de Sant'Anna, sobretudo em seu *site*, *blog*, em seu perfil no *twitter*, ou mesmo nas crônicas em áudio disponibilizadas na internet.

³ A utilização do termo avatar é uma opção da abordagem teórica desse estudo. Será desenvolvido de maneira mais ampla no primeiro capítulo, intitulado “O avatar de Affonso Romano de Sant'Anna”

2. Os estudos sobre o intelectual, percorrendo uma via que vai desde a formação do intelectual clássico, que intervinha nas questões públicas, à sua possível queda de status, e reconfiguração do intelectual que transita pela internet, considerando a superexposição midiática e a explosão de representantes de causas prontos a emitir opiniões e explorar conceitos. A hipótese aqui apresentada pauta-se na idéia de que Affonso Romano ainda opera, preponderantemente, a partir dos mesmos posicionamentos do passado, no entanto, com a utilização de novos suportes, sua crítica parece refletir sobre essas novas formas de exposição midiática. Além disso, dada a instantaneidade que este oferece, sua escrita parece se configurar de uma maneira mais condensada e objetiva, reduzindo os tantos argumentos utilizados nos textos de publicação impressa. Trata-se, ainda, de um sujeito que não produz respostas, mas especula sua condição nesses espaços.
3. Os conceitos bakhtinianos de dialogismo e polifonia. Discute-se, nesse viés, de que maneira surgem as vozes dos diferentes personagens que Affonso Romano representa em cada discurso, em cada texto, em cada *post* publicado, e como essas vozes – dialógicas – se entrecruzam de tal maneira que passam a constituir um outro discurso, com múltiplos sentidos e passíveis de diversas interpretações. Frisa-se, também, a polifonia desses textos, possibilitando tal diálogo. Acrescenta-se, ainda, a reflexão suscitada por Affonso Romano de Sant’Anna, teórico, sobre tais conceitos, na obra intitulada *Paródia, Paráfrase & Cia*, publicada em 1985, onde ele rediscute a idéia de paródia e paráfrase, passando pelo processo de estilização.

Como desdobramento deste, no item 2.3.1 são acrescentadas reflexões de alguns pensadores contemporâneos sobre questões que dizem respeito aos textos disponibilizados na internet, visto que esses aspectos podem ser observados nos textos de Sant’Anna. Produtiva, então, é a leitura de Beatriz Sarlo (2011) e outros sobre os textos de publicação *on line*, ou *hipertextos*, o que Sarlo vai chamar de *encadeamento*.

No terceiro capítulo, foi desenvolvido um estudo de amostras dos textos selecionados como *corpus*, pautado nessa reflexão teórica.

A proposta foi a de delinear o perfil – ou os perfis – de um escritor que, há muito, tem buscado se inserir em campos diversos, utilizando ferramentas inovadoras para sua época, culminando, enfim, na internet, esse espaço que, a todo o momento, passa a ser reinventado pelos seus usuários, dada a sua volubilidade, instabilidade e até mesmo inconstância de linguagem e ideias.

Dessa maneira é que, na primeira seção, a análise recai sobre o *site* oficial de Sant’Anna, onde são compartilhados com o visitante fotos, links para vídeos das suas entrevistas no *youtube*, além de gravações em áudio de poemas lidos por atores como Tônia Carrero e Paulo Autran. Interessa observar as opções intersemióticas de Sant’Anna na composição do *site*, bem como a configuração do seu perfil (ou perfis) nesse espaço.

Outro suporte será examinado na segunda seção: o *blog* oficial do escritor, anexado ao seu *site*, construído posteriormente. Um campo fértil para a proliferação dessas vozes, cujos tons se comunicam e se modificam, conforme seja a decisão do escritor, como estratégia, e outras que lhe escapam, manchando a sua totalidade, desmembrando suas partes, redesenhando seus contornos.

Na terceira seção, outra ferramenta utilizada na internet passa a ser o foco de análise: o *twitter*. Trata-se de um recurso midiático utilizado, de uma forma geral, como uma espécie de diário mais veloz e condensado, visto que a capacidade de um *post*⁴ é de apenas 140 caracteres. Marcado pelo imediatismo, o *twitter* tem uma característica bem peculiar: sua configuração comporta o diálogo com aqueles que o usuário “segue” e aqueles por quem ele é “seguido”. O perfil criado por Affonso Romano de Sant’Anna em sua página no *twitter* mantém certa coerência com os textos publicados no *blog*, no *site*, e ainda nos temas das crônicas da Rádio MetrÓpole, e isso também interessa a essa pesquisa.

No final deste capítulo, em sua quarta seção, a análise se expande para os temas e a linguagem utilizados nas crônicas disponibilizadas em áudio no *site* da rádio metrÓpole. Sant’Anna traz temas contemporâneos para o debate tanto na internet quanto na rádio e, mesmo quando se trata dos mesmos temas discutidos em outras mídias, o seu alcance em um e outro suporte conclama públicos diferenciados e possibilidades de interação distintas.

O presente estudo também se posiciona na direção dos questionamentos mencionados no início desta introdução, como uma tentativa de compreender – ou suscitar o debate – sobre a forma como o escritor contemporâneo tem se adaptado aos mais variados suportes, necessários dentro do veloz contexto atual, permeado pelas recentes tecnologias.

⁴ A tradução para *post* pode ser mensagem. No entanto a adaptação lexical para o português deu origem ao verbo *postar*. Mais amplo, pode ser entendido como enviar um *post*, ou seja, enviar uma mensagem, mas não apenas uma mensagem, também uma foto, um *link*, um vídeo, dentre outros recursos.

A passagem desse intelectual dos moldes clássicos para o intelectual conectado às redes sociais e inserido nas tantas possibilidades que os suportes tecnológicos oferecem pode fazer com que o escritor seja considerado anacrônico, se este preferir, por algum motivo, não compartilhar desses espaços, aquele que rejeita, que se mostra indiferente às novas formas de comunicação – mesmo que, como no caso de Sant’Anna, apesar de utilizar esses suportes, este busca preservar um determinado pensamento teórico-crítico, cultivando o passado, desafiado com os críticos contemporâneos⁵, mas fazendo isso através dos meios mais modernos, o que, a princípio, parece se apresentar como um terrível paradoxo. O suporte é atual, mas as idéias parecem ter sido preservadas. Uma questão de coerência em relação a seu pensamento ou uma atitude conservadora? Talvez apenas opções dentro do jogo de imagens criado por Sant’Anna.

Se isso for, esse comportamento pode também fazer parte da estratégia do escritor Affonso Romano de Sant’Anna em se manter no espaço midiático, promovendo um aparente diálogo com seus leitores, marcando sua posição, seu lugar dentro do cenário crítico, artístico e literário contemporâneo. Essa é uma das hipóteses que serão aqui levantadas.

Buscar compreender o movimento do intelectual de ontem em relação ao compartilhamento de dados diante de tamanha publicidade e exposição é, portanto, observar o quanto as reflexões teórico-críticas demandam, como condição para sua existência, sempre em discussão e, por isso, sempre em construção, um esforço em pensar o presente como confluência e resultado de todos esses questionamentos em relação a um passado não muito distante.

Por fim, é preciso assinalar algumas questões acerca da padronização das citações de internet utilizadas nesse trabalho, pelo fato de a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT - não contemplar as referências do *blog* e *twitter*. Cabem, nesse caso, alguns esclarecimentos.

1. Para estabelecer as diferenças entre *blog* e *twitter* dois aspectos foram considerados. O *blog* é uma ferramenta de publicação *on line*, mas que possui diversas extensões e domínios. É preciso que o usuário se conecte a princípio em um *site* que hospede seu endereço, a exemplo do *wordpress* e do *blogspot*. Há também o caso de usuários que *linkam* o *blog* associando-o ao seu *site* pessoal com domínio próprio. A palavra *blog* é na realidade uma redução de *weblog*,

⁵ Faço uso da expressão contemporâneo/contemporaneidade referindo-me ao tempo, como sinônimo de atualidade/dias atuais.

adaptado do inglês para o português. No caso do *twitter*, no entanto, trata-se não apenas de uma ferramenta, um meio de publicação de textos condensados. O *twitter* é um instrumento e uma marca, que alguns classificam como microblog. Assim, para diferenciar o meio da marca, a opção de grifo foi itálico apenas para o blog – por se tratar de uma palavra estrangeira – e itálico e negrito quando há uma referência ao *twitter*.

2. As citações retiradas do *twitter* encontram-se no corpo do texto com espaço. Não há possibilidade de recuo devido a uma limitação desses *posts*, que não chega a quatro linhas. As características e a ordem dos elementos foram mantidas: “O endereço” @aromano1 seguido de data e horário do que foi postado, quando essas informações aparecem.

3. O uso no texto do termo “internet”, nos dicionários consultados (HOUAISS (2007), AG CUNHA (2009), VOLP (2011)), é em itálico, mas a sua entrada é em redondo, ou seja, sem itálico e em letra minúscula. Como esse termo será constantemente utilizado no texto, preferi utilizá-lo sem itálico e em minúscula para tornar a leitura menos cansativa. O mesmo para *site*. No caso da expressão “*on line*” mantive o itálico porque sua entrada nos dicionários mencionados encontra-se em itálico.

O texto que se segue é resultado de pesquisas desenvolvidas sobre a produção do escritor, poeta, professor acadêmico, crítico e incentivador cultural Affonso Romano de Sant’Anna, especialmente sobre suas relações com o espaço público, especificamente a internet.

1 O AVATAR DE AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

As escritas produzidas na internet por Affonso Romano de Sant'Anna, foco desse estudo, fertilizam a discussão sobre o suporte e, mais do que isso, permitem colocar em perspectiva autor e escrita, leitor e meio, objeto e produto. Partindo da ideia de que, passando da via impressa para a internet, alguns aspectos da produção de Sant'Anna, bem como do processo de leitura e recepção dos seus textos, além da sua constituição autobiográfica sofrem algum tipo de alteração gerada pelas ferramentas tecnológicas que lhe são disponibilizadas, chega-se a análise das relações que este estabelece com a máquina.

Antes, é preciso saber como se deu a passagem de Sant'Anna pelos espaços públicos e como esse trânsito, de alguma forma, foi conduzindo-o para a transmutação das letras para os bits numéricos que são traduzidos pelo cérebro artificial do computador.

1.1 TRANSITANDO PELOS ESPAÇOS PÚBLICOS

A relação entre o público e o privado, uma das perspectivas observadas nesse estudo, em geral sempre partiu, primeiro, da curiosidade do leitor que termina por ser entronizado, através das estratégias de linguagem criadas pelo escritor, em um jogo de pistas sem fim, onde os elementos que fazem parte de um ou outro – público ou privado – correspondem à subjetividade dos envolvidos nesse processo.

Se a escrita não se desprende daquele que escreve, então os movimentos que este realiza no espaço que chamamos de “público” não acontecem apenas no espaço textual, com aquilo que se publica, de fato. Assim, talvez seja possível afirmar que aquele que transita por espaços públicos tanto é o que manifesta, na escrita, seu envolvimento com as questões que inquietam a sociedade como aquele que se despe de sua vida privada e torna-a um meio pelo qual suas opiniões e sua arte podem também ser percebidas.

É claro que nem todos os aspectos da vida privada devem ser lidos como peças de engrenagem desse processo, até porque nem tudo é revelado e, no caso do que é dito na internet, o avatar criado por aquele que passa a transitar por esse espaço público

evidencia, revela e omite fatos, aspectos e características que o interessam, restando ao leitor traduzir a imagem criada por/para esse ser.

As perguntas que parecem então introduzir uma reflexão produtiva sobre a inserção no espaço público – especificamente a internet – seriam: quem são esses escritores que passam a publicar seus textos na internet e que assim revelam as escritas de si? Qual o propósito de tanta exposição do privado no espaço público? Como se dá esse trânsito? Talvez com essas perguntas seja possível pensar a trajetória de Affonso Romano de Sant’Anna até a internet, hoje, possivelmente, um dos espaços públicos mais explorados pelos segmentos diversos da sociedade.

Em *O desemprego do poeta* (1962), o jovem poeta Affonso Romano de Sant’Anna já sublinhava, em um dos seus poemas, uma já delgada insatisfação com o lugar ocupado pelo poeta, que ainda preservava a imagem de um ser “boêmio, romântico e fora de época” (SANT’ANNA, 1962, p. 32). Era preciso, então, se aproximar do leitor e com ele estabelecer um diálogo, era preciso que a poesia fosse alguma coisa mais ativa e menos simbólica.

Para Sant’Anna, o que, a princípio, era um incômodo em relação muito mais a aspectos da vida do poeta, passou a ser tema da sua poética, e predomina até suas últimas publicações. Uma poesia que a crítica em geral concorda: é subsidiada por um forte conteúdo social, e, preponderantemente, de natureza metalingüística, o que fica ainda mais evidenciado em *Poesia sobre poesia*, publicado em 1975.

Desde o início, portanto, Sant’Anna já relacionava poesia e vida e reivindicava a força dos poetas do século XIX, que, segundo ele, participavam de maneira mais ativa da sociedade e da vida pública do seu país. Esse interesse pela vida pública dizia respeito não apenas aos temas que estavam sendo tratados na sua escrita, mas também a um certo engajamento em relação às políticas de governo, aos problemas sociais do país e a tentativa de produzir um diálogo cultural mais amplo e democrático.

Isso pode ser observado em sua atuação frente a diversas instituições brasileiras e estrangeiras, como quando foi diretor da Biblioteca Nacional, por exemplo, bem como nos diversos eventos artísticos e projetos que promoveu e dos quais participou (EXPOESIA, Poesia Sempre), o que já revelava o pendor de Sant’Anna para uma participação na vida cultural do seu país, na medida em que a cultura passava a ter uma relação mais estreita com as políticas de governo, direta ou indiretamente. Em alguns desses cargos é possível perceber como se deu a trajetória de Affonso Romano de Sant’Anna pelos espaços públicos.

Sua gestão frente à Biblioteca Nacional ficou marcada pela modernização tecnológica, entre 1990 e 1996, realizada através de um processo de informatização de consulta ao acervo e programas de leitura, visto que mantinha contato com bibliotecas de todos os estados brasileiros, promovendo a integração nacional, além de bibliotecas estrangeiras, proporcionando eventos de incentivo à leitura. No mesmo período, ainda foi Presidente do Conselho do Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e no Caribe, entre 1993 e 1995, e também Secretário Geral da Associação das Bibliotecas Nacionais Ibero-Americanas, entre 1995 e 1996.

Quanto a essas experiências frente a organizações de incentivo à leitura, Sant'Anna levava a cabo seu projeto de aliar poesia a ação. A leitura, desde então, passava a servir de mote para poemas e, mais recentemente, foi utilizada como metáfora para suas reflexões. Nas tantas entrevistas que concedeu quando na publicação de *A cegueira e o saber*, livro de crônicas publicado em 2007, Sant'Anna frisava a necessidade de “ler o mundo”. Em entrevista a Revista de Educação *Presente*, Sant'Anna diz o que se deve fazer para enxergar:

Não é fácil. Quem tem olhos veja, diz a Escritura. É preciso aprender a ler o mundo, decompor os sinais, entender o sentido – ou múltiplos sentidos. De algum modo, a maioria hoje é composta de “analfabetos funcionais”. Não lêem. Ao contrário, são lidos pelos acontecimentos, são objetos passivos, mas deveriam ser sujeitos de sua própria história. (SANT'ANNA, 2007, p. 7).

Além disso, sua publicação mais recente, *Ler o mundo* (2011), toma como metáfora a leitura e, desde o lançamento, no final de junho deste ano, já foi motivo de debates sobre como diferentes profissionais e áreas do conhecimento lêem o mundo, tomando a leitura no seu sentido mais amplo e produtivo. Seja a leitura como foco de trabalho frente a instituições, seja aquela utilizada como forma de crítica da falta de perspicácia em relação aos acontecimentos.

No que diz respeito aos eventos que promoveu é importante destacar dois trabalhos principais: a EXPOESIA e o lançamento da Revista *Poesia Sempre*. A EXPOESIA aconteceu em 1973 inicialmente no Rio de Janeiro, na PUC-RJ, reunindo cerca de 600 poetas e tinha como proposta inicial realizar um balanço sobre a poesia brasileira. Sucederam a EXPOESIA, ainda, eventos regionais com o mesmo propósito: pensar a poesia brasileira que estava sendo produzida naquele momento. Tratava-se de

um evento onde a discussão sobre o literário tomava uma dimensão pública e não mais fazia parte apenas dos seminários acadêmicos.

Segundo Sandra de Cássia Araújo Pelegrini, da Universidade Estadual de Maringá, em estudo realizado sobre as manifestações culturais nos anos 60, a Expoesia, assim como o “Poemação”, da mesma época, buscava “uma abertura estética e política, propiciando um debate sobre poesia que exauria os muros acadêmicos” (PELEGRINI, 2001. p. 54).

No que toca à movimentação e atividades que Sant’Anna exercia no espaço público, destaca-se ainda a de professor acadêmico de importantes universidades no Brasil e no exterior. Na PUC-RJ, por exemplo, chegou a ser, entre 1973 e 1976, diretor do Departamento de Letras e Artes. Affonso Romano de Sant’Anna colecionou amizades no mundo artístico-cultural, no mundo acadêmico, além de transitar com certa facilidade nas Instituições públicas. Curioso é notar que mesmo com tantos cargos e compromissos, não deixava de produzir poesia. Alguns dos seus livros mais conhecidos foram, inclusive, publicados na década de 70, quando se encontrava em plena atividade intelectual e abarrotado de funções burocráticas.

Todas essas experiências, mais uma vez, servem de tema para sua produção poética, ensaística e cronística e, mais recentemente, nos textos formatados para publicação *on line*. O eixo comum que une esses textos, nos seus diferentes formatos, linguagem e suportes, talvez seja justamente as temáticas renitentes, que os percorrem desde a sua primeira publicação: a função do poeta, a metalinguagem, a crítica, a leitura. É claro que, observando o cotidiano, Sant’Anna também extrai poesia e, também no movimento contrário, diz trazer poesia para o cotidiano, no sentido de popularizar sua escrita para o maior número possível de leitores.

Em 2009, enfim, o escritor Affonso Romano de Sant’Anna resolve se inserir em outro espaço público, que possui configurações diferenciadas em relação ao meio impresso. Lança, assim, sem muita divulgação, seu *site* no endereço eletrônico www.affonsoromano.com.br, e cria também um botão com link para o *blog*: <http://www.affonsoromano.com.br/blog/>. Nas publicações, podemos contabilizar textos que condensam as experiências vividas pelo poeta, cronista, professor acadêmico, ensaísta, crítico (principalmente dos críticos), além de jornalista. Aliás, talvez seja através da linguagem predominantemente de crônica de jornal – um gênero tão livre – que Sant’Anna dê o tom dos textos publicados em seu *blog*.

A internet, contudo, tem suas particularidades, o que faz com o que os textos de Sant'Anna publicados na via impressa, se forem reproduzidos ali, naquele suporte, passem a um outro tipo de configuração, que se pretende discutir nesse estudo. Não seria sensato considerar que os textos publicados no *blog* ou no *site*, no *twitter*, ou, ainda, nas crônicas de rádio *on line* apenas sofrem mudança do suporte de leitura. Através de amostras desses textos, e considerando as variantes que circundam o ambiente midiático, é possível verificar que essas mudanças vão marcar sobremaneira tanto as feições da escrita como do próprio sujeito cibernético que a produz.

Os espaços públicos, através da internet, passaram a se conectar de tal forma, que é possível saber onde determinada pessoa se encontra naquele momento, tuitando ou postando mais uma mensagem em uma de suas redes sociais. Sant'Anna ainda não utiliza tal recurso de maneira tão instantânea, mas é possível checar sua agenda, sempre atualizada, provavelmente por ele mesmo, em seu *blog*. Na conferência ele trata de determinado assunto que depois será comentado por ele mesmo em uma espécie de crônica no *blog*.

Nesse percurso sobre o deslindar de Sant'Anna pelos espaços públicos, considerando os meios de ontem, os suportes de hoje, promover debates e registrar sua opinião, sua crítica, enfim, sua presença e sua voz no cenário artístico, cultural, social e político brasileiro constantemente fizeram parte dos projetos e das escolhas feitas por Affonso Romano de Sant'Anna, o que mostra que as relações entre público e privado já não são as mesmas de outrora.

1.2 COMPONDO O AVATAR: OPÇÕES INTERSEMIÓTICAS

A inserção de Affonso Romano de Sant'Anna no espaço virtual aponta para uma tendência da maioria dos escritores contemporâneos, políticos, celebridades e mesmo os mais anônimos a uma escrita que não apenas se modifica em relação aos temas tratados (já que o sujeito é, via de regra, tema para a própria configuração dos textos), mas também mudanças estruturais, que passam pela questão da autoria, autopromoção, pelas mudanças oriundas dos novos suportes, além do receptor e sua possibilidade de interação com aquele que publica o texto *on line*.

Dessa forma, as técnicas de leitura para esse texto parecem apontar para uma direção oblíqua, que cambaleia entre as definições de ontem e as mudanças geradas por todos os envolvidos nesse processo: desde a construção do texto até sua leitura e disseminação. Não apenas um, mais diversos avatares surgem com características diversas e, para esse estudo, é importante observar as relações entre eles, além da constituição do avatar de Affonso Romano de Sant'Anna.

O termo “avatar” remete aos tradicionais mitos hindus. Segundo Yves Beibeder, no caso dos mitos hindus, “O essencial gira em torno dos grandes deuses Xiva e Vixenu, os dois dos *avatares* (“descidas” à terra) deste último – Rama e Krishna –, e da Grande Deusa, sob seus aspectos temíveis e fascinantes.” (BEIBEDER, 2005, p. 711). Os estudiosos de mitos, de uma maneira geral, dizem da expressão “avatara” que diz respeito às descidas de Vixenu à terra, a fim de estabelecer a boa ordem do universo. (ELIADE, 1965). Por ter como característica essa relação transcendental e essa possibilidade de ser outro sendo ele mesmo, talvez o significado de “avatar” tenha produzido esse efeito de transmutação.

O etimólogo Antônio Geraldo da Cunha (2007), assim descreve o verbete: “> reencarnação de um deus e, especificamente, no hinduísmo, reencarnação do deus Vixnu (transformação, transfiguração)” e acrescenta como provável data de registro o ano de 1871. (CUNHA, 1986. p. 49). No dicionário Houaiss (2001) é possível ler: Avatar (1ª acepção): “na crença hinduísta, descida de um ser divino à terra, em forma materializada [particularmente cultuada pelos hindus são Krishna e Rama, avatares do deus Vixnu; os avatares podem assumir forma humana ou a de um animal]”. (2ª acepção): “processo metamórfico; transformação, mutação”. Acrescenta ainda o seguinte uso: <o avatar de um artista> . (HOUAISS, 2001. p. 83).

Entre os profissionais de comunicação e informática o uso da expressão avatar foi popularizado depois da sua utilização em um jogo de computador na década de 80 do último século, como bem observa Renata Cristina da Silva, no texto intitulado “Apropriações do termo avatar na cibercultura” (SILVA, 2010). Assim, passou a ser entendido como figuras criadas por um usuário – que podem ser semelhantes a ele ou não, o que permite que um sujeito passe por um processo de personalização no interior da máquina, visível através da tela de um computador. Sua semelhança com o avatar talvez se deva ao fato de representar a transcendência da imagem da pessoa, que passa a existir através de um corpo virtual.

Dáí desdobram-se outras expressões, apropriadas do vocabulário da computação, tais como “estar conectado”, estar “*on line*”, “na linha”, ou, ainda, “fazer parte da rede”. Os avatares são, portanto, entendidos na rede como a personalização de determinada identidade que se cria para a inserção nesse meio, que tem características próprias, desde a imagem, as preferências, opiniões, dentre outras, conforme decida o usuário inserir essas informações no seu avatar.

A idéia de trabalhar com o avatar de Affonso Romano de Sant’Anna baseia-se na premissa de que não se trata apenas de criar uma figura que se conecte a rede e que o represente naquele espaço. É possível identificar uma tentativa, por parte de Sant’Anna, em construir a sua imagem que está em sintonia com aquilo que ele pretende ser, ou parece ser, característica que poderia vir a ser identificada através dos discursos que são ali produzidos.

Essa existência enquanto máquina foi tema do estudo desenvolvido pelo antropólogo francês David Le Breton, para quem “O corpo não é mais uma fronteira identitária, mas vestígio deixado no espaço”. (LE BRETON, 2003, p. 54). Breton ainda considera que, na infoesfera, “o cibernauta abandona a prisão do corpo e entra num mundo de sensações digitais, suspenso no universo do computador” (LE BRETON, 2003, p. 56). Pode-se então partir da idéia de que é no cyberspaço que o outro existe na interface da comunicação, o avatar criado para prosseguir com a imagem daquele que o criou, a sua semelhança, mas também ao seu gosto, da forma que este o quis criar.

Nesse sentido, o avatar criado por Sant’Anna para que ele exista na virtualidade enquanto ser e não apenas enquanto citação de uma existência construída por *bytes* revelam a necessidade de ter os seus textos publicados e comentados instantaneamente, e se ele passa a existir, por intermédio do seu avatar, seu texto passa a possuir uma autoria, antes perdida e dispersa em um espaço que pertence a todos e, ao mesmo tempo, não pertence a ninguém.

A comunicação de Sant’Anna com o seu avatar acontece da mesma forma que seu avatar se comunica com o escritor que tradicionalmente publicou seus textos na via impressa. O que parece ocorrer, na realidade, é uma expansão de fronteiras via criação discursiva, através de uma linguagem outra, transformada em incríveis números, viabilizada pela máquina. Ainda sobre essas relações, do avatar criado, daquele que o cria e dos espaços que estes passam a transitar – e mesmo a existir – Le Breton, para quem o mundo virtual interfere e gera conseqüências no mundo real, assinala, irascível, que:

Se o homem só existe por meio das formas corporais que o colocam no mundo, qualquer modificação de sua forma implica uma outra definição de sua humanidade. Se as fronteiras do homem são traçadas pela carne que o compõe, suprimir ou acrescentar componentes modifica a identidade pessoal que é própria ao homem e suas referências aos olhos dos outros. (...) Se o corpo não é mais a pessoa, se ele está cada vez mais distante de um indivíduo de estatuto cada vez mais indecível, se o dualismo não se inscreve mais na metafísica, mas decide o concreto da existência e funciona como um modelo de correntes múltiplas da teconociência ou da cibercultura, então toda a antropologia ocidental, e todo o humanismo implícito e explícito que ela sustentava, são postos em questão. (LE BRETON, 2003, p. 62).

Não é pretensão deste estudo desenvolver ou revisar teorias sobre o corpo, mas apenas destacar como a virtualidade permite compor o avatar daqueles que, por motivos dos mais diversos, pretendem marcar a sua existência no espaço virtual. O avatar de Sant'Anna é marcado, portanto, por essa tentativa de existência, de não apagamento, do escritor que o cria, dos textos que ele produz, ainda que seja necessário pensar as diferenças – ou mesmo se existem tais diferenças – entre os textos publicados *on line* e os tradicionalmente publicados na via impressa.

Há, portanto, uma tentativa de Sant'Anna em fazer com que sua escrita, bem como seus posicionamentos e sua imagem permaneçam sendo, a todo momento, reavivadas e lembradas pelo público leitor e consumidor.

Com o tempo, as perguntas condicionadas quando se faz a inscrição em um *site* de relacionamentos, as possibilidades de figuras préconstruídas pelos aplicativos, ou seja, a interação cada vez mais aberta e gratuita permitem ao consumidor passivo a impressão de que este passa a gozar de total liberdade dentro das infinitas escolhas oferecidas pelo universo sígnico da internet. De consumidor então, passa a usuário, que toma emprestado ou se apropria de uma identidade forjada por ele mesmo, que precisa ser criada para conquistar seguidores, para chamar a atenção dos constantes e eventuais frequentadores de páginas *on line*.

Com o propósito de divulgar suas idéias, seus projetos e seu pensamento acerca das questões mais diversas, sejam políticas ou culturais, Affonso Romano de Sant'Anna nunca se esquivou da fama. Pelo contrário. Ao mesmo tempo em que produzia sua escrita, divulgava-a nos meios científicos e literários, nos seminários estudantis, nos eventos de poesia. Sempre procurou formas de conjugar todas as suas atividades

artísticas, literárias, acadêmicas à vida pessoal, que por vezes se entremeava na sua escrita, uma escrita marcada por traços autobiográficos. É perceptível a busca por uma coesão tanto no que diz respeito às críticas e perspectivas temáticas trazidas em seus textos, quanto no que diz respeito à criação da imagem de si mesmo.

Para solidificar essa imagem, para manter essa coesão, Sant'Anna executa um projeto que percebeu na trajetória literária de grandes escritores, sobretudo o poeta Carlos Drummond de Andrade, objeto de pesquisa de sua tese de doutorado, sob o título "Drummond: o gauche no tempo e no espaço", defendida em 1969. Sobre a obra de Drummond declara, em entrevista a Anazildo Vasconcelos, em 2001:

Fiz uma análise minuciosa e uma leitura sistemática dos poemas de Drummond, com levantamentos estatísticos das palavras que mais se repetiam e quantas vezes elas se repetiam. Eu percebi que a obra de Drummond não era um supermercado onde os críticos podem identificar com facilidade temas segmentados e bem definidos. **A obra deste poeta possui uma estrutura e uma organização que exige interpretação global e estruturante.** (SANT'ANNA, 2001. p. 3). (grifo meu)

Em 2007, na Conferência de Abertura da Bienal Internacional da Poesia, em Brasília – DF, no discurso em que propôs realizar um balanço sobre a poesia brasileira de ontem e de hoje, e de como participou dos vários movimentos artístico-culturais da época, além das formas e ideias que estavam sendo produzidas e discutidas nesses diferentes contextos e épocas, Sant'Anna faz uma reflexão sobre a elaboração da sua escrita e dos seus percursos:

Isto posto, olho estrategicamente para trás e me ocorre um verso do Drummond: "Lembro alguns homens que me acompanhavam e hoje não me acompanham. Inútil chamá-los". Frase com várias ilações. **Confirmando que a realização de uma obra é uma corrida de longo curso, decorrência de um "projeto poético pensante"**. Recordo-me de poetas que ficaram pelo caminho; e restaram pelas margens por uma série de razões, devido aos seus traços psicológicos, aos atropelos da existência e até mesmo por terem sido eliminados ou ocultados pelos jogos de interesse que nas artes é tão feroz quanto na política e na economia. (SANT'ANNA, 2008, p. 2).

Foi, então, persistindo na construção e manutenção desse "projeto" que Affonso Romano de Sant'Anna se inseriu em mais um espaço midiático: a internet. Era preciso, contudo, confeccionar uma outra imagem de si, um avatar, com características próprias

que possibilitasse uma resposta mais imediata do leitor, uma proximidade – apesar da fria distância que, paradoxalmente, a tela proporciona – com os usuários tão díspares que transitam pela rede.

Parece então necessário delimitar algumas das escolhas, de forte valor simbólico, feitas por Sant’Anna quando este passa a utilizar as ferramentas tecnológicas mais recentes na composição do seu avatar: os diálogos entre as artes, entre as linguagens, e aqueles existentes nos seus próprios textos.

A escrita produzida na internet diz sobre aquele que escreve porque evidencia um estilo próprio ao mesmo tempo em que comporta uma mesclagem de textos e suas escolhas. Sant’Anna, em um certo sentido, já parecia prever esse tipo de produção quando, falando sobre as mudanças porque atravessou sua escrita, citando um ensaio de 1972, intitulado “A antiga relação entre a escrita e a ideologia”, discorre sobre três tipos de escrita:

A escrita primeira ou escrita sujeito: onde a palavra é a própria coisa da qual ela fala. Uma escrita sagrada, pois é a reprodução de um arquétipo celeste.

A escrita segunda ou escrita objeto: aquela que instrumentaliza e organiza humanamente a comunidade. Uma escrita profana.

Já a escrita terceira, dizia eu naquele ensaio – quando não sonhávamos com a internet – ultrapassa o sistema de letras do alfabeto. É o texto além do livro e da letra, uma certa escrita tecnológica desenvolvida nos computadores e laboratórios, signos e sinais novos configuradores de um novo saber para uma idade planetária. (SANT’ANNA, 2007).

Os signos dessa escrita expandem ainda mais a ideia de texto e da forma como é feita a sua composição. Aliás, a composição do avatar referida nesta seção passa pelos processos semióticos da linguagem, onde se fundem símbolos, imagens, sons e uma série de sinestésicos movimentos que este avatar realiza no espaço cibernético. Para pensar a construção sígnica mencionada, é pertinente acrescentar os estudos semióticos a partir dos quais é possível perceber essas variantes.

O semiologista John Deely (1995), ao percorrer os caminhos históricos e doutrinários da semiótica desde Platão à contemporaneidade, reforça o alcance dos estudos desenvolvidos a partir dessa perspectiva teórica, frisando que:

As ramificações inerentemente filosóficas e interdisciplinares do desenvolvimento de uma doutrina unificada dos signos - o leque praticamente ilimitado de implicações e aplicações – constituem provavelmente a característica mais importante do movimento semiótico. (DEELY, 1995. p. 18).

Partindo da noção interdisciplinar e sensorial que pode ser realizada através da linguagem, é preciso admitir o papel universal dos signos dentro e entre os campos do conhecimento, passando por todas as construções imagéticas possíveis de serem visualizadas através do exercício criativo da linguagem.

Para Umberto Eco, no seu *Tratado Geral de Semiótica* (1980), os signos podem ser dispostos e redistribuídos, reordenados de tal forma, dentro de um sistema de comunicação, que passa a realizar-se dentro de um universo de significações mais amplo do que se projetou a princípio. Eco oferece, ainda, no seu manual, uma teoria dos códigos e uma teoria da produção sógnica, em que a primeira pode ser aplicada a qualquer função sógnica – dentro do universo verbal e dos artifícios não verbais – e a segunda pode ser aplicada a unidades mínimas (signos) e unidades maiores (ou “textos”).

Longe de conduzir uma reflexão sobre a estrutura de formação dos signos nos seus diferentes níveis, para pensar a composição do avatar (em si mesmo uma estrutura sógnica imbuída de relações, significações e projeções do eu), a abordagem a que se pretende chegar diz respeito a relação entre os signos e as escolhas realizadas para esse fim.

Lastreando-se na ideia dessa combinação infinita dos signos, a semiótica pode auxiliar na compreensão do mundo interativo de sensações provocadas pela comunicação ágil de linguagens disponíveis na internet. De outra forma: é na abrangência os estudos realizados a partir do entendimento da comunicação amplificada pela simbologia que é própria de cada elemento que se dispõe no cyberspaço que se pode pensar a criação e manutenção da figura criada por Affonso Romano de Sant’Anna para existir na virtualidade.

A “escrita tecnológica” a que Sant’Anna se refere é disponibilizada na rede através de uma verdadeira conjunção de sinais – verbais e não verbais – que contaminam a visão do leitor com o massivo universo das cores, dos sons, e oferecem a possibilidade de que o leitor pode auxiliar no seu processo constitutivo.

Nesse sentido, a hipercodificação, através da qual se pode preencher um campo que não tem regras fixas e precisas, é necessária para que se compreenda o discurso como uma construção mais ou menos unitária. Sendo assim, valendo-se de códigos existentes, a hipercodificação permite observar uma série de outros subcódigos

remetendo a um sem número de relações (uma variante do encadeamento dos discursos) possíveis de serem realizadas em um texto. (ECO, 1980. p. 123).

Isso pode ser verificado nos textos de publicação *on line* de Sant'Anna. Na composição do seu avatar, ele se vale de uma combinação de recursos sígnicos, que formam a figura que este quer construir de si mesmo.

No *site*, junto à foto onde se vê um Affonso Romano de Sant'Anna desafiador e que garante que é ele quem está ali, é possível reunir um conjunto de formas que se associam a musicalidade dos poemas “cantados” por Fagner ou Felipe Radicetti. As conexões entre música e poesia são estabelecidas de modo que, para que se possa traduzir e compreender aquela linguagem faz-se necessário penetrar o jogo das relações que nela se criam.

O mesmo acontece com as entrevistas, disponíveis, no *site*, em vídeo, e onde a presença do entrevistado, Affonso Romano de Sant'Anna, permite a leitura do conjunto de signos que estão ali dispostos: além das entrevistas reproduzidas em textos digitalizados, o som e a imagem realizados através da performática atuação daquele que profere aquele discurso.

A transmutação sígnica, bem colocada por Julio Plaza em *Tradução Intersemiótica* (1980), diz respeito a uma cadeia sem fim de signos sendo mediado por outros signos num processo contínuo de tradução, entendida, aqui, como um elemento necessário para intermediar os pensamentos.

Plaza, que entende o pensamento como tradução, extrapola todos os limites de relações entre os signos, afirmando que “o pensamento pode existir na mente como signo em estado de formulação, entretanto, para ser conhecido, precisa ser extrojetoado por meio da linguagem”. (PLAZA, 1980. p 40).

Já que pensamento e linguagem não se separam, e que o signo é sua mediação, este não é o objeto, mas algo que o representa. Dessa forma, seria correto afirmar que os signos disponibilizados na internet surgem da inevitável relação com outros signos, o que, em certa medida, faz com que o sentido de um só se realize através do sentido de outro signo, em que ambos se complementam.

A equivalência entre os signos que surgem na linguagem utilizada nos textos de Sant'Anna publicados na internet, entretanto, dá-se para aqueles que a realizam. Nesse sentido, resta ao leitor realizar a tarefa de estabelecer uma equivalência entre eles, preenchendo os interstícios da linguagem utilizada naquele espaço.

Uma outra questão abordada por Júlio Plaza pode ser considerada nos estudos sobre a composição do avatar de Sant'Anna na infoesfera. Trata-se da tradução dos signos como uma atividade inventiva. Nessa perspectiva, todo aquele que traduz os signos presentes e realizados em determinado tipo de linguagem, e que, em um certo sentido, os lê, ativa e une os elementos dispostos distribuídos na sua constituição.

Tomando como lastro as reflexões semióticas em torno da composição sígnica e sua realização através da linguagem, é possível ler o avatar de Sant'Anna com todas as suas ricas possibilidades de leitura, considerando que:

- a) na feitura do ser cibernético que vai representá-lo no cyberspaço, o escritor Affonso Romano de Sant'Anna deixa os rastros da sua autobiografia como um processo inventivo, tanto daquele que passa a falar por ele como daquilo que se fala.
- b) o embaralhamento das linguagens utilizadas na composição dos textos disponibilizados, sobretudo no seu *site*, permite a tradução criativa das suas formas sígnicas, e sua reorganização de acordo com suas relações de equivalência, o que é particular dos leitores.

Retomando a “escrita tecnológica”, cuja origem, como observado por Sant'Anna, está sendo efetuada “nos computadores e laboratórios”, esta só é efetivamente possível de ser realizada através do sujeito cibernético que se personaliza neste espaço. O diálogo entre esses sujeitos cibernéticos é o tema da próxima seção.

1.3 DIÁLOGOS ENTRE AVATARES

Proporcionar o diálogo entre seus pares tem sido constantemente o intento do poeta Affonso Romano de Sant'Anna. Nos discursos produzidos na internet, atravessados por um “encadeamento” de citações, o escritor que publica seus textos nesse suporte percebe que isolar sua escrita e produzir discursos que falam de si para si não condiz com a atraente realidade propiciada pelo espaço, atualmente, talvez o único meio através do qual textos circulam com tanta velocidade e nos quais o leitor se permite reordenar e ressignificar.

Sant'Anna há muito busca o diálogo com escritores de sua época e artistas de uma forma geral. Seja nos movimentos de vanguarda da década de 70, seja nos

encontros internacionais de poetas dos quais participou, manifestava a necessidade de se pensar a arte, a poesia, a cultura do seu tempo.

Sente-se, em um certo sentido, um verdadeiro desbravador e revelador de talentos artísticos, na medida em que utiliza os meios dos quais dispõe para registrar sua preferência por este ou aquele escritor. Nessa rede de conexões entre avatares-artistas, importa aqui observar com quem Sant'Anna mantém esse diálogo e como isso se realiza no cyberspaço.

Os diálogos com avatares artistas são realizados em todos os suportes da internet utilizados por Affonso Romano de Sant'Anna e acontecem em vários níveis, dentre os quais alguns merecem ser destacados:

- a) Através da menção a outros artistas, citando nomes daqueles cuja produção ele endossa (escritores como Carlos Drummond de Andrade, Ledo Ivo, o chileno Oscar Petrel, músicos como Fagner e Rildo Hora, atrizes como Ângela Vieira e Alessandra Colassanti) revelando suas predileções artísticas e literárias. Desde os canônicos àqueles que estão surgindo no cenário cultural no Brasil e no exterior.
- b) Através da narração das conversas com escritores e sua versão sobre os debates que com eles realizou, (como na Jornada de Passo Fundo onde participou de uma mesa com a crítica Beatriz Sarlo e editora Kate Winson em 27/08/2011, por exemplo).
- c) Fazendo a divulgação de eventos e artistas com quem mantém esse diálogo, tais como encontros, seminários, jornadas, acontecimentos do mundo artístico de uma forma geral.

Apesar desse diálogo se fazer presente nos suportes que serão analisados nesse estudo, o *blog*, talvez por sua possibilidade de intervenção e publicação mais imediata, é onde mais se pode perceber essa interação. Esse diálogo parece ser uma forma de Sant'Anna registrar sua presença nos eventos, nos debates, e, sobretudo, se posicionar sobre os assuntos diversos que estão sendo discutidos por esses grupos. Com a mesma facilidade de ontem em penetrar e participar desses grupos, Sant'Anna encontrou uma forma mais ágil e muito mais dinâmica de interagir e participar das discussões.

Sant'Anna, é preciso lembrar, faz parte daquilo que ele mesmo e a maioria dos seus entrevistadores chamam de uma “linhagem artística” que passa por nomes de tradição no cenário literário brasileiro. É comum, por isso, que em seus textos, ele faça

menção a esses escritores, inclusive narrando episódios da vida e lembranças de conversas com eles.

No *post* intitulado “O curioso caso de Benjamin Button”, Sant’Anna acrescenta à crítica que está fazendo do filme que acabou de assistir uma dessas lembranças com o escritor Fernando Sabino:

Aliás, o caso do Fernando Sabino é exemplar. Tinha uma alma crescentemente infantil. Não sei se ele se lembrava desse conto sobre o Benjamin Button do Fitzgerald, mas vivia dizendo que queria o seguinte epitáfio: "Aqui jaz Fernando Sabino que nasceu homem e morreu menino". (SANT’ANNA. 02/02/2009. *Blog*).

Com isso, Sant’Anna não só realiza interfaces com os seus pares, mas também mantém viva a memória daqueles escritores com quem conviveu ou teve algum tipo de contato, leitura ou experiência. Os artistas e escritores que ele menciona não são apenas brasileiros ou necessariamente escritores que ele já conheça, mas de tantos outros com os quais ele nem mesmo teve contato pessoal, apenas contato com sua literatura.

No caso que se segue, trata-se de um diálogo com o escritor moçambicano Mia Couto, mas cujo livro ele também faz uma resenha, o que não deixa de ser um exercício de promoção que se torna ainda mais consistente quando o veículo que se utiliza é o *blog* de um escritor consagrado.

Dos textos que circulam por aí sobre Obama, um dos mais interessantes é do romancista moçambicano Mia Couto, imaginando se seria possível um Obama realmente fazer carreira política na África. Que riscos e impossibilidades teria que enfrentar num continente onde a barbárie e as ditaduras sucedem a espoliação e a escravatura. (SANT’ANNA. 28/01/2009. *Blog*).

É importante também notar que, ao citar textos de outros escritores, como no caso de Mia Couto, Sant’Anna alinha o seu pensamento ao desse escritor, baliza sua crítica a partir da opinião deste e estabelece com isso, um ponto de contato com as possibilidades de leitura que lhe são oferecidas nesses textos através dos temas ali discutidos. No *post* mencionado, destaque para a comparação do texto de Mia Couto com outros textos que Sant’Anna consumiu sobre o mesmo assunto, o que remete a seleção que este realiza até realmente citar o texto de outro escritor.

Dessa forma, Sant'Anna seleciona e estabelece pontos de contato entre sua escrita e sua leitura, uma leitura que envolve, também, a produção de outros escritores. Ainda no texto de Mia Couto, é possível observar como Sant'Anna aproveita as leituras que está fazendo sobre determinado acontecimento para inserir as impressões desse escritor, impressões as quais, dessa forma, ele não só estabelece diálogo, concordando com suas colocações, mas também critica o seu colega e sua postura em relação as suas opiniões.

Os diálogos entre avatares, nos espaços da internet utilizados por Sant'Anna não se dão, apenas, em relação à escrita literária ou crítica sobre determinado assunto ou acontecimento. Ao narrar os detalhes de um evento cultural do qual participou, Sant'Anna, além de divulgá-lo, marcar a sua presença no local, comenta o lançamento de dois dvd's de um casal de poetas e chega ainda a citar o consagrado poeta Jorge de Lima, comparando-o a um deles.

O casal Nauro Machado e Arlete Nogueira da Cruz são duas presenças fortes da poesia e da literatura em São Luiz. Agora fizeram algo criativo e audacioso. Juntaram num DVD intitulado CURTA POESIA- dirigido pelo filho Frederico da Cruz Machado. Um filme em dois. [...] Esses dois filmes de Frederico, inventivos e pungentes, ganharam dezenas de prêmios em festivais no Brasil e no exterior. Nauro é da estirpe de Jorge de Lima elaborando as "vãs falas da epopéia/feita apenas de uma idéia/laborada pelo vento". (SANT'ANNA. 26/01/2009. *Blog*).

Chama a atenção, no excerto, o registro das andanças de Sant'Anna pelo Brasil no sentido de prestigiar seus colegas de profissão, bem como marcar sua presença, como já foi dito, em eventos artísticos e literários, onde, seguramente, ele aproveita para divulgar suas ideias e suas últimas publicações.

A rede de citações e diálogos é quase que infinita. Se ainda for considerada a teia de encadeamentos em que esses discursos se distribuem, ela pode despertar no leitor um sem número de leituras e percursos realizados por Sant'Anna, percursos que passam por suas preferências, pela propaganda de outras publicações nas suas vias de comunicação *on line*, bem como na possibilidade de interação com esses outros e seus discursos. Em alguns *posts*, Sant'Anna chega ainda a ser mais efusivo do que numa crítica normal, demonstrando sua excitação diante dos escritores que surgem na contemporaneidade quando ressalta o valor que estes possuem.

O conteúdo desses comentários sugerem, então, a colocação de uma peça importante na imagem que Sant'Anna perfaz de si no ambiente midiático: a de um escritor solidário com aqueles que surgem, reconhecedor dos méritos dos de ontem e sensível a produção que julga ser de fato, uma produção de “qualidade”.

No *post* que traz o animado título “Gregório é o cara”, Sant'Anna comenta sobre o curso ministrado pelo versátil Francisco Gregório Filho, um artista acreano que, como Sant'Anna, teve sua carreira marcada por uma incursão como professor na PUC-RJ:

Se há uma pessoa que, como se diz, "faz a diferença", essa pessoa é o Francisco Gregório Filho. Nesses dias ele está dando um curso sobre livros, leitura, contação de estória, imagine para quem? para os livreiros da Travessa. E na sexta-feira, às 19 horas na Travessa Leblon vai estar para num bate papo aberto com um público maior. Se eu for começar a enumerar coisas que essa fantástica figura já fez e faz, ia gastar todo o dia escrevendo. (SANT'ANNA, 27/08/2010. *Blog*).

Como já foi dito, o *blog* de Affonso Romano de Sant'Anna também é um canal através do qual ele divulga o diálogo que estabelece tanto com outras áreas como com outros escritores. E, talvez pelo fato de a notícia ter sido copiada (embora sem que fosse revelado pelo blogueiro o crédito), Sant'Anna fala de si em terceira pessoa e o *post* toma um formato de cartaz ou notícia/promoção de um evento em que participará. É comum, inclusive, a divulgação de determinado evento seguido, no dia posterior, de um outro *post*, onde ele narra as experiências que trocou com os artistas deste evento.

Dessa forma, é também através das trocas com outros artistas e da versatilidade dos seus discursos, que parecem, em geral, ter surgido naquele momento, que Sant'Anna vai acrescentando a sua figura os tons que o marcam e a sua escrita, onde esses diálogos se entremeiam. No *post* abaixo, ele fala do seu não inédito encontro com Marina Colassanti e a artista poeta Elisa Lucinda:

A Casa Poema – Escola Lucinda de Poesia Viva - promove gratuitamente o evento “A Poesia do Encontro” em que homenageia os poetas **Marina Colassanti e Affonso Romano de Sant'Anna**. Os alunos e professores da Casa Poema falarão da poesia de Marina e Affonso, depois Elisa Lucinda os convida para um bate-papo. Esta é a quinta edição do projeto que nasceu de um encontro de Elisa Lucinda e **Rubem Alves**, que culminou num livro chamado “A poesia do encontro”. Neste evento, a Casa poema já recebeu os poetas **Ferreira Gullar, Viviane Mosé, Marta Medeiros e Elisa Lucinda**. (SANT'ANNA, 24/09/2010. *Blog*).

Nota-se, no post mencionado, que além da divulgação do evento “A poesia do Encontro”, Sant’Anna realiza um exercício de auto-promoção através da sua condição de homenageado. Dessa forma, mais do que apenas divulgar um evento, ele divulga um evento em que sua escrita – e a da sua esposa Marina Colassanti – é o tema. Mais do que isso, Sant’Anna ainda confere ao evento legitimidade e importância ao citar outros nomes que participaram de edições anteriores, como Ferreira Gullar e Marta Medeiros, dentre outros. Amplia, assim, a ideia de diálogo com outros escritores, reforçando a imagem que está criando de si mesmo, de alguém que pertence e preenche espaços já consagrados e que compartilha suas experiências através da escrita, das conversas, do diálogo com interessados que frequentam tais eventos.

Outro tipo de diálogo que Sant’Anna estabelece com os seus colegas de escrita dá-se através da transcrição de trechos do texto do escritor escolhido. No *post* abaixo, o que se pode perceber é que tal escolha, por vezes, diz respeito ao fato de o mencionado escritor compartilhar das mesmas idéias que ele vem desenvolvendo na sua produção. Assim, o avatar de Sant’Anna dialoga com o avatar que compartilha das mesmas opiniões que ele. E se o assunto girar em torno de uma das suas polêmicas sobre as artes, por exemplo, esse será mais um motivo para retornar ao assunto e provar a sua relevância em termos de discussão.

Em tempo de "bienal do vazio" é bom transcrever um poema de Thomaz Albornoz Neves, que enfrenta esse tema, digamos, de uma forma plena, conforme seu último livro "Exílios" (Ed. Movimento). Ele nasceu na fronteira com o Uruguai, onde é fazendeiro, mas esteve no Rio fazendo mestrado na PUC-RJ. Pertenceu ao primeiro conselho editorial da revista "Poesia Sempre", que criei na Biblioteca Nacional nos anos 90, viveu em várias cidades européias. Está vivendo num "exílio" metafísico junto à natureza e os animais e deste livro faz parte este poema. (SANT’ANNA. 10/11/2008. *Blog*).

Sant’Anna aproveita, ainda, no mesmo *post*, para mencionar passagens da sua biografia que julga serem relevantes para o que está sendo discutido, ao menos como forma de justificar, no caso em questão, como conheceu o escritor citado. Assim, além de fazer referencia as suas ideias, Sant’Anna avalia a importância dos projetos que criou frente à Biblioteca Nacional, como a revista *Poesia Sempre*. Uma forma, talvez, de mostrar o alcance desses projetos e sua influencia na carreira de outros.

Leitor aguçado e voraz, Sant'Anna revela suas leituras e acrescenta, invariavelmente, um livro novo ao seu repertório. A boa maneira “o que estou lendo agora”, ele compartilha com os leitores sua experiência não só de escrita, mas também de leitura, o que termina se tornando, para aqueles que se dispõem a percorrer esse caminho, um instigante exercício de busca por fontes. Uma busca tão inútil quanto a busca pela origem do texto.

No excerto reproduzido abaixo, Sant'Anna fala da sua relação com o escritor da obra mencionada, e revela, também, como tem acompanhado a carreira literária do mesmo.

Carlos Byington- psicanalista de formação junguiana, que estudou na Europa, clinicou no Rio e hoje vive em São Paulo acaba de publicar - PSICOLOGIA SIMBOLICA JUNGUIANA (Ed.Linear B)- um livro que ele, modestamente, considera uma "ousadia" e uma "releitura dos conceitos dos grandes mestres", como Freud, Jung e Neumann.Byington, que foi meu vizinho em Ipanema e cujo trabalho acompanho faz tempo, vem formulando uma visão bem pessoal das relações entre a psicologia clinica e os processos criativos. (SANT'ANNA. 23/03/2009. *Blog*).

Quando participa de eventos, onde inclusive lança seus livros, Sant'Anna tanto realiza um certo tipo de registro jornalístico do que aconteceu, com informações sobre os freqüentadores, sobre o lugar, a comida, com uma linguagem bem descritiva, como também aproveita para comentar sobre o conteúdo do que acaba de ser publicado. No trecho do *post* reproduzido abaixo, o que se vê é um sujeito que ainda produz e que usa o suporte para marcar o seu envolvimento e – ainda – presença nos espaços dedicados a promoção da cultura. Com isso, sinaliza que é um escritor/intelectual/poeta em plena produção, e que também narra seus feitos na internet.

Em Curitiba, Rogério Pereira (com pinta de Gregory Peck) editor do "Rascunho", continua passando a limpo a cultura da cidade (e nacional). Não satisfeito de ter esse jornal jovem e independente, que corre paralelo e complementar aos suplementos dos jornalões, resolveu abrir com a chef Gabriela Ferraz (quase uma atriz sueca) o restaurante QUINTANA. Ali reencontrei Cláudio Coutinho e Susan Bloom da "Sociedade dos Leitores Tortos", Rodney Caetano que escreveu uma sofisticada tese sobre meu livro "Poesia sobre poesia". Ali, no dia do lançamento de O ENIGMA VAZIO: IMPASSES DA ARTE E DA CRITICA, o enigma podia ser vazio, mas a casa estava cheia. (SANT'ANNA, 24/06/2009. *Blog*).

É possível perceber, ainda, uma pista sobre a leitura que faz das críticas que realizam sobre sua produção. Sant'Anna avalia o estudo de Rodney Caetano sobre *Poesia sobre Poesia* (1975) como “uma sofisticada tese sobre meu livro” e, dessa forma, revela sua anuência sobre o que foi escrito. Ao mesmo tempo, divulga as críticas sobre seus textos e, sendo assim, divulga também os seus textos.

Em alguns casos, ele chega a resenhar livros de poemas publicados por amigos numa linguagem tão informal como seria caso estivessem conversando pessoalmente. O texto da conversa com o autor da publicação mencionada é produzido de uma forma tão informal quanto a descrição que ele faz dela.

Meu caro Carlos Felipe Moisés, agora, como dizia meu pai, você deu um quinau, ou seja, deu uma lição, arrasou com esse seu livro de poemas NOITE NULA (Naquin Editorial). Primeiro, em vez de prefácio, você transcreveu as cartas que trocou com a escritora e psicanalista Ana Cecília Carvalho, sobre três poemas que havia publicado no SLMG, e ela adorou. [...] (SANT'ANNA, 22/11/2008. *Blog.*)

As discussões também são muito acirradas e, não satisfeito em incitá-las, Sant'Anna ainda reproduz os entusiasmados ringues que acontecem nos congressos, feiras e festivais na sua página. É claro que se trata de uma mão de via única, afinal, para os que não presenciaram o debate, fica apenas, no *blog* de Sant'Anna, a versão por ele apresentada:

A mesa do último dia da Jornada Literária com Alberto Manguel (escritor-historiador), Beatriz Sarlo (ensaísta-crítica), Kate Winson (editora, ARS e coordenada por Fabiano dos Santos (responsável pela Leitura no MINC), foi a mais quente e a que mais interesse despertou na platéia que ora aplaudia um, ora outro, em posição contrária. Na verdade, todo mundo queria discutir. A mesa estendeu a discussão por mais uma hora. E não vai terminar ali. (SANT'ANNA. 27/08/2011. *Blog.*)

Tal episódio é mencionado mais de uma vez no seu *blog*, com uma particularidade: Sant'Anna, além de resumir a sua fala no evento, reproduz também o comentário feito por uma das componentes da referida mesa de discussões, Kate Winson, sem traduzi-lo. Não reproduz, no entanto, a fala de Alberto Manguel, com quem Winson travou um intenso debate. Mais uma forma de promover um diálogo entre escritores, mesmo que seja pela discordância.

De todos os textos analisados, é possível perceber que Sant'Anna busca dar manutenção à linha de diálogo que estabelece com outros escritores, artistas, musicistas e produtores culturais de uma forma geral, de modo que, dentro daquela lógica da estratégia de se manter dentro do furacão das discussões que circulam nesse universo é, sem dúvida, uma forma de ainda se manter nele. E se isso acontece através dos suportes da internet, a discussão pode se tornar ainda mais interativa e veloz, considerando os recursos disponibilizados pelo meio.

Affonso Romano de Sant'Anna não se esquiva, ou melhor, não abre mão de mencionar leituras e artistas, alimentar os embates que circulam no meio, visto que dessa forma ele mesmo, sua trajetória e sua produção passa também a ser discutida e até polemizada. De uma forma ou de outra, é importante considerar, dentro das reflexões que se desenvolvem nesse trabalho, como esse diálogo vai penetrar as redes interrelacionando artistas de diferentes áreas e cujas produções atravessam o caminho discursivo de Sant'Anna.

Por esse viés, a fragmentação desse sujeito no cyberspaço, que registra sua presença e através dela produz efeitos de sentido em si e em quem acessa as suas informações através dos suportes que ele utiliza será o foco de análise da próxima seção.

1.4 FRAGMENTOS DE UM SUJEITO NO CYBERESPAÇO

Para dar contorno ao avatar criado por Sant'Anna para transitar na internet é necessário estabelecer alguns pontos de reflexão que permitam acompanhar os movimentos que conduzem Sant'Anna à criação de si, através da figura por ele criada para representá-lo no cyberspaço. Nesse sentido, a forma como ele transita e como sua presença é ali registrada podem conduzir à ideia de fragmentação desse sujeito e a configuração da imagem de si mesmo disponibilizada por Sant'Anna nessa via de publicação *on line*.

Desse modo, mais pertinente do que pensar em uma unidade de sentido desse avatar, parece mais coerente partir da sua fragmentação. Isso porque, para compreender a constituição da referida imagem a que Sant'Anna está se dispondo a criar de si

mesmo, é preciso refletir sobre a forma como esse avatar se comporta, ou mesmo como ele é formado: dos estilhaços lançados no espaço cibernético.

Devido aos novos sistemas de comunicação, sobretudo aqueles de transmissão cada vez mais instantânea, mídias que são utilizadas por Sant'Anna como o *blog* e o *twitter*, por exemplo, o sujeito que se vale desses recursos como forma de autopromoção da imagem que cria de si precisa registrar sua presença de maneira que ela venha a produzir um sentido.

Os conceitos de presença e sentido, e mesmo sua relação fazem parte do estudo desenvolvido por Hans Ulrich Gumbrecht (2010) em “Produção de presença”. Essas reflexões colocam-nos diante de uma questão pertinente para se pensar o *corpus* selecionado para este trabalho. Gumbrecht, que assume explicitamente o compromisso de “lutar contra a tendência da cultura contemporânea de abandonar, e até esquecer, a possibilidade de uma relação com o mundo fundada na presença” (GUMBRECHT, 2010, p. 15), acrescenta que alguns “‘efeitos especiais’ produzidos hoje pelas tecnologias de comunicação mais avançadas podem revelar-se úteis no re-despertar do desejo de presença” (*ibidem*).

Os “efeitos especiais” a que ele se refere de fato são muitos e, no caso do material de Sant'Anna que está sendo aqui analisado, diz respeito às estratégias por ele utilizadas para promover a si mesmo, para chamar a atenção no espaço midiático que mais publicidade requer daquele que se dispõe a utilizá-lo: a internet. Ao compor seu avatar, Sant'Anna faz a opção por mover o seu corpo cibernético que gera sensações fundadas nas relações que este estabelece com o mundo, independente se fora ou dentro desse espaço.

Assim, torna-se frutífero observar que o desejo de presença, em Sant'Anna, surge na evidente tentativa de percorrer espaços antes não explorados e que passam a ser essenciais na divulgação do seu pensamento e na constituição da imagem que ele quer criar de si.

Partindo da proposta do filósofo Hans Ulrich Gumbrecht, fica mais claro entender os processos em que se dispõem a escrita do sujeito que transita pelo universo da internet, visto que os mecanismos de criação dessa escrita passam pela constituição desse sujeito e, mais ainda, marcam a sua existência. Além disso, causa efeitos de sentido e sensações, próprias da escrita, mas que talvez sejam melhor percebidas se mediadas pela produção de presença que, segundo o pensador alemão, “aponta para

todos os tipos de eventos e processos nos quais se inicia ou se intensifica o impacto dos objetos “presentes” sobre corpos humanos”. (GUMBRECHT, 2010. p. 11).

Para além da marcação e da pura materialidade dos textos impressos de Sant’Anna e dos textos *on line*, o conceito de “presença” amplifica a existência destes na medida em que permite que o leitor/usuário percebe e participa do processo criativo desse escritor. De outro modo: os objetos são dispostos de maneira dispersa e pistas são lançadas nos textos desse escritor que revelam a sua presença através dos seus traços autobiográficos e os torna mais dinâmicos à medida que esse leitor/usuário interage e interfere, portanto cria os textos desse sujeito. Não apenas os objetos, mas as sensações que estes causam.

As sensações e os objetos só podem ser entendidos através dos sentidos que lhe atribuímos e, segundo Gumbrecht, “se atribuirmos um sentido a alguma coisa presente, isto é, se formarmos uma ideia do que essa coisa pode ser em relação a nós mesmos, parece que atenuamos inevitavelmente o impacto dessa coisa sobre o nosso corpo e os nossos sentidos” (GUMBRECHT, 2010. p 14).

Ora, essa invocação da presença para entender os mecanismos da existência fragmentada do avatar de Sant’Anna no cyberspaço condiz com a possibilidade de identificação desse sujeito a partir das relações que este estabelece com aqueles que frequentam suas páginas: *site*, *blog*, *twitter*, ou mesmo aqueles que ouvem suas crônicas no *site* da rádio metrópole. Uma relação estabelecida a partir da interação com aqueles que consomem seu texto, fazendo com que este se presentifique naquele meio.

A reflexão filosófica desenvolvida por Gumbrecht mostra-se produtiva para este estudo visto que se pauta, ainda, na tensão entre efeitos de presença e efeitos de sentido, talvez uma saída para se pensar a transmutação dos espaços percorridos por Sant’Anna, que passam pela via impressa e pela publicação *on line*. Tal questão pode ser colocada, nos estudos desses textos de Sant’Anna, de outra forma: um efeito de presença ou uma presença que, a partir do momento em que é registrada no cyberspaço através do avatar que o representa, produz efeitos.

No entanto, é preciso pensar: como se constitui essa presença? E que efeitos essa presença produz? Para Gumbrecht, “qualquer forma de comunicação produz presença”. Nos textos de Sant’Anna publicados na internet, a comunicação ocorre nos seus diferentes níveis, através da publicação e comentários de notícias, através da divulgação da sua agenda e da promoção de eventos com os quais revela afinidade, através, sobretudo, do diálogo que mantém com outros avatares. Nota-se que essa presença é

definidora para sua inserção no cyberspaço e significa, também, uma forma de destacar o que se publica. A presença é, portanto, inevitável e imprescindível na produção de sentido e é através do sentido que se pode perceber a construção do avatar de Affonso Romano de Sant'Anna.

Gumbrecht, que se mostra disposto a “desafiar o estatuto de exclusividade de que a interpretação goza nas humanidades” propõe para a interpretação futuros, a saber: a epifania, a presentificação e a dêixis. Não se pretende aprofundar em tais questões, apenas sublinhar os conceitos principais que ele desenvolve e, a partir desses conceitos, refletir sobre a produção de Sant'Anna na internet, um dos principais objetivos deste trabalho. Há que se esclarecer que, ao admitir esse conceito de presença como uma possibilidade de reflexão sobre a forma como se constitui o avatar de Sant'Anna no cyberspaço, é preciso compreender os efeitos que essa presença produz. Trata-se daquilo que Gumbrecht vai chamar de “sensação de algo”, e que, em relação aos textos de Sant'Anna, é o registro, através da sua escrita e da imagem que ele cria de si, do lugar que este passa a ocupar.

Aqui, já se torna possível pensar a oscilação entre presença e sentido sugerida por este pensador. O registro da presença de Sant'Anna dá-se no cyberspaço não apenas no momento em que ele configura o seu avatar e vale-se de uma composição sígnica para este fim. Os sentidos que este consegue atribuir à sua imagem são fragmentados e talvez impossíveis de serem compreendidos na sua totalidade. Isso dada a sua configuração, por se tratar de um ser que está sempre em construção e que apenas representa esse sujeito naquele espaço.

Assim, pensar na presença de Sant'Anna nesse meio é admitir que o corpo cibernético é que marca essa presença, de maneira que os sentidos que ela produz não são validados e percebidos, apenas, por aqueles que acessam esse mesmo espaço e registram essa presença. Os sentidos são produção e reflexo, simultaneamente, daquele que busca produzir essa presença: Affonso Romano de Sant'Anna, que está criando-se e buscando sua forma de existência nesta via.

Por outro lado, a fragmentação desse sujeito deve-se tanto à forma como seu avatar é produzido quanto a maneira com a qual o leitor atribui-lhe um sentido. As informações são distribuídas de maneira dispersa e, embora Sant'Anna busque oferecer uma imagem ampla de quem ele deseja ser através dos suportes que utiliza, essa fragmentação se deve ao fato de que será impossível ter acesso ao que ele realmente pode ser. É preciso unir peças, concatenar imagens, somar informações – que nem

sempre podem ser verificadas – participar da feitura do avatar de Sant’Anna, a fim de perceber que sua presença é, em um certo sentido, marcada pelo efeito que esta produz.

Nos textos de Sant’Anna essa “produção de presença” se dá, efetivamente, através da sua inserção no espaço público nos meios de publicação *on line*. Além disso, a comunicação de avatares com interesses semelhantes e as escolhas de Sant’Anna na composição da sua imagem na internet marcam, também, a sua presença nesse espaço. Para entender melhor as relações oriundas do avatar de Sant’Anna presente nesse meio, é preciso refletir, à luz das teorias que se aproximam destas reflexões, seus mecanismos de constituição.

2 PENETRANDO AS REDES TEÓRICAS

Não há autor responsável, em qualquer área, que não desenvolva um pensamento teórico.
(SANT'ANNA, 2011).

Os conceitos de intelectual, autobiografia, autofiguração, bem como a leitura sobre as relações dialógicas que partem do pensamento bakhtiniano observados nos textos de Affonso Romano de Sant'Anna permitem um olhar enviesado sobre a sua produção. Enviesado porque se trata também de uma reflexão teórica que toma como ponto de partida um escritor que está, via de regra, produzindo teoria nos seus diferentes discursos, nos mais variados suportes.

A teoria que pode ser identificada nesses textos corresponde tanto a uma sedimentação do pensamento intelectual do escritor – sua formação crítica e teórica, suas escolhas e predileções artísticas e literárias, bem como a elaboração das teorias que ele mesmo desenvolve a partir do consumo de textos anteriores e reflexões próprias.

O caminho a ser percorrido nesse estudo passa, portanto, pela releitura que Affonso Romano de Sant'Anna faz das teorias, sobretudo os estudos desenvolvidos por Mikhail Bakhtin – e como seu pensamento teórico está amalgamado à sua produção ficcional e às narrativas que faz de si nos textos da internet.

Nesse mesmo viés, é preciso pensar o suporte junto aquilo que o caracteriza e por isso outras questões são colocadas em xeque que não só a passagem do suporte, mas como, por exemplo, as questões que envolvem autoria e a rede intertextual de citações, também chamada de hipertexto, precisam ser repensadas no cyberspaço.

Diante disso, é importante destacar, ainda, que os posicionamentos teóricos e as escolhas artístico-literárias de um autor, inclusive quanto ao lugar onde esse texto está sendo publicado/disponibilizado, dizem muito do seu pensamento e nos colocam diante da sua escrita com uma reflexão que pode ser conduzida a partir dos interstícios da linguagem, não por uma perspectiva essencialista, imanente, mas confluyente e aberta a leituras. No caso em tela, no espaço onde estão concentradas as imagens de si criadas por Sant'Anna na composição do seu avatar é possível analisar essas escolhas teóricas.

Para tanto, faz-se necessário revisar esses conceitos, considerando as discussões que surgem na contemporaneidade e as especificidades dos textos de Sant'Anna que serão analisados, comportando suas mais variadas nuances e possibilidades de leituras. Para uma literatura que se modifica no espaço-tempo, teorias que venham a refletir sobre tais mudanças.

2.1 AUTOBIOGRAFIA, AUTOFIGURAÇÃO

Definir literatura é um exercício teórico constante, que passa pelo texto produzido bem como por aquele que o produz e o processo de recepção, além do meio de publicação, das formas de divulgação, das discussões que suscita, o mercado editorial, dentre outros. As definições de literatura passam, também, pelas pretensões de escritores que lançam seus textos com o objetivo de que eles sejam assim definidos.

A definição, contudo, não é o único problema de categorização dos textos publicados na internet. Os gêneros que deslizam por essas escritas são cada vez menos rígidos e o que os marca é justamente a fluidez em relação a essas variantes. Na realidade, nem mesmo essa busca por se tornar literário tem sido muito frutífera, considerando a miscelânea de gêneros, apropriações, estilos e linguagens que compõem um único texto.

Em geral, nas narrativas blogueiras, bem como nos curtíssimos *tuítes* publicados em perfis, o que se pode observar é um culto àquele que escreve esses textos. Por vezes o interesse recai muito mais sobre a vida desse sujeito que propriamente sobre temas eleitos para discussão. O tema é o próprio sujeito da escrita.

Esses textos não são, necessariamente, considerados literários, embora tematizar a escrita e introduzir o sujeito que escreve nesse espaço não seja um aspecto novo em literatura. Essa é uma das vias que percorre esse estudo, que parte para análise onde tais aspectos podem ser observados: os textos de publicação *on line* de Affonso Romano de Sant'Anna.

Seria difícil precisar em que momento o foco da narrativa passou a ser o próprio sujeito que escreve e como essa passagem respinga nas escritas difusas que surgem, com intensidade, no cyberspaço.

A senda teórica escolhida para que este trabalho pudesse caminhar até a escrita produzida na internet por Sant'Anna partiu das questões que circundam o conceito de

autor e autoria até a autobiografia como escrita de si, como autofiguração, já que faz parte deste grande leque de possibilidades de interpretação em um texto que já parece nascer híbrido, onde o próprio meio de publicação, com tipos e linguagens heterogêneos, impossibilita qualquer tipo de definição restritiva.

Por esses motivos, a tendência da literatura contemporânea em esfoliar os limites há muito imprecisos entre ficção e realidade, público e privado é, em si, um problema que não comporta, a princípio, uma única definição, senão várias. Ou seja, é preciso estabelecer pontos de reflexão teórica mesmo que essas pareçam não dar conta do *corpus* analisado, visto que não há um padrão nem do meio utilizado para a publicação desses textos, nem dos próprios textos que estão sendo publicados. A restrição, assim, será em relação à análise, considerando o *corpus* específico deste trabalho: o *site*, o *blog* o *twitter* e as crônicas de rádio publicadas pelo escritor Affonso Romano de Sant'Anna.

Para entender os mecanismos que operam, na escrita autobiográfica, uma construção discursiva, fazendo com que esses penetrem nas relações entre texto e vida, é preciso mapear as questões que circundam esse fenômeno, observado, com vigor, na escrita disponibilizada na internet por Sant'Anna.

A questão da autoria via Roland Barthes (1987), que preconizava a morte do autor, admitindo a existência de um autor empírico e um autor real, marcava também o lugar do leitor como aquele onde a multiplicidade se reúne. Defendia Barthes que essa multiplicidade confluía para um espaço ordenado por aquele que lê e não para o autor em si.

Barthes, para quem a unidade do texto não está na sua origem, mas no seu destino, propõe descolar o autor da obra no sentido de que o leitor é que passa a ser o tradutor dos dispositivos temáticos e discursivos do texto. (BARTHES, 1987, p. 50).

Ora, estabelecer esses limites parece ser produtivo no sentido de que o autor do texto pode ser identificado como um ente discursivo, não importando a projeção em primeiro plano daquele que está nas redondezas do texto. Precisar o autor do texto não seria mais necessariamente uma busca, visto que ao leitor caberia a função de identificar os pontos de contato do texto e suas possibilidades de interpretação, não da pura análise com vistas a estabelecer as suas leituras de acordo com a biografia daquele que o escreve.

Dessa discussão advém, por conseguinte, uma outra: é possível então colocar em primeiro plano o ente que está sendo produzido na escrita por esse autor empírico nos interstícios do texto? Onde exatamente começa um e onde termina o outro? Apontar, no

texto, traços que identifiquem aquele que escreve não faria mais parte do foco de uma análise, mas revelaria a feição dessas formas híbridas que parece ser predominante nas produções que proliferam na internet.

A reflexão desenvolvida por Roland Barthes já apresentava essa tenção, desprendendo autor de obra, deslocando – o do sujeito criador. A autoridade, pois, concedida ao autor, através dos estudos biográficos e historiográficos, é colocada em xeque. É evidente que tal reflexão foi essencial para que se pensasse o autor a partir dos seus deslocamentos dentro do texto e foi assim que os estudos sobre a sua biografia foram atravessando uma fase de declínio na medida em que avançavam as análises sobre o texto.

Contudo, a análise pura e simples do texto, apesar de essencial para que os estudos literários progredissem, também não daria conta das escritas que passavam a colocar em foco o sujeito que escreve: a androgenia presente na maioria dos relatos blogueiros, por exemplo. A autobiografia que penetra esses textos traz os traços das narrativas de si, mas se funde aos assuntos diversos, aos tantos outros temas trazidos com a pretensão de que sejam discutidos.

É preciso, contudo, pensar a definição de autor considerando os abalos sofridos após a notícia de sua “morte”. Essa questão foi amplamente discutida por Michel Foucault, que propôs a idéia de autor como uma função. Em “O que é um autor?” Foucault (1992) afirma que essa função, dispensada nos discursos científicos, pode ser observada nos discursos literários, função que se constitui, segundo ele, como uma “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 1992, p. 46).

No caso particular dos discursos literários, o que esse pensador acrescenta parece ser útil para que tal proposta possa ser discutida.

Mas os discursos “literários” já não podem ser recebidos se não forem dotados da função autor: perguntar-se-á a qualquer texto de poesia ou de ficção de onde é que veio, quem o escreveu, em que data, em que circunstâncias ou a partir de que projeto. O sentido que lhe conferirmos, o estatuto ou o valor que lhe reconhecermos dependem da forma como respondermos a estas questões. **E se, na seqüência de um acidente ou da vontade explícita do autor, um texto nos chega anônimo, imediatamente se inicia o jogo de encontrar o autor.** (FOUCAULT, 1992, p. 49). (grifo meu).

Essa vontade de identificar uma figura que, por vezes, metamorfoseia-se e se camufla é, nesse sentido, uma necessidade que o leitor sente em relação ao texto. Os discursos disseminados na contemporaneidade dizem de um autor que retorna ao texto, mas na tentativa de indagar sobre si mesmo, não se colocar precisamente apenas no espaço textual ou fora dele. No excesso de exposição, o mistério que o mantém nesse jogo.

Nos textos de Sant'Anna, o que se pode notar é que esse excesso de exposição pode funcionar como uma forma de, ocultamente, resplandecer. De outro modo: o esconder/revelar funciona como uma estratégia que se torna evidente no discurso e é confirmada pela escrita – nos diferentes textos (áudio-visuais, escritos) publicados na internet. Talvez essa escrita venha atender a uma demanda da sociedade atual, cunhada de individualista e narcisística, como bem observou Leonor Arfuch (2007), mas a forma como ela tem sido conduzida constitui-se um desafio de leitura, na medida em que deixa o leitor em busca de confirmações sobre a veracidade do que se diz a constatação de que se trata de um exercício da escrita.

Dessa forma, a crítica contemporânea nas suas variadas vertentes – autobiográfica (com críticos como José Amícola e Leonor Arfuch), psicanalítica (Maria Rita Kehl), filosófica, historiográfica, dentre outras, tem buscado compreender e identificar traços na literatura de escritores como Sant'Anna, que usam o texto como espaço para discussão das formas de construção de sujeitos (aqui os textos escolhidos são aqueles de publicação *on line*), e esses sujeitos – via de regra – são eles mesmos. Fazem parte deste vasto conjunto os depoimentos, os diários, os textos confessionais, dentre outros, e despontam na cena crítica a partir da prática de escritores que, cada vez em maior número – um sintoma dos nossos tempos? – usam o texto para existir, em um movimento que aparenta, intencionalmente, ser peristáltico, involuntário, quase que como um efeito. Dentro do texto, tornam-se reais, fora do texto, ficcionalizam-se.

Essas formas, contudo, não são recentes, nem mesmo as reflexões que delas emergem. Evelina Hoisel (2006), no capítulo intitulado “Biografia e autobiografia: tradição teórica”, que compõe um estudo sobre a obra de Guimarães Rosa, mapeia o conceito de autobiografia partindo da leitura de Bakhtin, que observa a escrita autobiográfica desde Platão até o renascimento, em que, segundo Hoisel:

surgem as condições históricas efetivas para que a biografia e a autobiografia possam se afirmar como forma discursiva, que se

constituirá pela presença do *eu* a partir de um duplo e simultâneo foco: como o eu reage ao mundo e como o mundo experimenta o eu. (HOISEL, 2006, p. 22).

Essa interrogação, portanto, passa a ser cada vez mais evidente na medida em que a presença do *eu* torna-se um traço preponderante. Talvez a explicação para isso possa ser observada através de uma via de mão dupla: os escritores usam a escrita para interrogar sobre si mesmo, ainda que isso seja feito de maneira a observar via ficcionalização de si, ou mesmo através dela, e os leitores, os quais tiveram tanta importância nas reflexões de Barthes sobre o autor, usam essas narrativas para perfazer as mesmas indagações. Nos textos de Affonso Romano de Sant'Anna constata-se essa tensão de existência: de si (em relação e a partir) do outro.

Considerando esses movimentos, as relações entre texto, autor e leitor são fundamentais já que tornam a autobiografia muito mais que um gênero, mas algo mais abrangente e com vertentes variadas. Essas relações fazem parte das reflexões desenvolvidas pelo pensador francês Philippe Lejeune, dentre as quais importa aqui a ideia de **pacto autobiográfico**, onde o autor realiza um pacto com o leitor no sentido de que autor, narrador e personagem são a mesma “pessoa”. Trata-se de pactos referenciais, segundo o qual o discurso ali reproduzido pode ser verificado como verídico. Daí a diferença para o discurso meramente ficcional. (LEJEUNE, 2008).

Nem sempre, contudo, os referenciais citados por Lejeune posicionam-se de modo a fixar os espaços de cada um desses componentes constitutivos do discurso, e nem mesmo dos sujeitos que se permitem adentrá-los. Se o pacto não for plenamente estabelecido, isso não quer dizer que tal discurso não seja caracterizado como autobiográfico, caso dos textos de Sant'Anna aqui considerados.

Para Diana Klinger (2007), que realiza um abrangente estudo sobre essas questões, a autobiografia traz, em seu bojo, as discussões sobre as formas de escrita de si. Klinger ainda contrapõe o pensamento de Lejeune ao de Luiz Costa Lima, acrescentando que o estudo realizado pelo pensador francês

[...] avança sobre o problema do autor e propõe que este é um “efeito de contrato”. [...] Ao ampliar os limites para além da literatura e incluir formas midiáticas ou testemunhos de “pessoas comuns”, em *Je est une autre* Lejeune produz um deslocamento da focalização do gênero autobiográfico para o espaço autobiográfico, do qual o desenvolvimento da autobiografia moderna é apenas um aspecto. (KLINGER, 2007, p. 42).

As escritas de si são oriundas de processos textuais nas quais a presença do sujeito e suas experiências passam a relacionar-se às experiências vividas pelo leitor. O sujeito que escreve aproxima-se do leitor de tal forma que este passa a ter uma feição, mesmo que essa não coincida com a feição real do autor empírico. As feições dos leitores, todavia, no espaço cibernético, são as mais variadas e suas intervenções são tão constantes que estes passam a participar do processo criativo daquele.

Nesse sentido, não é suficiente falar em escrita de si, senão em escritas de si, possibilidades através das quais surgem no texto os contornos que delineiam aquele que escreve. É possível, então, considerar as escritas de si como formas de manifestação, através da linguagem, do eu, em que o tema é o sujeito que escreve, e é dessa forma que ele se realiza e pensa sobre si através dos processos constitutivos e mecanismos da escrita.

Os caminhos difusos que levam à autobiografia percorridos por Leonor Arfuch (2010) conduzem a essa abrangência de uso do termo, em que menos importa a diferença entre estes e mais interessa a “expectativa que esses geram” (ARFUCH, 2010, p. 69).

Assim, as escritas de si comportam não apenas a variação de gêneros e o diálogo que estabelecem através do processo de criação de um texto – seja a autobiografia como um pacto estabelecido entre autor e leitor, como quer Lejeune, ou a auto-ficção como uma forma de discurso ficcional em que “nome do personagem e do narrador coincidem com a do autor” (LECARME, 1994 apud KLINGER, 2007, p. 48). Distanciar a autobiografia da auto-ficção não sustentaria as disposições das narrativas blogueiras, visto que não se trata de uma narrativa coerente e única, mas de construções discursivas que se desviam de um padrão, variando conforme seja a multiplicidade de seres que se apresentam nos textos, sem data para aparecer ou desaparecer na internet.

A autobiografia é, portanto, um das formas de escrita de si, em que o sujeito busca, na escrita, realizar-se, onde ele se interroga, busca sua forma de existência, e, sobretudo, onde ele se cria, projetando uma imagem de si mesmo.

Se esse foco sobre o “eu”, como quer Foucault (2004), encaminha uma escrita de si para uma formação de si, autobiografar-se faz parte das tantas possibilidades de convergência desses eus produzidos por Sant’Anna nos discursos que são disponibilizados *on line* para os seus leitores-usuários na internet.

Ora, com o surgimento das formas midiáticas, o “espaço autobiográfico” avança para além das fronteiras da escrita e se une a uma série de escolhas simbólicas do autor que vão desde a configuração da sua página na internet para a composição do seu *site* ou na criação de um *blog* até àqueles que serão “seguidos” pelo seu perfil no *twitter*. Na abrangência desse espaço saltam formas, escolhas, decisões e caminhos percorridos pelo escritor que ora se posiciona no texto e extrapola as relações que esse possa vir a estabelecer com o leitor, que não mais apenas observa, mas tem a oportunidade de intervir efetivamente e construir, junto com o autor, a narrativa que ele está constituindo sobre si. Nesse caso, é oportuno pensar como Sant’Anna atua nesse espaço tão abrangente, como ele se realiza através das relações que estabelece com o seu leitor e das suas escolhas sígnicas.

Seja no *blog*, no *site*, no *twitter*, as escritas produzidas na internet por Sant’Anna parecem apresentar-se em um espaço amplo de confluência dessas formas e discursos, um lugar inacabado, mas que passa pelo crivo do seu criador, que professa ali a sua verdade, que libera a potência da escrita como criador e criatura de uma linguagem inventada, e que também o reinventa.

Para Leonor Arfuch, em *O espaço autobiográfico* (2005), estamos vivendo uma época marcada pela espetacularização do sujeito. Sobre isso frisa que:

O avanço da cultura midiática de fim de século oferece um cenário privilegiado para a afirmação desta tendência. Nela se produz uma crescente visibilidade do *privado*, uma espetacularização da intimidade e a exploração da lógica da celebridade, que se manifesta numa ênfase tal do autobiográfico, que é possível afirmar que a televisão se tornou um substituto ocular do confessional eclesial e uma versão exibicionista do confessional psicanalítico. Assistimos hoje a uma proliferação de **narrativas vivenciais**, ao grande sucesso mercadológico das memórias, das biografias, das autobiografias e dos testemunhos; aos inúmeros registros biográficos na mídia, retratos, perfis, entrevistas, confissões, talk shows e reality shows; ao surto dos blogs na internet, ao auge das autobiografias intelectuais [...]. (ARFUCH, 2005, p. 51). (grifo meu).

Toda essa constelação de “narrativas vivenciais” citadas por Arfuch fazem parte das já mencionadas escritas de si, que se localizam nos espaços fronteiros onde as relações entre autor, discurso e leitor são tensionados. Ora, o debate sobre essas narrativas vivenciais não tem, sequer, um termo único que as traduza plenamente. São muitas, tantas quantas são as peculiaridades que permeiam cada discurso produzido.

Aqui, contudo, será admitida a autofiguração como um processo de autopromoção da imagem produzida sobre si mesmo e que será melhor definida na sequência.

As marcas ou rastros deixados pelo escritor no processo de construção do texto são inúmeros e não se constituem como condição necessária para que nessas narrativas o sujeito apareça de forma evidente e nem mesmo que ele se transforme em ficção para constituí-la. A evolução dessas narrativas, por seu turno, permitiu que o sujeito fosse colocado de tal forma em primeiro plano que o discurso passa a não apenas revelar essas marcas, passa a não existir sem que elas apareçam enquanto elemento de embates, são, portanto, via de regra, o motivo para que a história possa ser contada, a notícia possa ser evidenciada ou a discussão possa permanecer enquanto discussão.

Arfuch reconhece, no entanto, que a escrita de si não é, como já foi dito, um fenômeno recente, mas uma marca da cultura contemporânea. (ARFUCH, 2010. p. 140). No capítulo intitulado “A vida como narração” que compõe a obra já mencionada, ela cita os gêneros que levaram a essa valorização dos relatos autobiográficos como uma instância de onde convergem os textos contemporâneos, desde as cartas, passando pelos diários, até o email, que afasta o emitente da escrita e traduz o impacto da internet. (ARFUCH, 2010. p. 149).

Se ao enfatizar o “eu”, na virtualidade, pode-se observar a maneira como Sant’Anna transforma-se e transforma também o espaço em que lança seu texto, é na internet que ele se expõe e se modifica, via olhar do outro. Trata-se não de algo novo, mas de uma prática de reinvenção desses eus, em que os leitores não se contentam (apenas) em observar, mas que se colocam na posição de participar desse processo.

Para Leonor Arfuch:

A internet conseguiu, assim, popularizar novas modalidades das (velhas) práticas autobiográficas das pessoas comuns, que, sem necessidade de mediação jornalística ou científica, podem agora expressar livre e publicamente os tons mutantes da subjetividade contemporânea. (ARFUCH, 2010, p.150).

A exposição do autor que ora posiciona seus textos nesse “espaço autobiográfico” expande a idéia de gênero atribuída tanto ao conceito como ao meio em que podem ser observadas suas especificidades, que se dissolvem a depender do ponto de vista da análise.

Assim, se o interesse pela biografia hoje parece estar ligado à idéia de segredo – ao biógrafo cabe a tarefa de revelar algo que não foi mostrado pela mídia ou pelo próprio biografado – as autobiografias parecem ainda mais instigantes por não apresentar esse outro mediador da história de vida que está sendo narrada. No caso da autobiografia, o jogo se torna complexo visto que as escolhas do que deve ser narrado passam pelo próprio objeto da narrativa e que, em alguns casos, nem é contada por ele mesmo, autor.⁶

Se essas formas são consideradas literárias, os textos publicados por aqueles que almejam uma carreira literária ou escritores que passam a transitar na internet reivindicam seu lugar – ou mesmo aqueles querem evidenciar seu discurso – por conterem traços que os caracterizam como tal, seja pela via do diário, da autobiografia, (características que passam pela configuração desses textos), ou, ainda, pela linguagem e conteúdo de que fazem uso (a maneira como se comunicam com outros textos e as opiniões que são ali postas em destaque).

A construção de uma autobiografia pode dar-se de formas diferenciadas, de acordo com a escolha dos códigos que se elege para a comunicação com o público que visita a página pessoal daquele que escreve. Escritores que passam a deixar rastros da sua vida na escrita blogueira, caso de Sant’Anna, criam a imagem do escritor que querem ser e que solicitam do leitor uma certa audiência.

É forte também a relação dos textos que aparecem no cyberspaço com os diários. Todavia, o segredo, a necessidade de expor na escrita confidências, a narrativa em primeira pessoa e a frequência “diária” que caracterizava o diário de ontem não é preponderante nos textos mencionados. Mais importante é manter “atualizada” a página e provar essa atualidade através do diálogo constante com aquilo que parece ser mais instantâneo e veloz na internet: as notícias. Além disso, é preciso informar, com certa frequência, o local onde o sujeito está, onde está sendo produzido aquele último comentário, o que se vê naquele momento, no momento em que se escreve.

A instantaneidade, produto e característica desses textos, revela o sujeito de maneira rápida (basta acessar sua página que o internauta já pode imaginar quem ele pretende ser), mas também demanda um exercício continuado. É dessa forma que,

⁶ Não apenas as biografias e as autobiografias são um tipo de literatura consumida com voracidade em nossos dias. Mesmo o processo de construção desses gêneros torna-se material para romances, caso da conhecida e já não tão recente publicação *Budapeste*, do músico-escritor Chico Buarque. O protagonista é um *ghost writer* que fica famoso por uma autobiografia a qual foi contratado para escrever. (BUARQUE, Chico. *Budapeste*. São Paulo: Companhia das letras, 2003).

paulatinamente, Sant'Anna vai se mostrando nos textos, não apenas comentando, como em um diário, seus feitos mais particulares e banais, mas através das suas opiniões e interferências nos assuntos mais diversos, vai encontrando uma possibilidade de assumir, através do seu ponto de vista, uma postura crítica diante desses mesmos acontecimentos.

A essa altura, é possível pensar algumas questões acerca dos aspectos autobiográficos presentes e disseminados nos textos que se lê na internet – o que vai auxiliar na compreensão da produção de Sant'Anna disponibilizada nesse meio.

Se o conceito de autobiografia parte da premissa de que se trata de um texto sobre o mesmo sujeito que escreve, e feito por ele, a autoria seria um aspecto definidor da presença desse ente discursivo, seu lugar haveria de ser definido. Os suportes tecnológicos, no entanto, mesmo nos textos que podem ser lidos como autobiográficos, autorizam uma interferência que é própria do meio, fazendo com que os jogos que envolvem a busca de encontrar o autor percam a sua força, já que as pistas conduzem, por vezes, a um sem número de outros hipertextos e citações.

Assim, o que prevalece é a particular dúvida que paira quanto à autoria dos textos produzidos na net, visto que, mesmo que a qualquer um deles seja atribuído um único nome, os recursos de citação, *mentions*, os *links*, e até mesmo a interferência do próprio leitor no texto são recursos, além de disponíveis, bastante explorados.

A autoria passa a ter pouca importância e, ao mesmo tempo, passa a ser o grande trunfo daquele que deseja aparecer através da imagem que cria de si naquele espaço. E já que se torna cada vez mais difícil determinar a origem e a veracidade do que se diz, é o caso de reconsiderar a posição ocupada por um autor que nem se pode garantir, realmente existe.

No texto “A autoria vista sob o suporte tecnológico”, Pedro de Souza (2004) identifica esses problemas e os discute considerando suas marcas em relação ao texto impresso. Declara, desde o princípio, que não pretende assassinar a figura do autor na *net*, mas evidenciar seu papel e suas nuances. Acrescenta, nesse sentido, que:

O que fica no centro dos questionamentos no que diz respeito aos novos suportes tecnológicos é o problema da autoria. Seja sob o aspecto punitivo – como no caso de plágios ou difusão não autorizada ou indevida de obras – seja sob o aspecto da justa atribuição – como no caso de dúvidas sobre quem fez ou escreveu tal obra -, o foco recai invariavelmente sobre o autor e sua obra, sobre o criador e sua criação. (SOUZA, 2004. p. 37).

O autor produz então um texto re-montado, re-combinado, e se ainda assim é possível encontrar marcas autobiográficas desse autor, trata-se da velha questão da autoria vinculada ao nome (do *site*, do espaço em que ele está sendo disponibilizado) em que é possível ler essas marcas. Nesse sentido, o autor, ao permitir que seu nome esteja vinculado a determinado endereço, perfaz, ao mesmo tempo, sua autobiografia, já que, dessa forma, também está vinculando a história daquele meio a sua própria história. Souza, sobre isso, afirma que:

É preciso levar em conta não o conteúdo do que se veicula na internet, mas o estatuto discursivo do *site* em que se circula. No campo do saber, por exemplo, os membros de comunidades discursivas legitimamente constituídas sempre sabem onde podem difundir seu pensamento sem perder o vínculo autoral com o que pensa, na forma com que é expresso no cyberspaço. (SOUZA, 2004. p. 38).

A internet, comumente considerada uma “terra de ninguém”, onde tudo pode ser dito, escrito, publicado, recortado, copiado, tem, de igual forma, espaços que oferecem uma certa credibilidade – mais uma vez quando essa credibilidade está associada ao nome. Se no *site* de Sant’Anna é possível ler a nomenclatura “oficial”, isso certamente conferirá a esse espaço um lugar de autenticidade em relação ao que está sendo publicado. A autoria, portanto, parece ser importante, no cyberspaço, enquanto mola propulsora da discussão provavelmente infinda sobre a origem e a verdade, o que, em se tratando de um espaço que se caracteriza justamente por essa disseminação e colagem instantânea de discursos, parece distante de ser resolvido.

Feitas essas considerações sobre a autoria no cyberspaço, parece produtivo admitir, para o exame da produção de Sant’Anna, a definição proposta por José Amícola (2007) no texto que traz o mesmo título: “A autobiografia como autofiguração⁷”. Ali ele faz uma retomada do termo autobiografia, salientando os momentos da história literária em que seu uso foi mais frequente. Toma como ponto de partida, para sua análise, o emblemático texto de Bourdieu, “Esquema para uma auto-

⁷ O texto de José Amícola utilizado neste trabalho é da edição em espanhol. A tradução é minha. In: AMÍCOLA, José. *Autobiografía como autofiguración*. Estratégias discursivas Del yo y cuestiones de género. Rosário: Beatriz Viterbo Editora: Centro Interdisciplinario de Investigaciones de Género. Facultad de Humanidades y Ciencia de La Educación. Universidad Nacional de La Plata, 2007.

análise”, em que este último afirma, desde o princípio, não se tratar de uma autobiografia.

Ao realizar esse percurso, Amícola mostra-se atento à dificuldade de identificação e delimitação do gênero autobiográfico e seus desdobramentos: “Com efeito, a autobiografia como gênero “literário” não só não escapa a essa fissura nas certezas, mas parece encontrar-se no epicentro do problema da representação e da suposta transparência da linguagem, que afeta de modo sem igual a intangibilidade do sujeito”. (AMÍCOLA, 2007. p 12).

O objetivo do seu texto, ele mesmo afirma, é “refletir acerca dos avatares que terminam por colocar esses tipos de textos em lugar privilegiado no interesse dos leitores atuais. (AMÍCOLA, 2007. p. 14). Na esteira de pensadores como Phillippe Lejeune, Michel Foucault e Mikhail Bakhtin, além de Beatriz Sarlo e Sílvia Moloy, Amícola põe-se a estudar casos de escritores como Cellini, Rousseau, Goethe e Sarmiento, percorrendo o sentido público em direção ao privado, passando, depois, pelo doméstico, ao estudar escritores como Gertrude Stein, Alice Toklas e Norah Lange, para enfim partir no sentido contrário: do privado ao público, observando a trajetória de Eva Perón e Victoria Ocampo.

Da análise que faz sobre *As Confissões*, de Rousseau, parece profícuo destacar a autotransfiguração como uma maneira de autobiografar-se, através da reprodução da imagem de si, do sentimento da existência pessoal como “valor absoluto” – o que pode ser expressamente observado em Rousseau, segundo Starobinski apud Amícola, que marcaria o momento mais alto da autotransfiguração. (STAROBINSKI apud AMÍCOLA, 2007. p. 91).

Lendo Lejeune, afirma que este não percebeu a existência da “imagem de autor” (p 27). Critica o trabalho de Lejeune, dizendo que seu estudo é reducionista por “não deixar espaço para o problema da relação da identidade nem para as formas híbridas”. (p. 29). O que de mais relevante se pode extrair do aprofundado estudo realizado por Amícola para a análise da produção de Affonso Romano de Sant’Anna é a autobiografia como parte de um processo realizado por alguém que aspira a fama, que narra, com foco na descrição, sua badalada trajetória, intensamente vivida, no caso de Sant’Anna, nos espaços que dividia com artistas e intelectuais de diferentes épocas e com os quais compartilhava ideias.

Assim, é possível definir autotransfiguração como o processo através do qual o autor cria, perfazendo a sua autobiografia, uma imagem de si mesmo, que se constitui a partir

das escolhas semiológicas que realiza, no sentido de se autopromover no espaço público. Autofigurar-se é, portanto, uma forma de criação e divulgação de si mesmo.

No intuito de criar essa imagem que passa a representar o avatar de Sant'Anna que se conecta à máquina, a forma como este passa a se expor no meio faz parte de uma trajetória artística e intelectual marcada por tentativas de manter seu discurso e preservá-lo. Se o discurso está ligado ao autor – disseminado na rede de citações que circula na *net*, essa imagem já nasce fragmentada, visto que faz parte das peças que sustentam a figura desse avatar.

Dois questões, no entanto, serão levantadas como motivadoras para discussão dos aspectos da autobiografia: a primeira questão diz respeito ao interesse dos leitores, internautas, usuários do cyberspaço e avatares das páginas de relacionamento e *sites* de escritores pelo desnudamento extremado da vida particular daqueles que postam mensagens, de famosos a anônimos, a depender da difusão do discurso que está circulando na rede.

A segunda questão, por seu turno, parece, a princípio, ser uma resposta à primeira: porque escritores consagrados e com espaço conquistado na via impressa como Affonso Romano de Sant'Anna inserem-se nesse novo ambiente de exposição *on line*? Estaria ele respondendo a uma demanda da era tecnológica? Apresentando outras formas de composição da sua autobiografia?

Por uma ou por outra via, é possível perceber que, ao apresentar sua imagem, autor, e ao participar do processo de composição dessa imagem, leitor, ambos passam por uma relação, no mínimo, diferente dos padrões da escrita impressa, na qual a autobiografia era apresentada ao leitor como algo mais acabado, quase que definitivo. É necessário, sem dúvida, rever os lugares ocupados e as ações realizadas por ambos, de modo que, com tal possibilidade de intervenção e interação, a imagem, se não traduz aquilo que realmente é, ao menos pode ser redimensionada de maneira mais efetiva via olhar do outro.

Atento a essas mudanças, Rogério de Souza Sérgio (2008), no texto “Discursos e suportes literários informatizados atribuem a autor e leitor novos papéis?”, recentemente publicado na revista IPOTESI, considera essa participação mais ativa do leitor nos textos como um fator importante nas reflexões sobre a figura autoral no cyberspaço: “A figura autoral, essencial na literatura ocidental, importante a ponto de ter seu nome estampado na capa do livro, agora pode ficar anônima ou ter a coparticipação de outros,

anônimos ou não, a partir do processo de escrita colaborativa permitido pela internet”. (SÉRGIO, 2009 p. 38).

Sérgio, contudo, é cauteloso no que diz respeito ao fator “novidade” que normalmente se atribui àquilo que está relacionado ao meio virtual:

Ao mesmo tempo, é preciso considerar que a presença do computador não inaugura tal discussão, apenas a acirra, fazendo parecer que a virtualidade e suas complexidades modificam os lugares da autoria e da leitura de forma definitiva. Mais sensato é pensar que a virtualidade não altera a posição da autoria e da leitura exclusivamente, mas apenas explicita esse procedimento em outro suporte. (SÉRGIO, 2009. p. 41).

Sendo possível identificar, na escrita produzida na internet, marcas da autobiografia de um sujeito que pretende criar uma imagem de si e que faz isso, também, através da interferência do leitor, parece produtivo pensar esses textos inseridos nessas relações. As mudanças na composição de uma autobiografia, mesmo que esta se encontre distribuída, aqui e ali, nas publicações diversas que se dispõem nos meios de produção e divulgação da imagem que o sujeito cria de si, não devem ser observadas apenas centradas na alteração do suporte, visto que este pode oferecer a autor e leitor outras vias de produção e recepção de textos.

No caso de Sant’Anna, cujos textos serão examinados no capítulo seguinte, pode-se verificar que tais marcas autobiográficas correspondem a autotransfiguração, a valorização do eu e do narrar-se de maneira a contabilizar sua experiência dentro da vida cultural, artística, política do seu país. A relação estabelecida com o leitor não apenas ganha espaço, mas fôlego, desde que seja aproveitada nos discursos produzidos sobre o eu, nos diálogos que interessam ser publicados a fim de reforçar os ganhos pela discussão de determinado assunto.

2.2 O INTELLECTUAL CIBERNÉTICO

O intelectual não precisa mais ser “pescado” na rede mundial de computadores. Há muitos peixes e quase não há mais água. Não há, também, mais cadeados nos diários. E se o tempo não nos permite a leitura atenta de mais de uma página, eis que

surge o *twitter*: micro – textos, estilhaçados e lançados no caminho, a procura de seguidores famosos e anônimos que intervenham naquele *post*, órfão, sem paternidade, porque possuidor de tantos pais.

Lançando sua rede literária na internet, o blogueiro escritor de hoje pode ser também aquele escritor-intelectual-crítico-poeta de ontem. No entanto, é preciso considerar que, com a transmutação de espaços, da via impressa para a virtualidade, esse intelectual passa a assumir outras feições, o que parece refletir na forma na qual ele se comporta diante dos acontecimentos. Esse intelectual pode ser definido a partir das suas tantas possibilidades de atuação.

O intelectual nos seus moldes clássicos, engajado, foi marcado pela grande representatividade que possuía em relação aos problemas que afligiam as comunidades globais. Esse sujeito gozava de certa autonomia, o que lhe firmava a possibilidade de intervir em diferentes campos – políticos, econômicos, sociais – e ser ativo em relação a essas mudanças.

O termo intelectual passou a ser utilizado a partir do famoso “Caso Dreyfus”, em que o escritor francês Émile Zola fez circular sua opinião, em uma espécie de texto-manifesto, sobre o julgamento do jovem judeu. Ali, o escritor quebrava os limites da sua atuação enquanto escritor e partia para o espaço público, a fim de suscitar o debate sobre uma questão que passava a ser do interesse da sociedade em geral. De literato, Emile Zola recebeu a alcunha de intelectual.

Helenice Rodrigues da Silva, no texto “Intelectual, entre mitos e realidades”, esclarece que:

Voltaire, Diderot e os Enciclopedistas constituem a gênese dos denominados “intelectuais” que, defendendo valores universais (justiça, verdade), se organizam como grupo social no final do século XIX, no momento do “caso Dreyfus”. Por intelectuais são, então, designados artistas, professores, escritores, ou seja, pensadores que, já tendo uma notoriedade, intervêm no debate público, em nome de valores morais e políticos. (SILVA, 2002. p 32).

Depois de Emile Zola, o grande defensor de causas públicas e talvez o mais aguçado intelectual clássico do século XX foi o filósofo francês Jean Paul Sartre, que já no manifesto publicado em “les tempes modernes” (1945) defendia uma ação por parte dos intelectuais. Sartre viajava pelo mundo defendendo causas e, em tempos de guerra, denunciando injustiças e desmandes. Ao mesmo tempo em que desenvolvia sua

filosofia existencialista, Sartre, casado com a também escritora Simone de Beauvoir, marcava sua atuação pública, participando de debates sobre os assuntos que afligiam a população mundial.

O intelectual do século XIX, portanto, era aquele que saía de outras esferas e cargos de poder, para exercer, de maneira independente, uma função, na medida em que intelectual passava a ser uma função que se exercia no espaço público. Associada a essa prática ativa em relação aos assuntos que incomodavam a sociedade global, as relações entre público e privado necessitavam então serem repensadas. A escrita passava a ser um importante instrumento de condução de outras formas, outros olhares, sobre o assunto que se discutia no momento. A vida do escritor não estava dissociada da sua produção e atuação intelectual, o seu comportamento era observado como reflexo ou como determinante para que sua escrita fosse legitimada.

Já o intelectual do século XX, segundo Silva, perde suas primeiras características como um ser social engajado na década de 80, com o fim das utopias, fato responsável pela sua crise de representação. (SILVA, 2002. p 38).

A “figura” representativa do intelectual, contudo, atravessou diferentes momentos da nossa recente história, sendo necessário pensar o papel que este ocupou nos diferentes meios e suportes de propagação de suas idéias e como sua participação efetiva na vida pública foi essencial para o desenrolar de importantes acontecimentos históricos nos diferentes países e continentes, com suas características culturais próprias.

Para as discussões que se seguirão nesse estudo, marca-se como período mais distante as décadas de 60/70 do século passado, quando a participação política de jornalistas, estudantes e “homens das letras” foi crucial para o embate político e ideológico que dividia o mundo em dois lados.

O Brasil, que atravessava uma sucessão de regimes militares autoritários, era também um dos celeiros de produções artísticas que resistiam ao silêncio imposto pelos militares e é nesse contexto que artistas e estudantes, acadêmicos e a classe trabalhadora, buscavam representantes, papel desempenhado por uma safra de intelectuais engajados, empenhados com a necessidade de mudanças políticas e sociais que passavam, necessariamente, por um regime democrático.

Nesse contexto, Affonso Romano de Sant’Anna, por sua presença constante e ativa no cenário cultural, artístico, político e social brasileiro, marcou sua atuação como intelectual, desde as décadas de 60/70, através da sua escrita, da sua produção artístico-

literária, seja como professor acadêmico, cronista de importantes jornais, presidente e representante de instituições ligadas a esse meio e, sobretudo, como poeta.

Data desse período publicações como *Que país é este?* e *A grande fala do índio Guarani*, dois textos de Affonso Romano de Sant'Anna já estudados em 2005 e 2006, respectivamente. Ao examinar a produção poética de Sant'Anna pelo viés da participação social ativa do intelectual frente ao contexto político repressor – a ditadura no Brasil, foi possível perceber em que medida sua escrita foi utilizada como uma forma do poeta manifestar o seu descontentamento com a situação vigente. O estudo que examinou os poemas de *Que país é este?* já sinalizava para essa condição do intelectual, acrescentando que:

Frente a um regime repressor, (*Que país é este?* foi escrito quando o Brasil ainda atravessava o período ditatorial), o intelectual Affonso Romano de Sant'Anna, introduzindo o conectivo **mas**, ou seja, **apesar de tudo isso**, transforma a poesia na necessidade quase que vital, de externar suas idéias e pensamentos. Diz: “Mas sigo o meu trilho. Falo o que sinto e sinto muito o que falo” – pois morro sempre que calo”.(*Que país é este?* 3. ed.). (CAMPOS, 2005. p. 7).

De igual forma, no longo poema épico *A grande fala do índio guarani*, o papel do intelectual também é tema da poética de Sant'Anna e esse aspecto é analisado no trabalho intitulado “Representações culturais em *A grande fala do índio Guarani*”, desenvolvido em 2006:

Partindo das seguintes perguntas: *Onde leria eu os poemas de meu tempo? Quem escreveria o poema do meu tempo? Como leria eu os poemas de meu tempo? Quando leria eu os poemas de meu tempo?*, o poeta vai construindo seu texto e estabelecendo uma cadeia de questionamentos, seja de um intelectual que, sob um regime ditatorial, revolta-se com a dificuldade de realizar sua poesia, indagando-se sobre o papel da literatura; seja da necessidade de aproximação e reconciliação constante da vida com o poema: seja da releitura temática de antigos personagens históricos, silenciados, à margem. (CAMPOS, 2006. p 4).

Esse intelectual representante de causas e de ideais, contudo, passou a ocupar outros espaços e suportes, e sua importância é considerada, ainda, por muitos, essencial para a constituição do pensamento contemporâneo.

No texto “Podemos dispensar os intelectuais?”, Augusto Santos Silva (2004) traça a passagem do intelectual do século XIX até o intelectual de hoje, cuja existência,

segundo ele, ainda é necessária. Segundo Silva, a “condição” intelectual sustentava-se na **diferença**, como voz diferente no espaço público; na **independência**, no sentido de “despolitizar o político”, trazendo para a ordem do dia assuntos que deveriam ser levados para o debate público; na **crítica**, conduzindo as questões ao seu ponto de problematização. (SILVA, 2004. p 39).

Porém, com a expansão e diversidade absorvida pelos campos culturais, aquele intelectual de ontem precisou se adaptar às novas lógicas mercantilistas de consumo. Além disso, a intervenção que fazia com que fosse uma figura indispensável parece ter sido diluída em um universo de vozes: há representantes de si mesmos. Sobre isso, Silva afirma que:

[...] dissolvida a especificidade da sua intervenção no oceano comunicacional, onde a sua palavra se confunde e equipara à de muitos outros intermediários culturais, de um modo ou de outro, os intelectuais experimentam enormes dificuldades para atualizar os termos e o significado de um comportamento não-reativo, numa sociedade que se encontra tão densamente informada de significações quanto carente de distanciamento crítico face a elas. (SILVA, 2004, p. 44/45).

O texto de Augusto Santos Silva tem ainda o mérito de vislumbrar a possibilidade de inserção de um novo intelectual: aquele que está alinhado à crítica cultural, relacionando-se com o mundo social, valorizando a autonomia do campo cultural: a intervenção pública, para ele, além de necessária, é ainda possível.

Os textos publicados na internet, contudo, remetem a vários “tipos” de intelectual. Com a democratização do espaço, as vozes se levantam e as opiniões pululam, e advêm de vários segmentos da sociedade: não necessariamente opiniões críticas, mas, sobretudo, críticas às opiniões diversas.

Além disso, é possível observar que, com a explosão das narrativas de si, a construção de sujeitos, o intelectual do meio cibernético parece ser aquele que media o discurso que produz sobre si mesmo. Nessa escrita ensimesmada que faz nos seus *posts* através de um perfil público, em um espaço que é público, o intelectual perfaz o contorno de uma figuração daquele que seria o seu próprio intermediário, de modo que não basta apenas dizer alguma coisa sobre, é preciso colocar tal discussão na ordem do dia.

Para além das causas e dos assuntos tratados na sua página, o intelectual que media o seu próprio discurso é aquele que dá o tom de importância aos assuntos que ele mesmo escolhe e traz para a pauta dos assuntos disponibilizados *on line*, além da crítica

que faz ao seu próprio texto. Nesse jogo de exposição, o intelectual cibernético se coloca numa posição instável, em que motivo, assunto e crítica fazem parte de um mesmo conjunto discursivo.

Se o tema hoje é opinião e se ela surge por toda parte, ao intelectual coube a função de validar o seu espaço público, mas também dividi-lo com uns milhares de outros que se sentem igualmente dispostos a emitir o seu próprio parecer sobre os problemas que o circunda. Trata-se da consequência de um mundo que preza pela liberdade de expressão, mas essa liberdade também pode fazer com que as formas de expressão caiam em um vazio plurísono em que poucos ouvem e muitos querem ser ouvidos.

Como bem notou a pensadora Géraldine Muhlmann, em conferência realizada no ciclo de debates sobre o intelectual, na reitoria da Universidade Federal da Bahia em 2005, ao discorrer sobre a relação deste com a mídia, enfatizou que os meios de difusão tradicionais ainda pertencem à classe dominante (MUHLMANN, 2005). Os meios de comunicação sempre foram, portanto, uma forma de o intelectual poder exercer sua função, desde o século XIX até os dias atuais, mesmo que hoje sua atuação seja percebida em outros meios e através de suportes.

No entanto, com o advento da internet, se a difusão de uma ideia ou opinião se tornou algo tão dinâmico e veloz, haja vista a facilidade de acesso que se tem à rede mundial, o contrário também pode acontecer. Assim, a propagação de um pequeno texto, vídeo, foto etc, pode ser visto por um público talvez antes inalcançável, ou, também, passar despercebido, considerando a avalanche de informações que, a cada segundo, são incluídas na rede. Passa-se, portanto, a uma falsa impressão de que, na rede, não há classes e estratificações. Todos então seriam iguais.

Sobre essa falsa possibilidade de um mundo cibernético democratizante, Beatriz Sarlo (2011), ao tratar da utilização das redes sociais por políticos argentinos, no texto “O animal político na web”, acrescenta que, através de um suporte como o *twitter*, “têm-se a impressão de ali somos todos iguais: todos devem ajustar-se à norma dos 140 caracteres”. (SARLO, 2011. p 42).

O intelectual não é mais a única voz a reivindicar um lugar nessa avalanche de produções discursivas. Através da subjetividade presente na emissão de opiniões, de gostos, preferências, críticas, ou da narração de um aspecto da vida de quem quer que seja, cria-se um mundo em que, segundo Sarlo, “As coisas parecem transcorrer *como se* todos fossem iguais em uma sociedade comunicativa em que a ilusão de equivalência é

indispensável para marcar uma diferença virtuosa em relação aos outros mundos, onde a desigualdade domina”. (SARLO, 2011. p. 43).

A mídia, ou meio pelo qual se divulga determinado produto, responde hoje por uma demanda de exploração da notícia de maneira cada vez mais próxima daquele que a consome, e o intelectual, antes mediador, não vê firme mais o espaço sacralizado que ocupava outrora. De outra forma, uma questão pode também ser aqui colocada: se é intelectual, portanto mediador, qual seria então sua relação com a mídia?

Dáí surge a ideia que o meio internet não é aquele ao qual podemos atribuir a defesa de uma determinada ideologia, a defesa de um ponto de vista, ou qualquer tipo de opinião prévia. A opinião está inevitavelmente ligada àquele que publica o *post*. Ao contrário do que aconteceria caso o escritor estivesse vinculando seu texto a uma publicação específica e toda a carga de valores e ideologias que esta representa: o caso de uma revista ou jornal, por exemplo.

Retorna então a questão: sendo um espaço mais amplo e democrático, onde autor e leitor adaptam-se e dialogam continuamente, mesmo através da virtualidade, aqueles intelectuais que, no século passado, defendiam princípios e inspiravam posições passam a pertencer a esse novo espaço através de um processo autofigurativo, mas que traz, consigo, toda a sua representatividade, desbancando, intensamente, as relações entre público e privado, entrelaçando, de maneira ainda mais evidente, o que ele é e o que ele diz.

O intelectual não é definido apenas pelas funções que ocupa na sociedade e nem apenas pelas suas atitudes pessoais. Os conjuntos de aspectos que o constituem dizem respeito a sua representatividade. Trata-se de uma interseção entre o público e o privado.

Edward Said (2003), nas suas “Conferências sobre o intelectual”, vai tratar da sua inserção no mundo público e de sua inevitável relação com o mundo privado: “Gostaria de expor isso em termos pessoais: como intelectual, apresento minhas preocupações a um público ou auditório, mas o que está em jogo não é apenas o modo como eu as articulo, mas também o que eu mesmo represento [...]” (SAID, 2003, p. 26)

Com efeito, não se pode considerar o intelectual como uma figura meramente pública ou puramente privada. Através das suas intervenções, o sujeito representa as causas que defende e é assim que se posiciona criticamente frente aos assuntos que ele mesmo traz nos seus textos, marcados por essa difusa relação entre os mundos do qual

faz parte, público e privado, que termina por ser um só. Said ainda acrescenta, por consequência, que:

[...] Daí o fato de existir essa mistura muito complicada entre os mundos privado e público, minha própria história, meus valores, escritor e posições que provêm, por um lado, de minhas experiências e, por outro, a maneira como se inserem no mundo social em que as pessoas debatem e tomam posições sobre a guerra, a liberdade e a justiça” (SAID, 2003, p. 26).

Nota-se, a partir dessa reflexão, que ao intelectual cabe percorrer o espaço público, mas este não consegue se desprender das suas inferências, pelo contrário: transitar pela esfera midiática de maneira a contribuir para as discussões dos diversos problemas que afligem a sociedade planetária implica, necessariamente, um juízo de valor e atravessa o universo particular desse sujeito que, através de suas opiniões, daquilo que passa, veementemente, a defender, traz consigo toda a caracterização de si.

Affonso Romano de Sant’Anna sente-se compelido a interferir no espaço público, imprimindo sua opinião crítica sobre os mais diversos assuntos. O intelectual de ontem é agora o intelectual cibernético, que lança sua vida particular em um espaço que é público, entremeando sua vida a sua produção. Não há, contudo, um equilíbrio. As opiniões são próprias, podem ou não ser compartilhadas por grupos, e se sua vida pesa mais ou menos que aquilo que ele passa a defender, seu posicionamento se torna secundário, pois o foco recai sobre o que ele traz como emblema: **como** ele fala e não **o que** ele fala.

O que interessa atualmente, segundo Said, é o intelectual como figura representativa. “Intelectuais são indivíduos com vocação para a arte de representar, seja escrevendo, falando, ensinando ou aparecendo na televisão”. (SAID, 2003, p. 26), ao que conclui:

Não existe algo como o intelectual privado, pois, a partir do momento em que as palavras são escritas e publicadas, ingressamos no mundo público. Tampouco existe *somente* um intelectual público, alguém que atua como uma figura de proa, porta-voz ou símbolo de uma causa, movimento ou posição. Há sempre a inflexão pessoal e a sensibilidade de cada indivíduo, que dão sentido ao que está sendo dito ou escrito. (SAID, 2003, p. 26).

Se não é possível a dissociação entre aquele que diz e o que é dito, a posição do intelectual cibernético não é definida, pois, através das narrativas que este perfaz de si

nas ferramentas de exposição *on line*, visto que ali não é possível distinguir texto e vida, público e privado, real e ficcional, ou os recortes de textos que deram origem ao último *post*. O entrelaçamento entre essas instâncias é tão intenso que a existência do sujeito que constitui a escrita produzida nesse espaço só pode ser observada através das pistas que aparecem, nas suas descrições e no seu posicionamento crítico.

Esses discursos são produzidos em um espaço bastante amplo, no entanto, se o sujeito que ali se apresenta marca a sua escrita com essa representatividade a que se refere Said, o que fazer quando a mediação perde sua força, já que a mesma oportunidade que o intelectual tem de expressar seu posicionamento tem também aquele que sofre os impactos dos problemas políticos ou sociais da sociedade contemporânea? Perde então o intelectual sua função de mediador?

Para Michel Foucault (2004), o poder permeia “toda a trama da sociedade”, e, por esse motivo, torna-se difícil identificar quem o possui. Em diálogo com Gilles Deleuze, ele discute a relação do intelectual com as formas de poder, considerando suas instâncias reguladoras. Manifestar-se, assim, não é mais uma característica que distingue o intelectual inserido numa sociedade atravessada por essas formas de poder. Sobre isso, acrescenta que:

Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. [...] Os próprios intelectuais fazem parte deste sistema de poder, a idéia de que eles são agentes da “consciência” e do discurso também faz parte desse sistema. (FOUCAULT, 2004, p. 39).

Esse “sistema de poder” a que Foucault se refere, no espaço midiático do intelectual cibernético, não parece tão fechado. No entanto, dele é exigido um esforço maior: o de promover e autorizar seu próprio discurso. O poder que lhe é conferido não diz respeito mais, apenas, a quem diz ou ao que é dito, mas passa, também, pela quantidade de internautas que acessam a sua página e compartilham, criticam, opinam e questionam sua opinião. Assim, Affonso Romano de Sant’Anna, intelectual da virtualidade, tem a dupla função de publicar textos que sejam úteis, atuais e necessários, além de promover ele mesmo o debate – público – sobre o que está sendo posto em discussão.

Ao fazer uso da linguagem, esta se constitui também como sua própria condição de existência – e dos seus posicionamentos. Ao invés de representar, representa-se, a fim de validar o seu discurso. No já citado texto, Foucault enfatiza o papel do intelectual afirmando que:

O papel do intelectual não é mais o de se colocar “um pouco na frente ou um pouco de lado”, para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da “verdade”, da “consciência”, do discurso. (FOUCAULT, 1972, p. 71).

Mais uma vez é possível verificar as tantas possibilidades e viabilidades dos discursos produzidos nas ferramentas de exposição midiática na internet. É possível, seguramente, ao intelectual cibernético, estabelecer-se através desses meios. Ao promover o debate dos assuntos que estão na ordem do dia, ele pode suscitar uma discussão de proporções mundiais a depender do interesse despertado nos frequentadores – assíduos ou eventuais – de sua página.

O que vai identificar o avatar de Sant’Anna em meio a esse sem número de opiniões? Difícil precisar. O que parece acontecer com frequência é um revezamento de discursos em que não é só importante, apenas, quem disse, o que disse ou quem endossou o que foi dito, mas quantos reproduziram determinado acontecimento e a crítica que se fez dele. Quantos, afinal, refletiram sobre a análise ali exposta e passaram a produzir novos discursos a partir daquela crítica.

A condição do intelectual, como bem acrescenta Helenice Rodrigues da Silva, ou seja, o seu papel na sociedade, “deriva de conjunturas históricas precisas, evolui de acordo com as próprias mutações intelectuais e políticas. Desse modo, cada época parece fornecer um modelo específico de intelectual.” (SILVA, 2002. p. 46).

Assim, passando por essas mudanças que tem sua origem em fatores históricos e sociais, dentre outros, em seus textos, Sant’Anna, como intelectual de hoje, adentra os espaços da internet, estabelece diálogos com outros textos, com notícias que são transmitidas naquele mesmo instante e eleva sua escrita à importância de uma questão que será tratada. Termina exercendo, através desse diálogo, uma forma de participação ativa na sociedade. A polifonia presente nesses textos e que constitui esse sujeito cibernético é o foco de análise do próximo subitem.

2.3 RELAÇÕES DIALÓGICAS

Para compreender as formas de exposição do intelectual midiático, um sujeito que surge a partir das escritas de si, da autobiografia, da autofiguração, é preciso observar os conceitos que circundam a idéia de comunicação e as relações dialógicas que passam a coexistir nos ambientes públicos. Mesclado de subjetividades e marcado pelos seus próprios deslocamentos, surgem para aparecer/desaparecer, mas, de igual forma, constituem as imagens que o escritor termina transmitindo de si.

Antes, é preciso partir da perspectiva bakhtiniana de dialogismo e polifonia, que comporta a multiplicidade de vozes que aparecem no texto. Não é possível falar desses conceitos em separado, sem pensar em uma unidade das idéias do pensador russo. Aqui, no entanto, serão priorizadas algumas abordagens teóricas que interessam às reflexões que estão sendo trazidas a esse estudo.

Ao desenvolver análises como aquelas apresentadas, por exemplo, nos *Problemas da poética de Dostoiévski*, Mikhail Bakhtin (2002) perfaz um caminho teórico que passa pelo estudo dos seus romances, isso porque, segundo ele, o estudo da obra de Dostoiévsky permite afirmar que se trata de um escritor que, de maneira inovadora, escreve um romance que Bakhtin vai definir como polifônico. Para ele, “A afirmação (e não afirmação) do outro pelo herói é o tema das obras de Dostoiévski”. (BAKHTIN, 2002, p. 8).

Das análises realizadas por Bakhtin surgem os conceitos que vão ser utilizados, de maneira geral, nos estudos das teorias e representações literárias e, mais recentemente, nas análises dos discursos, inseridas nos estudos da linguagem. Dentre esses conceitos, importa a concepção dialógica de linguagem, que se origina na ideia de romance polifônico e seus desdobramentos: a alteridade, a questão das vozes, a polifonia, o dialogismo e suas configurações.

Expandindo esses conceitos, Bakhtin vai afirmar que: “As relações dialógicas são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância” (BAKHTIN, 2002. p. 42).

O diálogo, contudo, partindo das reflexões feitas por Bakhtin, deve ser observado conjuntamente ao conceito de polifonia, visto que a compreensão das personagens – ou sujeitos – que aparecem no discurso conferem a multiplicidade de

entonações e aproximações ou diferenças entre os discursos por eles produzidos. Assim sendo:

A essência da polifonia consiste justamente no fato de que as vozes, aqui, permanecem independentes e, como tais, combinam-se numa unidade de ordem superior à da homofonia. E se falarmos de vontade individual, então é precisamente na polifonia que ocorre a combinação de várias vontades individuais, realiza-se a saída de princípio para além dos limites de uma vontade. Poder-se-ia dizer assim: a vontade artística da polifonia é a vontade de combinação de muitas vontades, a vontade do acontecimento. (BAKHTIN, 2002, p. 48).

Bakhtin toma o termo polifonia emprestado do vocabulário musical. Quanto ao termo dialogismo, utiliza-o como metáfora para um entendimento mais amplo, o de “relações dialógicas”. Ambos são, contudo, aplicados especificamente à obra de Dostoiévski. O que lhe interessa, de fato, são as forças que se mantêm constantes, a tensão, portanto, e não a fixidez das vozes que surgem no texto.

Daí então a importância de ler a polifonia a partir das relações dialógicas que podem ser estabelecidas nos textos publicados em páginas pessoais, relações que mantêm essa tendência perene a uma coisa que não se define completamente, espaço contumaz para a caracterização de um discurso polifônico.

Os discursos produzidos nesses textos caracterizam-se pelas constantes tensões entre as linguagens que ali vão configurando o escritor que cria e que está sendo criado. Parece então coerente acrescentar a expressão **forças dialógicas** para dar conta desses embates. Ao utilizar o termo “relações dialógicas”, Bakhtin estende o conceito de forma a contemplar imbricações que ocorrem no interior do próprio texto e dizem do seu processo criativo. Assim, é através dessas forças que o sujeito vai se constituindo discursivamente.

A presença do diálogo no discurso, contudo, não pressupõe que haja unidade do que está sendo dito ou construído a partir das interlocuções do texto. Antes, as relações são de muitos sons – plurissonâncias ou multissonâncias, em que tanto há convergência como divergência.

O lingüista Carlos Alberto Faraco (2009), ao desenvolver reflexões pautadas nos estudos de um grupo que ficou conhecido como *Círculo de Bakhtin*, acrescenta que:

É dessa imensa diversidade de vozes e de suas relações dialógicas que emerge como possível a singularidade que se constituirá explorando o espaço infindo da tensão dialógica das vozes que podem ser

percebidas na construção discursiva e/ou textual. (FARACO, 2009, p. 87).

Percebe-se, então, que a tensão oriunda dessas vozes equaliza a cada momento uma frequência que se dispõe na forma de discursos vários: no caso daqueles que fazem parte da diversidade de escritas de si, um sujeito cuja feição criativa denuncia seus contornos. Há, todavia, uma singularidade que marca cada um desses discursos, visto que, ao escrever sobre si, o sujeito busca sua identificação dentro do próprio discurso, deixando para trás os traços autobiográficos que alimentam os seus textos.

A perspectiva que Bakhtin apresenta, considerando as personagens que compõem as narrativas de Dostoievski, logo no início dos *Problemas da poética de Dostoievsky*, interessa aos estudos sobre o autor, visto que, em sua análise, ele confere a essas personagens não apenas a visão de objetos do discurso deste autor, mas sujeitos desse mesmo discurso. (BAKHTIN, 2002, p. 4).

Ora, essa perspectiva pode ser aplicada, de maneira mais ampla, aos textos publicados na internet através da criação de um perfil nas redes sociais, de um avatar que passa a representar um sujeito cibernético. É possível notar ali a interlocução de discursos e vozes dos sujeitos que passam por um processo de exposição e apagamento constantes no texto, perfazendo, na escrita, a imagem que o escritor quer transmitir através daquela imagem que cria de si, que termina, efetivamente, comportando imagens.

Em *Problemas da poética de Dostoiévski* importa destacar também a relação que Bakhtin estabelece entre vida e linguagem, uma relação que será cara aos estudos contemporâneos sobre a escrita de si, seja através da autobiografia, da autofiguração, da construção de imagens dos sujeitos que surgem no espaço textual.

Com efeito, as propostas deste pensador vão possibilitar a emergência de um sem número de apropriações do seu pensamento, considerando a linguagem e o discurso nos seus sentidos mais amplos: o “dialogismo” e a “polifonia” bakhtinianos são utilizados por muitos campos de estudo e áreas do conhecimento. Daí amplia-se a idéia de intertextualidade e hipertexto, que serão observados nos estudos de amostra do próximo capítulo.

Beth Brait (2009) lida com essas concepções em *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. Ao enfatizar o alcance do pensamento bakhtiniano, ela acrescenta que:

Esse conjunto de reflexões sobre o discurso permite a continuidade da análise de Dostoiévski sob luzes inovadoras para os estudos da linguagem em geral e para a compreensão da prosa literária como instância privilegiada para a captação e representação do dialogismo, da polifonia, da tensão de vozes que, na fronteira entre eu/outro, constituem sujeito e linguagem num universo de valores. (BRAIT, 2009, p. 65).

Se é verdade que as forças dialógicas movem os sujeitos e sua relação com a linguagem, é de igual forma verdadeiro que esse universo de valores mencionados por Brait pode ser mais uma marca estratégica desse jogo discursivo que se constrói no trâmite das escritas na internet. É, portanto, na interseção entre sujeito e linguagem que reside a relação entre aquele que fala com aquilo que é dito.

Dessa forma, o emaranhado de discursos produzidos nas escritas de si dos textos *on line* correspondem ao processo de visibilidade que o autor persegue naquele espaço. Eu e outro são ampliados para uma série de sujeitos que surgem na escrita, oriundos dessa tensão entre texto e vida e das vozes que pairam na virtualidade.

O diálogo então se instaura e já não é mais seguro afirmar quem é o eu ou o outro, passa-se a considerar a sua multiplicidade. Para Bakhtin “o diálogo permite substituir com sua própria voz a voz de outra pessoa” (BAKHTIN, 2002, p. 214). Nessa multiplicação de entes discursivos, é possível que dentro da escrita comunguem, leitor e autor, do mesmo espaço e a relação de pertencimento passa a ser tão ambígua quanto necessária.

Uma das formas de dialogismo, que Bakhtin considera uma “compreensão estreita, externamente uma das mais óbvias” (BAKHTIN, 2002, p. 135) é a paródia. Em *Paródia, Paráfrase & Cia* (1985) Affonso Romano de Sant’Anna revisa algumas questões do pensamento bakhtiniano, estabelecendo, contudo, um outro eixo de percepção para diferenciar paródia e paráfrase, via estilização.

Sua proposta é a de criação de um modelo mais abrangente, que, segundo ele, foge das representações binárias de paródia e estilização, acrescentando a possibilidade de diversificá-lo ao incluir as vias da paráfrase e da apropriação. Sua idéia é a de desviar o “velho enfoque que apenas falava de “fontes”, “influências” e “plágios””. (SANT’ANNA, 2007, p. 81).

Da revisão teórica que Sant’Anna faz das concepções de Bakhtin, a atenção recai sobre dois pontos principais:

1. O “novo modelo” proposto por ele sugere uma forma de observar o *corpus* que está sendo analisado neste trabalho. Por esse viés, as relações dialógicas perpassam a escrita teórica e permeiam hoje os textos publicados *on line*, sejam eles cronísticos, as críticas culturais, os testemunhos, os *links* citados, os textos jornalísticos, dentre outros, admitindo, como quer Sant’Anna, o recurso da paródia como uma forma criativa e interacional do escritor com a linguagem.

2. A partir dessa perspectiva, é possível abrir o leque de leituras dos textos que Sant’Anna publica em suas páginas na internet, sejam no *site*, *blog*, *twitter*, ou nas crônicas de rádio. Há uma tentativa, inclusive, de ampliar a observação desses conceitos em uma gama maior de materiais artísticos, que não apenas a literatura. Sant’Anna vai enfatizar a possibilidade de aplicação dessas reflexões aos estudos semiológicos de uma forma geral. Essa aplicação mais abrangente vai permitir pensar a constituição do avatar de Sant’Anna e como as relações, seleções, citações, menções e escolhas vão corresponder às escolhas simbólicas feitas por ele.

Saliente-se que não se trata de aplicar simplesmente um modelo de Sant’Anna à produção de Sant’Anna, mas ficar atento às possíveis leituras dos textos aqui utilizados como material de análise através do eixo parodístico, da noção de desvio, da identificação das vozes que se confrontam no espaço virtual.

Essas concepções permitem a reflexão acerca dos entrecruzamentos que a linguagem utilizada no cyberspaço permite. A própria internet é uma ferramenta onde podem ser verificadas essas variações de colagem, reconstituição, reafirmação, atualização do que está posto nos textos.

Parodiar não é apenas citar, mas criar, a partir de textos diversos, outro de especial significação, porque aberto às linguagens típicas desse exercício. Se ao escritor cumpre a tarefa de tratar a linguagem no seu sentido mais profícuo, o de criação, os textos disponibilizados por ele na internet apontam para essa ressignificação via processo criativo.

Ao internauta que adentra aquele espaço de experimentações, há ainda a possibilidade de inserir sua própria voz, o que expande a perspectiva dialógica do discurso para além das fronteiras do texto, fazendo com que esse observador passe a fazer parte da construção textual e desse exercício desenvolvido pelo sujeito que o pratica.

Assim, é nesse terreno instável que a escrita sofre seus abalos no espaço midiático mais pretensamente aberto a essas experimentações: a internet. É através de

ferramentas como o *blog* e o *twitter* que autor e leitor bambeiam entre ser um e ser outro, na tentativa de indagação sobre si através daquele que lê, que escreve e que se inscreve no texto. É, também, por meio da impressão do seu posicionamento crítico pelos caminhos autobiográficos da escrita de si que o intelectual em rede cria fraturas na mesmice do cotidiano, ainda que essas impressões passem despercebidas, perdidas que ficam na propagação de vozes típicas desse meio.

2.3.1 Intertextualidade, hipertexto, encadeamento

Para compreender a tensão dialógica, bem como as relações que são estabelecidas entre os elementos que perfazem os textos de Affonso Romano de Sant'Anna publicados na internet, é importante penetrar as redes textuais que, entrelaçadas, dão origem a um emaranhado quase que infindável de citações e onde a noção de autoria passa a ser ressignificada, ou, até, perde consideravelmente o seu grau de importância.

Nesse sentido, e a fim de adentrar os caminhos que esses textos oferecem, três conceitos podem suprir esse estudo e proporcionar formas de se pensar as tantas e possíveis relações que podem ser examinadas tanto nos mecanismos de produção de um texto como nas possibilidades de diálogos oferecidas pelo suporte que está sendo posto em análise: os conceitos de **intertextualidade, hipertexto e encadeamento**.

A ordem em que eles estão aqui dispostos não é impensada. Apesar de tais conceitos possuírem suas peculiaridades, parecem ser variação de um mesmo tema: as possibilidades dialógicas de um texto. E se nos textos de publicação impressa tais recursos são utilizados à exaustão, naqueles que são publicados *on line* a sobreposição de textos outros torna-se ainda mais produtiva, viabilizada, inclusive, pelo próprio leitor, que se apropria e interfere no texto de forma imediata.

O conceito de intertextualidade, que emerge das já citadas relações dialógicas presentes nos textos que, possuindo tantas vozes, comunicam-se através das muitas vias possíveis que ele comporta e são delineadas através dos processos constitutivos da linguagem, diz respeito à reordenação da escrita e que termina por constituir um novo texto.

A intertextualidade, um conceito bastante difundido nas teorias literárias e um recurso de igual forma explorado nas produções artísticas, pode ser entendida, de

maneira bastante resumida, como o processo através do qual textos são sobrepostos a outros textos em um exercício através do qual emissor e receptor mantêm certo diálogo. Esse diálogo se dá no momento em que o leitor consegue perceber no texto de determinado emissor o entrecruzamento de menções a outros textos, seja de maneira direta ou indireta. Assim, a comunicação entre produtor e receptor efetiva-se no momento em que este último percebe e rastreia a conexão com outros textos.

Através desse recurso criativo, um novo texto é produzido e as muitas camadas nas quais ele se desenvolve afastam os textos que o compõem, cada vez mais, do seu ponto de origem, não permitindo sua identificação.

Na literatura brasileira do século passado, Eneida Souza (2002) chama a atenção para a superação, por parte dos autores brasileiros, da chamada dependência cultural. Assim, a produção artística produzida aqui seria o resultado de antropofagismos. Por tudo isso, não seria a literatura comparada desenvolvida através do exame de uma produção em relação à outra, hierarquizando-a, mas um processo fluido e criativo de apropriação de textos para produção de outros. As relações dariam-se de maneira horizontal, e não vertical (SOUZA, 2002).

Essa também foi uma vertente do estudo desenvolvido pelo próprio Affonso Romano de Sant'Anna em *Paródia, paráfrase & Cia* (1985), para quem a intertextualidade pode ser observada através da medição do desvio, uma característica bem própria e comum da literatura:

De uma maneira ampla pode-se dizer que as linguagens são formuladas em espaços diversos em espaços diversos dentro do cotidiano. Pois bem. A literatura tem a sem-cerimônia de se apropriar dessas linguagens todas. E, ao se apropriar delas, cria um espaço novo a partir do qual elas podem ser relidas. Relidas parafrástica ou parodisticamente. Mas, em qualquer dos casos, sempre haverá um desvio. Desvio mínimo ou desvio total, sempre haverá o tal desvio. (SANT'ANNA, 1985. p.66).

O desvio levanta a questão da origem incerta desses textos. É dessa dúvida e da identificação dos contatos que são estabelecidos com outros textos que se alimenta o leitor, que se vê como participante de um jogo mais ou menos intenso, a depender, é claro, da força do desvio utilizada pelo emissor e do repertório que dispõe o receptor.

Uma outra via de análise para os textos produzidos na internet diz respeito ao conceito de hipertexto. O termo hipertexto, normalmente utilizado no meio cibernético,

nas linguagens de comunicação e sistemas de computação e informação em rede, traduz a idéia de uma conexão ampla entre textos. Assim, o (HIPER) texto seria aquele no qual fosse perceptível a gama de textos anteriores que foram apropriados para ressignificação e construção de outro texto.

Talvez essa mesma afirmação possa ser dita de outra forma, através de exemplos que podem ser visualizados na rede. Um hipertexto é caracterizado pelas citações que faz a outros textos, por vezes disponibilizados em outros endereços eletrônicos e que são invocados a participar do texto que ora está sendo construído. Não apenas aqueles textos podem estabelecer com aquele que está sendo produzido uma relação intrínseca de pertencimento. Leitores, passados agora a condição de autores, podem também participar de uma escrita colaborativa, proporcionada pelos recursos oferecidos na internet.

Isaias Latuf Mucci (2009), no texto “Para uma retórica do hipertexto”, atribui ao leitor um papel essencial, o de investigador e participante ativo desse processo: “Navegando entre diferentes “lexias”, o leitor, tornado autor, participa de uma experiência coletiva, nas redes ilimitadas da linguagem”. (MUCCI, 2009. p 18).

Mais uma vez, e de maneira mais contundente, é possível perceber que a questão da autoria está em xeque, descolando, de maneira veemente, os espaços destinados a autor e leitor. Sobre isso, é importante refletir sobre as questões levantadas por Rogério de Souza Sérgio Ferreira (2009), no texto já citado.

Nesse estudo, Ferreira discute a figura autoral como um sujeito que, para adaptar sua escrita aos novos suportes, precisa entender as novas linguagens e estar sensível as inúmeras possibilidades oferecidas por esse tipo de escrita: “Com a incorporação de sons e imagens aos textos, em uma rede de nós interligados, certamente a escrita hipertextual requer habilidades adicionais de seus autores” (FERREIRA, 2009). Essas habilidades é que vão conduzir o leitor na busca por uma literatura que o agrada, na qual ele pode acabar se desviando do que realmente gostaria de consultar, ler, ou da informação que gostaria de compartilhar.

Assim, é nesse sentido que, acrescenta Ferreira, o autor deixa de gozar da autoridade reivindicada outrora, e passa a permitir que seu texto sofra a intervenção do outro, chamando para o espaço de construção discursiva aquele que em geral apenas a observava de maneira conclusa: o receptor. Sobre isso acrescenta que:

O autor, portanto, ao estruturar seu documento, lê, avalia e estabelece ligações com outros documentos que possam contribuir para o entendimento de seu ponto de vista ou servir como bibliografia sugerida sobre o assunto abordado.[...] A figura autoral, essencial na literatura ocidental, importante a ponto de ter seu nome estampado na capa do livro, agora pode ficar anônima ou ter a coparticipação de outros, anônimos ou não, a partir do processo de escrita colaborativa permitido pela internet. (FERREIRA, 2009. p. 20).

Há, contudo, uma diferença em relação ao hipertexto-livro e o hipertexto no cyberspaço. Para Ferreira, essa diferença reside justamente na velocidade, acrescentando que: “O elemento velocidade faz toda a diferença, a conexão é em tempo real, imediata, permitindo passar de uma referência a outra, sendo a conexão imediatamente disponível – dependendo do caso a conexão sim, mas não o “contato” com o(s) sujeito(s) produtor(es), o que só ocorre excepcionalmente”. (FERREIRA, 2009. p 22).

O jogo então parece acontecer de forma mais dinâmica e veloz, um grande diferencial da internet como via de divulgação do material que ali é produzido. Mesmo que essa conexão não seja imediata, o universo cibernético causa, na maioria dos seus usuários, a falsa impressão da existência de certos valores apagados pela lógica tecnocapitalista, como o de igualdade, por exemplo. Podemos “ler” qualquer um e todos nos “lêem”, vislumbrados e seduzidos por esse mundo ilusório onde os nossos avatares representam tudo aquilo que gostaríamos de ser.

Na escrita impressa, é possível realizar, de igual modo, os percursos que conduzem aos caminhos criativos da linguagem utilizada pelo produtor de um texto e suas interfaces. Que diferenças então podem ser notadas quando esse texto passa a ser veiculado através de outro suporte? Em que implicariam tais mudanças? Talvez por ser, esse suporte, mais maleável, interativo e, sobretudo, multidimensional, o hipertexto passaria a conduzir o leitor, dispensando uma especialização de leitura mais profunda (os *links* são evidenciados com cores e podem facilmente levar o leitor a outros endereços, outras imagens e textos) a essas conexões. Ainda assim, nada garante a segurança das informações que estão sendo interpostas.

A agilidade com que esses textos são conectados e que podem levar a uma saturação das redes de citações são, sem dúvida, uma característica bem peculiar desse tipo de produção. Os textos, então, sofrem por vezes alterações quanto à delimitação de espaço, conteúdo e, sobretudo, adaptações de linguagem, afinal, nessa exagerada composição sígnica, típica da linguagem publicitária utilizada para atrair o consumidor,

chamar a atenção para o que se quer dizer ou tornar visível tem a ver com a redução, com o objetivismo – vide a quantidade de caracteres limitada nas redes sociais.

O hipertexto, nesse sentido, em muito contribui para acelerar a leitura, e reforçar a dinâmica que é própria do meio, visto que, como bem acrescenta Mucci (2009), “Com o suporte da informática e de novos meios esta modalidade permite percorrer de forma ainda mais ágil os labirintos da literatura que invade o universo digital contemporâneo”. (MUCCI, 2009. p 37).

Por fim, pode-se acrescentar, dentro da mesma linha de entendimento das conexões e relações dialógicas possíveis de serem realizadas no cyberspaço, o conceito de “encadeamento”. Utilizado por muitos teóricos das comunicações para designar processos de menção de outros textos, - incluindo imagens, fotos, vídeos - fazendo com que esses elementos passem a fazer parte deles, o termo encadeamento pressupõe, num certo sentido, a mesma rede de citações já mencionadas. Há, no entanto, que se considerar certas especificidades considerando os meios de publicação da internet.

A expressão “encadeamento” aparece em um texto recém publicado pela escritora argentina Beatriz Sarlo na revista “Serrote” e já mencionado nessa discussão. O tema do estudo é, na realidade, o *twitter*, no entanto, as reflexões suscitadas são importantes no que diz respeito a forma como as informações sobre si são publicadas na internet e como elas surgem através desse processo de acúmulo de escritas geradas e compartilhadas por outras páginas, endereços e recursos utilizados pelos seus usuários.

Sarlo diz da democracia demasiada e da falsa liberdade e igualdade criadas nesse espaço, que faz com que o usuário se permita viver, ali, com outros que compartilhem dos mesmos gostos, opiniões. Enfim, é importante ter o que compartilhar. A internet é, portanto, o espaço da interligação, onde as relações são aparentemente possíveis, muito embora não sejam sempre realizáveis de fato. Nesse sentido, os usuários criam **seu** espaço dentro de um espaço amplo e que não delimita fronteiras.

Para Beatriz Sarlo:

A internet é uma rede, e as redes não têm vertical. O encadeamento enlaça a todos, embora a força desses laços seja diferente e dependa, no facebook, da quantidade de amigos e, no twitter, da quantidade de seguidores. Esses dados quantitativos estabelecem uma ordem de novo tipo que promete [...] uma reforma ou, antes, uma derrocada das sólidas hierarquias que estratificam os espaços reais. Nesse sentido, o encadeamento também responde à ilusão de que todos os que decidem participar de fato participam. (SARLO, 2011. p 29).

Parece possível afirmar que as relações dialógicas tornam-se, na internet, não apenas um recurso utilizado por um produtor de texto, especialmente o texto artístico, ou mesmo uma forma de interação entre autor e leitor possibilitada pelo suporte. As infinitas *mentions* nas redes sociais só traduzem o jogo interminável de composição textual – de encadeamento de informações – que a internet proporciona. Assim, acrescenta Sarlo, o encadeamento:

É o princípio construtivo de uma sintaxe que vincula plataformas. Sem esforço, tudo o que aparece no facebook pode aparecer no twitter e vice-versa; tudo que se publica em um blog pode ser incorporado por link a qualquer um dos seus entornos; toda página da internet e todo artigo publicado por jornais e revistas podem ser citados. O caráter encadeado da navegação na internet potencializa a repetição das mensagens; é um sonho interrompido e supersaturado. Os retweets são uma honra: o símbolo do sucesso. (SARLO, 2011. p 29)

Sarlo é perspicaz ao notar os melindres que estão por trás de todo esse jogo de exposição a que os usuários ficam inevitavelmente ligados e através do qual passam horas conectados à máquina. Trata-se, então, de uma sobreposição de estruturas que capturam textos, referências, citações, e que levam o leitor a participar ativamente do processo, decidindo, inclusive, que grau de importância será conferido a esta ou aquela publicação.

Quase tudo pode ser citado, remanejado, recolocado, recriado, e não há autores reclamando, em geral, a autoria daquele texto. Na verdade, há um mérito muito grande em ser citado, mesmo que o nome do autor não conste naquela citação. Assim, a noção de autoria passa, no mínimo, por um estranho movimento de não-reivindicação, mesmo porque, enveredando o texto por caminhos tão tortuosos, seria difícil atribuir-lhe uma paternidade.

Essa idéia de horizontalidade dos discursos, no sentido dos diálogos que eles possibilitam realizar através da produção e relação entre textos, pode ser entendida como parte do processo de vias que são por eles percorridas, vias que não interessam e que praticamente não são possíveis de identificar e rastrear na internet, visto que naquele espaço elas se tornam extremamente escorregadias.

O encadeamento, no entanto, tal como afirma Beatriz Sarlo, pode ser positivo ou negativo no tocante a potência criativa da linguagem. A crítica argentina acrescenta ainda outro aspecto: o encadeamento como uma característica marcante da virtualidade e uma forma de hipertextualidade.

O perigo do encadeamento de plataformas virtuais seria o cansaço dos visitantes. Mas como ninguém se limita a um percurso obrigatório, a sintaxe arborescente impede a falta dos consumidores potenciais (já que em algum ponto eles vão esbarrar com as mensagens). Uma rede que inclui, mas não impele a visitar, todos os cantos vai se tecendo. Assim, também se enfraquece a ameaça do cansaço diante das mesmas mensagens, porque elas são lidas uma só vez e, além disso, são rapidamente esquecidas. O encadeamento é virtual também no sentido de que não é obrigatório, não funciona como uma série de notas de rodapé que tanto custa ler como ignorar. Funciona, antes, como hipertextualidade livre, muito semelhante ao regime geral da internet. A tendência é que todos cheguem a um ponto sem saída, mas isso não asfixia ninguém, corroborando a idéia de que a rede é o espaço mais poroso que a humanidade inventou até hoje. (SARLO, 2011. p 31.)

O encadeamento pode ser notado também através dos inúmeros – ou nem tantos assim – seguidores e comentaristas do *twitter* e blog, respectivamente. A identificação, a curiosidade, ou mesmo algum tipo específico de interesse podem fazer com que determinado usuário passe a fazer parte do rol de “amigos” de outro usuário. A autoridade e a representatividade do nome próprio garante, em geral, a maior quantidade de seguidores. Seguidores trazem seguidores e a rede cumpre seu papel de interligar usuários.

Seguindo a lógica do encadeamento, como sugere Sarlo, é possível a um desconhecido se tornar conhecido através de um misto de “obscuridade, mistério, ironia, simpatia, mau humor, engenho e banalidade, originalidade e lugar-comum”. (SARLO, 2011. p 34).

No caso do *twitter*, a ferramenta faz com que esse tipo de informação fique registrado e disponível em cada perfil. Dessa forma, é possível identificar os mais ou menos populares, a julgar pela quantidade de seguidores que cada um possui. No caso do *blog*, a ferramenta de quantidade de acessos pode restringir essa informação apenas para aquele que posta as mensagens. No entanto, ao disponibilizar a caixa de comentários, permite-se que o interessado no assunto, ou um eventual e curioso visitante interfira no *post*, ou seja, a mensagem postada e todas as opiniões, críticas que ali são feitas, ficam disponíveis para avaliação do leitor.

As mudanças aqui mencionadas, geradas pelo suporte e tudo de novo que ele traz, seja um novo olhar sobre a questão da autoria, dos papéis ocupados pelo autor e pelo leitor, ou mesmo as lógicas de sobreposição de textos possibilitam prever uma

série de outras mudanças, que já estão ocorrendo e certamente ocorrerão. Sobre isso assevera Mucci (2009) que: “Formas suplementares emergentes em suporte eletrônico e digital implicam em inovações na transmissão da informação e do conhecimento, mas certamente induzirão a reformulações mais amplas que atingem a organização cultural e social” (MUCCI, 2009. p 54).

O que talvez tenha assustado, a princípio, a maioria dos pesquisadores que penetram as redes, talvez seja a característica mais proeminente desse espaço: a velocidade. Por isso mesmo, dada a velocidade de todo tipo informação, todo tipo de conhecimento, enfim, da produção e consumo de textos que circulam na internet, é possível concordar com Sarlo, quando, no final do estudo já mencionado, ela acrescenta: “O descrito anteriormente não se refere ao futuro, mas ao presente”. (SARLO, 2011. p 32).

Os efeitos podem ser sentidos em vários níveis. Na produção de Sant’Anna, que será analisada em seguida, importa observar como essas mudanças repercutem no conjunto da sua trajetória e em que medida os textos disponibilizados na rede sofrem alterações e compõem um sujeito que está conectado ao cyberspaço. Esse será o princípio da discussão do próximo capítulo.

3 O AUTOR ESTÁ *ON LINE*: SUPORTES UTILIZADOS POR AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

Expressões como “estar *on line*” são imbuídas de uma série de significações e o mundo contemporâneo solicita de todos essa demanda, desde o eventual frequentador de páginas de *sites* de informação até os mais especializados, que usam o espaço como meio de divulgação de sua imagem, de seus textos, enfim, como material de trabalho.

Não é, no entanto, apenas para atender a essa demanda que escritores da via impressa consagrados como Affonso Romano de Sant'Anna buscam seu lugar na *net*. Fazer parte desse universo, principalmente quando se trata de usuários que acompanharam o surgimento de toda a revolução tecnológica provocada a partir da relação do homem com a máquina – ainda causa uma certa surpresa e pode mudar a imagem que se tem de determinado sujeito.

Ao aceitar as “condições de uso” de um email, as normas estabelecidas para a criação de um perfil numa página de relações sociais, as regras quanto a utilização de um blog, o sujeito passa a ser usuário, consumidor de um produto e também produtor de informações: sobre si, sobre os outros, sobre o mundo a sua volta. Ao firmar um contrato com aquela via de interação (que é, por definição, virtual), o sujeito cria o seu avatar. Comunica-se com a máquina e passa a ser uma de suas peças.

Tantas recomendações prévias sinalizam para uma tentativa de controle de um espaço que, cada vez mais, escapa às formas de controle. No momento em que se decide fazer parte desse universo e ser mais um dentre os seus milhares de usuários, a sensação de vácuo em mundo tão vasto precisa ser preenchida pelos contatos, pelas afinidades, pelo compartilhamento de informações.

Nota-se, com o uso das ferramentas disponíveis, que as regras não são fixas, as proibições, em geral, poucas, e o fiscal da verdade é o próprio leitor.

O uso dessas ferramentas, é possível dizer, produziram um efeito que não alterou apenas as relações interpessoais. Para Roger Chartier (1998), que está sempre pensando as mudanças causadas pelo suporte, diz que, no caso da internet, “a revolução é da técnica de produção e de reprodução de textos, e também uma revolução do suporte da escrita e das práticas de leitura” (CHARTIER, 1998. p 54). Ele vai ainda mais longe ao sugerir uma mudança drástica na forma como se enxerga a cultura humana e como se

interpreta e se lê um texto. Com uma linguagem um tanto quanto profética, acrescenta que:

As práticas de leitura na rede e o perfil de um leitor cada vez mais imersivo, a idéia e a concretude em si de um texto fragmentado, descentrado e aberto, alardeado e abraçado por teorias da leitura e da literatura, expressam com ênfase um estágio supostamente mais avançado na cultura humana, o que talvez seja um indicativo de que a tecnologia eletrônica possa, de fato, abrigar um novo gênero literário exclusivo ao meio digital, e não só a idéia, mas o ideal do livro mudará, afinal o meio impresso não mais definirá a organização e a apresentação do conhecimento. Conseqüentemente, segundo esse ponto de vista, o suporte revolucionaria as prerrogativas do leitor e alteraria tanto o poder do autor, quanto seu método de composição. (CHARTIER, 1998. p. 48).

As alterações na forma como se enxerga texto, autor e leitor e o reposicionamento das suas funções são reais e acontecem de uma maneira tão rápida que se torna difícil inclusive realizar uma análise que abarque todas elas. Nas páginas pessoais, um dos indicativos dessas alterações dizem respeito à suposta liberdade de escrita possibilitada pelo meio.

Como não há um controle direto sobre a utilização do suporte, o autor se sente à vontade para a publicação gratuita e efêmera, e quanto mais publica faz com que os leitores percebam a sua presença naquele espaço. Ao analisar os diários pessoais e webcams, o pesquisador André Lemos (sem data) evidencia esse tipo de liberdade e suas conseqüências:

A emergência das páginas pessoais está associada a novas possibilidades que as tecnologias do cyberspaço trazem de liberação do pólo da emissão, diferentemente dos *mass media* que sempre controlaram as diversas modalidades comunicativas. Esta liberação do emissor (relativa, como toda liberdade, mas ampliada em relação aos *mass media*) cria o atual excesso de informação, mas também possibilita expressões livres, múltiplas. O excesso, paradoxalmente, permite a pluralização de vozes e, efetivamente, o contato social. (LEMOS, sem data).

Esse contato social a que Lemos se refere pode ser entendido como uma construção que é, ao mesmo tempo, social/coletiva e individual. Não é à toa que os diversos *websites* estão, de forma sintomática, permanentemente em construção, construção de imagens identitárias, de avatares.

Depois de vencer essas etapas, de constituir o seu avatar, o autor está *on line*: Affonso Romano de Sant’Anna cria um espaço **seu** dentro do espaço tão amorfo que é a internet. Até penetrar esse espaço, no entanto, Sant’Anna se mostrou aberto à inserção em ambientes diversos e sempre buscou ferramentas que fizessem com que sua escrita se tornasse mais acessível ao grande público. É essencial, para entender como essas relações de Sant’Anna com o suporte foram sendo estabelecidas, retomar alguns momentos da sua trajetória que já sinalizavam para que isso acontecesse.

A trajetória intelectual e artístico-literária de Affonso Romano de Sant’Anna permite pensar a sua relação com as mídias hoje. Sua literatura foi predominantemente poética, paralelamente à produção cronística e ensaística. Seu currículo inclui também a função de professor acadêmico da UFRJ e da PUC-RJ, além de professor convidado e bolsista de universidades estrangeiras, como a (UCLA), na Califórnia, Köln (Alemanha), Aix-en-Provence (França). Como jornalista, destaque para sua participação no Jornal do Brasil, no qual foi substituto de Carlos Drummond de Andrade e como crítico da Revista Veja, na década de 80 do século passado. Além disso, destaque para sua atuação como diretor da Biblioteca Nacional, entre 1990 e 1996. Assim, o suporte preponderante foi o livro, a revista, o jornal, a via impressa, enfim.

Affonso Romano, no entanto, esteve ligado às inovações de cada época, passando pelos suportes até aquelas relacionadas à linguagem e às produções artísticas. A escrita foi sempre uma maneira que o autor encontrou para dar forma às suas idéias, sejam políticas, sociais, ou críticas em relação às artes, à poesia, ou mesmo como instrumento de reflexão sobre a própria literatura.

Sua biografia é marcada por diálogos com outros escritores, com críticos, com outras gerações de poetas inclusive de diversos países, sobretudo latino-americanos. Sant’Anna atravessou várias fases do contexto artístico e crítico brasileiros, de mudança de conceitos, de idéias, de ordem política, cultural, movimentos de renovação da linguagem e do pensamento sobre essas questões.

A poesia de Sant’Anna foi produzida em momentos de grande agitação no cenário literário e artístico brasileiro. Ele estava atento às experimentações poéticas das décadas de 60 e 70, dentre os quais se destaca a EXPOESIA⁸ – encontro que agregava poetas novos e consagrados. Na época, o principal recurso para divulgação da poesia era

⁸ A Expoesia, para acrescentar alguns detalhes, foi um evento que reuniu, no Brasil dos anos 70, cerca de 600 poetas em um balanço sobre a poesia em nosso país, encabeçado por Affonso Romano de Sant’Anna, o que revela sua feição de produtor e agitador cultural, mesmo em época de repressão oriundo de um regime ditatorial.

impresso, mas as vanguardas dos vários segmentos artísticos já tinham se ocupado em redimensionar espaços e desestabilizar conceitos.

Em entrevista a Jorge Sanglard, em 2007, falando sobre sua produção diante dos movimentos que marcaram as artes naquela época, Sant'Anna diz que:

O compromisso é ético e estético. [...] Nos anos 60 quando criamos o Centro Popular de Cultura por todo o país e estávamos movidos pela revolução urbana, fazia-se uma arte engajada. [...] Tudo isto era participação, estava exercendo a questão do compromisso. Não há como fugir, o escritor é um ser histórico e, querendo ou não, interage com seu meio. (SANT'ANNA, 2007, p. 39).

As opções por determinadas atitudes e os comportamentos faziam também parte de toda a conjuntura social da época. Definiam grupos e revelavam o pertencimento a uma ideologia. Em tempos de guerra e regimes totalitários, o lirismo se afastava dos versos no seu sentido puramente romântico para dar lugar ao engajamento político, a preocupação com os problemas sociais. A interação com o meio, no dizer de Sant'Anna, era inevitável para aqueles que assumiam um compromisso que partia da sua relação com a escrita e com os acontecimentos a sua volta (SANT'ANNA, 2007, p. 40).

Para Sant'Anna, contudo, as inovações chegam a galope, os recursos tecnológicos são necessários, desde que utilizados em sua potência, a favor da arte. Já na sua tese de doutoramento, intitulada *Drummond: o gauche no tempo e no espaço*⁹ ele utiliza uma máquina para computar dados. Sua análise sobre a obra de Drummond investiga, dentre outras questões, a recorrência do uso da expressão TEMPO na poesia daquele autor. Era o seu primeiro contato com um computador.

Sobre o uso dessa nova tecnologia, escreve o poema que traz como título "O poeta é um devedor": "O poeta é uma soma: - sua memória é o que aciona seu autocomputador" (SANT'ANNA, 1975, p. 23). A relação do homem com a máquina, bem como a importância dessa relação, já servia de mote para sua escrita.

Entrevistado por Luís Sérgio dos Santos, em 2005, Affonso Romano fala do uso dessa nova ferramenta.

Luís Sérgio dos Santos: - Existe para você contra-indicações ao computador e, se existe, quais seriam? **ARS** - Não. Mas em geral começo meus textos à mão. Achado o caminho vou para a máquina.

⁹ A tese de doutorado de Affonso Romano foi posteriormente publicada em livro. Cf SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Drummond: o gauche no tempo*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

Mas poesia, como entre os japoneses, é um exercício gestual (também). (SANT'ANNA, 2005. p 22).

A ideia de escrita como um exercício gestual pode ser entendida a partir do conceito de *performance*. Ao interagir com a máquina, o poeta não apresenta apenas um texto **escrito**, visto que seu corpo está também **inscrito** naquele poema. A publicação de um *post* pressupõe uma manifestação gestual daquele que o redigiu, não exclui, portanto, do processo de criação, as formas de manifestação da escrita, que dizem respeito, também, àquele que escreve.

A performance está presente não apenas no gesto do escritor, no exercício de produção de textos, mas também, como quer Amícola, via Stratobinsk (AMÍCOLA, 2007), na própria composição autobiográfica desses textos. O texto é performático na medida em que revela o comportamento daquele que dispersa as marcas de si nessa composição. Através do ser público ou privado, os traços da autobiografia presentes em seus textos fazem com que Sant'Anna assuma uma atitude performática que não diz respeito a ser um ou outro, mas compartimentaliza esses espaços, que ora passam a ser redefinidos.

Transitando com frequência e extrema facilidade nas rodas artístico-literárias, Affonso Romano é uma figura pública, operando como *marketing* de si mesmo. A performance também está ligada, nesse sentido, a sua atuação e as funções que exerceu durante sua vida pública. Desde a década de 60/70, atua também como agitador cultural, conferencista, e, mais recentemente, através da internet, concilia essas atividades nas suas páginas pessoais.

Na página “www.affonsoromano.com.br”, criada oficialmente em 2008, atualmente em funcionamento, que está centrada no seu blog pessoal atualizado quase que diariamente, Sant'Anna reconhece a importância da ferramenta que está utilizando, meio pelo qual, além de publicar opiniões mais imediatas sobre os diversos assuntos da atualidade, como crônicas do cotidiano, faz experimentações, testando o próprio suporte, estabelecendo com o leitor, através deste meio, uma relação que pode ser, concomitantemente, de proximidade e diálogo, mas também da distância proporcionada pela tela do computador.

Essa passagem, contudo, do autor de textos impressos para o autor que cria o seu próprio avatar e invade as redes sociais, posiciona-se a respeito dos assuntos e problemas do cotidiano, um intelectual cibernético, e mantém, com seus pares,

escritores e artistas, além de leitores e antigos alunos, uma relação mediada por essas ferramentas tecnológicas, não foi apenas uma transmutação de espaço, não foi apenas uma mudança de suporte.

Em cada caso, seja no *site*, no *blog*, no *twitter* ou nas crônicas de rádio publicadas no *site* da Rádio Metrópole, Sant'Anna viabiliza sua escrita de uma maneira, para um público específico. Delineia seu perfil na tentativa constante de imprimir no seu discurso uma coesão de idéias e pensamentos. Parece produtivo, então, analisar cada um desses instrumentos e sua importância dentro do contexto da produção mais recente de Affonso Romano de Sant'Anna.

3.1 O *SITE*

A experiência de Sant'Anna com o computador data talvez do trabalho desenvolvido para sua tese de doutorado sobre Carlos Drummond de Andrade. Com a ajuda de uma máquina, na realidade uma incrível máquina de computar dados, Sant'Anna realizou um levantamento do uso da palavra “tempo” na obra de Drummond buscando conexões com o seu pensamento. A análise, minuciosa, deu origem ao livro, mais de uma vez premiado, “Drummond: o gauche no tempo e no espaço”, publicado em 1969.

Sant'Anna afirma, em entrevista, que era uma inovação para a época. “Os computadores eram como máquinas de calcular gigantescas e tínhamos um pressentimento que, com aquela geringonça, alguma coisa ia mudar radicalmente nas nossas vidas”. (SANT'ANNA, 2010. p 7).

A interação de Sant'Anna com esse aparato do futuro não ficaria restrita a uma análise de dados. Com o advento da internet, os escritores de ontem passaram a perceber que publicar seus textos na rede seria talvez uma forma de alcançar um número maior de leitores, uma forma, inclusive, de lidar com os problemas infindáveis com as editoras e a dificuldade de publicação.

Para os escritores que já surgiram no cenário das letras dispoendo de tais ferramentas, a internet parecia ser uma forma mais democrática e menos hierarquizante de divulgação do seu material literário, possibilitando, inclusive, um canal de comunicação com seu público leitor e uma interação talvez mais efetiva com outras artes.

A princípio, era preciso criar um email, uma conta vinculada a um domínio, que possibilitasse a troca de mensagens imediatas. E foi assim que Sant'Anna passou a divulgar o que foi, durante anos, o seu canal de contato com aqueles que transitavam na internet, santanna@novanet.com.br, para os interessados em trocar mensagens com o escritor.

Em entrevista não tão recente, concedida a Francelino José em 1998, do ISNews, Sant'Anna conta como foi sua relação inicial com a internet. Dois trechos dessa entrevista são preciosos para esse estudo. Primeiro, quando ele fala de como percebeu, no início, o que seria uma das grandes vantagens da internet no que diz respeito à publicação de livros, a possibilidade que vislumbrou com a tecnologia que teve a oportunidade de implementar quando estava a frente da Biblioteca Nacional: máquinas que imprimiam livros em segundos. Perguntado sobre quando teria atentado para a utilidade da internet, Affonso Romano de Sant'Anna responde que:

Eu achava que isso era uma coisa para depois. Até que aconteceu essa coisa fabulosa, imprevisível. É fantástico. Qualquer pessoa, de qualquer lugar do mundo te descobre, te conecta, pode adquirir seus livros. Aliás, uma das coisas que espero que a internet venha resolver é sobre a questão da distribuição de livros. [...] Na Biblioteca Nacional eles têm uma máquina que imprime um livro em três minutos. Com essa tecnologia toda, você pode muito bem telefonar ou passar um email para a livraria ou até para a editora e fazer seu pedido. Eles imprimem o livro que você quer e te entregam em casa. (SANT'ANNA, 1998).

Essa sensação de Sant'Anna parece reproduzir uma sensação geral à época. As pessoas não acreditavam no que viam, era uma verdadeira avalanche de informações. O impacto foi sentido nas diferentes áreas, mas, certamente, a velocidade na transmissão de dados repercutiu enormemente na maneira como passamos a ter acesso às notícias e nas relações sociais. Muitos estudiosos, de diversas áreas, têm se ocupado do assunto. Caso da pesquisadora Lídia Oliveira Silva (2001), que afirma: “a internet se torna um espaço antropológico alternativo, visto que diante de uma virtualização do espaço público tradicional, esta apresenta a possibilidade da multiplicação das formas de mediação, além de aumentar o potencial efetivo das comunicações” (SILVA, 2001. p. 52).

As revoluções geradas por essa versatilidade do meio, além de modificarem as relações e possibilitarem o surgimento de novos espaços e a interação imediata

sublinhada por Sant'Anna na impressão de livros na Biblioteca Nacional. Esse deslumbramento inicial, contudo, não ficou apenas nessas primeiras impressões.

No início da mesma entrevista, importa destacar como se deu, efetivamente, a publicação do seu primeiro *site*. O entrevistador afirma: “Vamos começar falando de internet: você tem um *site*”, ao que Sant'Anna responde:

Affonso Romano de Sant'Anna – Tenho sim. Sempre me perguntavam se eu tinha *site*. **Duas empresas haviam se oferecido para fazê-lo, mas eu, na época, fiquei constrangido. Não queria que parecesse exibicionismo, ou uma vitrine, onde eu queria apenas me vender.** Eu fiquei postergando sobre isso, até que recebi um email de um leitor meu, do Paraná. Um jovem de 17 anos, chamado Alysson Artuso. O jovem, um dia, entrou numa livraria e encontrou uma antologia de poemas meus. Ele perguntou ao livreiro: quem é esse Affonso Romano? Leu e gostou. Entrou em contato comigo se oferecendo para fazer um *site* sobre a minha obra. E ele fez um *site* surpreendente. O garoto colocou crônicas, críticas, poemas, fotografias, etc. Há dias, ele me escreveu dizendo que está preparando a tradução do *site* para o inglês.[...] Foi assim que surgiu o *site*. (SANT'ANNA, 1998) (grifo meu).

Essa primeira resistência ou constrangimento de Affonso Romano para criação de um *site* não foi confirmada na formatação do seu segundo e atual *site* oficial, o já mencionado www.affonsoromano.com.br. Ali a exposição de Sant'Anna foi efetivamente confirmada como parte integrante do seu jogo de autopromoção e onde foi também possível observar o processo constitutivo de autofiguração que pode ser lido na criação da imagem que estava sendo criada sobre si mesmo, na produção da sua escrita autobiográfica.

Na página inicial, em que a foto de Affonso Romano de Sant'Anna está estampada, ou “home”, estão dispostos os seguintes botões: “O escritor”, “fotos”, “poesia”, “prosa”, “entrevistas”, “blog” e “contato”. O que se pode ler nesses tópicos é uma apresentação geral sobre o escritor e sua produção, dispostos de maneira a proporcionar ao leitor navegar pela sua bio-bibliografia.

O material autobiográfico é vastíssimo. O primeiro botão, “O escritor”, é dividido em quatro outros botões. Em “biografia”, lê-se um texto escrito em 2005 para o “Jornal das Letras” de Portugal que traz o emblemático título “Autobiografia”: Autobiografia: - o que vi? – o que vivi? – ou o que escrevi? Autobiografia: reinvenção autorizada”. (SANT'ANNA. *site*).

No segundo botão de biografia, Sant'Anna disponibilizou o texto “Por que escrevo?”, que afirma não saber precisamente onde e quando foi publicado. Trata-se de uma longa descrição em primeira pessoa sobre a escrita e sobre sua escrita. Ele tenta responder a pergunta que foi utilizada como título de maneira que, a medida que vai escrevendo, faz uma retrospectiva sobre sua relação com os livros, com autores diversos e como suas inquietações revelam, desde a primeira publicação, sua preocupação em estar alinhado com os problemas de cada época, produzindo o que ele afirma estar impregnado do seu tempo e da sua história. Fala, inclusive, sobre a mudança de suporte e suas relações com a escrita.

Alguém deve estar pensando quando lê esse texto: - Mas em que parágrafo ele vai falar sobre a escrita e a sociedade informacional em que vivemos? – Não está a escrita condenada a acabar nesse mundo audiovisual? – Não. Ao contrário, cada vez se escreve mais e se lê mais. Para manejar um computador há que se ler seguidamente instruções e saber lidar com o comando das palavras. E, afinal, escrever não é saber comandar as palavras? (SANT'ANNA, *site*).

Desse excerto é possível destacar, inclusive, a visão que Sant'Anna diz ter sobre o uso da ferramenta. Associa esse uso ao exercício da escrita e problematiza a questão da leitura no mundo contemporâneo, povoado por inúmeros recursos áudio-visuais que, a princípio, prejudicariam o seu desenvolvimento.

Há, ainda, um botão dedicado a catalogar e oferecer ao leitor alguma informação sobre os livros já publicados por Sant'Anna, de 1962, com o *O desemprego do poeta*, até 2008, com *O enigma vazio*. No último ícone, 22 opiniões críticas sobre Sant'Anna e sua produção, passando por Jorge Amado, Renato Cordeiro Gomes, até Antônio Cândido e Caio Fernando Abreu. Com todas essas informações, tem-se uma ideia bem abrangente dos caminhos percorridos por Sant'Anna em sua carreira artístico-literária.

O ícone fotos traz a vida de Sant'Anna e sua carreira em um mosaico colorido de lembranças. Há fotos do escritor em momentos diversos. Com escritores como José Saramago e Lígia Fagundes Telles, em um encontro na Universidade de Washington em 1987, em um baile de máscaras com sua esposa Marina Colasanti, em 2008, ou como o atlético poeta com vestes de banho em foto para divulgação do seu livro *Poesia sobre poesia*, em 1975. Dessa forma, Sant'Anna expõe-se ainda mais. Dessa forma, reforça a imagem que ele cria de si.

No botão dedicado à poesia, outros *links* destinados a leitura dos seus poemas em 12 idiomas: alemão, búlgaro, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, esperanto, francês, inglês, italiano, latim e lituano. Além disso, é possível ainda ouvir sua poesia lida por Tônia Carrero, Elisa Lucinda, Alessandra Colassanti e o próprio Affonso Romano, além das poesias musicadas por artistas como Fagner e Rildo Hora. Trata-se de um verdadeiro diálogo entre as artes, de maneira que as linguagens se cruzam de tal forma que surgem novos objetos artísticos, permeados por essas tantas linguagens.

O *site* ainda é composto por um link para a prosa de Sant'Anna, onde é possível ouvir algumas de suas mais conhecidas crônicas em áudio, como “A implosão da mentira” e “A mulher madura”.

As entrevistas estão disponíveis em vídeos (através de links para o *youtube*), em material com extensão em pdf, que pode ser impresso, entrevistas *on line*, que remetem a links de *sites* que publicaram entrevistas com ele, além de duas entrevistas em áudio, concedidas à Rádio Inconfidência de Minas Gerais, em agosto de 2009 e à FM Assembleia de Pernambuco, em julho de 2009.

Na seção contato, um email para que o leitor possa se corresponder eletronicamente com Affonso Romano de Sant'Anna: textificando@gmail.com. Quanto ao *blog*, será objeto de reflexão do próximo subitem.

Em todo esse vasto material registrando a trajetória artístico-literária de Affonso Romano de Sant'Anna o que se pode notar é uma proliferação de vozes de um sujeito que se lança na rede criando uma figura de si mesmo, figura essa que se destaca na “vitrine” a qual Sant'Anna dizia temer expor sua imagem. O *site* de Sant'Anna, além de proporcionar essa visualização mais geral da sua produção, diz sobre ele e a forma como ele quer ser visto pelo público leitor, pelo usuário dessa ferramenta tecnológica.

No *site*, diferentemente de uma publicação impressa, algumas mudanças podem ser notadas e estas interferem no que diz respeito a essa escrita que expõe aquele que a produz, mudanças que dizem respeito, inclusive, à forma como se conduz essa exposição. Algumas são importantes para refletir sobre o comportamento de Sant'Anna quanto à utilização desses recursos.

1. A visualização rápida e atualizada: Na tela do computador, é possível acessar as informações disponibilizadas por Sant'Anna e acima descritas de maneira ágil e seletiva, permitindo, inclusive, que o usuário copie e cole a informação que desejar. Além disso, através da internet, as informações só se tornam obsoletas quando não são modificadas prontamente pelo programador do *site*, que pode

ser o próprio Sant'Anna, dada a sua facilidade de manipulação. Os sistemas, em geral, são autoexplicativos.

2. No *site*, é possível criar e retirar ferramentas e informações que o usuário julgar conveniente: O *site* de Sant'Anna já passou por algumas modificações, preservando, essencialmente, duas coisas: a estrutura em tópicos, a cor predominante, cinza, e a foto de apresentação. Desenvolvido pela empresa *Tower web*¹⁰, de grande credibilidade no mercado de soluções digitais no Rio de Janeiro, o *site* de Sant'Anna continua sinalizando, com maior ênfase, o *link* que leva o internauta ao *blog* do escritor, talvez pelo fato de que, no *blog*, Sant'Anna possa realizar alterações sem depender necessariamente do programador.
3. O *site* pode apresentar – como é o caso – uma espécie de resumo sobre o que se propõe divulgar naquele espaço. Assim, fica mais fácil fazer a propaganda do *site* divulgando apenas o seu *link*, que pode ser acessado gratuitamente através de qualquer computador conectado à internet. No caso de Sant'Anna, pode – e funciona muito bem – como um cartão de visitas, uma apresentação de sua trajetória e das áreas em que atua.

Assim, por essa rapidez na transmissão de informações, pela possibilidade de retirada ou acréscimo de textos, fotos e figuras, e por ser uma espécie de portfólio daquilo ou de quem está sendo apresentado na página em questão, o *site*, que possui uma forma mais rígida que o *blog* ou o *twitter*, por exemplo, tem como marca a exposição. No *site* de Sant'Anna, a autoexposição passa pela conjunção de imagens que são geradas: na seleção de fotos, nas crônicas lidas pelo próprio autor, na possibilidade de contato através do email divulgado no *site*.

O *site* possui, também, uma riqueza de elementos que reforçam questões que já foram mencionadas nesse estudo. A própria apresentação da página virtual de Affonso Romano de Sant'Anna já revela marcas da construção imagética através do qual ele perfaz sua autobiografia. Ali sua carreira encontra-se dividida como que em atos: crônicas, fotos, áudio-poemas e entrevistas, onde o protagonista narra o que pretende apresentar como sendo ele: sua vida e suas experiências.

Deve-se atentar, ainda, para a quantidade de referências que são feitas a textos. Trata-se de um processo intertextual que, aqui, pode ser chamado de hipertexto, em que

¹⁰ <http://www.towerweb.com.br/>.

o encadeamento é uma das variantes mais específicas para esse estudo. Ora, ainda na apresentação, é possível observar como o autobiógrafo se constrói através de um sem número de citações.

a) Citações de textos seu: Toda a estrutura do *site* é construída com textos que já foram publicados em outros veículos. Desde o texto de apresentação (autobiografia) até as fotos, que dizem respeito aos textos-imagens, de encontros e de situações cotidianas da sua vida.

b) Citações de outros endereços: As entrevistas disponibilizadas no *site* são remetidas ao *site* do *youtube* um gerenciador de vídeos publicados por seus usuários.

O *site* de Affonso Romano de Sant'Anna aponta, portanto, para uma série de discursos que estão sendo montados, como peças de um jogo que o leitor põe-se a organizar. Mais prático do que investigar esses traços disseminados em seus textos, no endereço www.affonsoromano.com.br, é possível perceber como Sant'Anna cria a imagem daquilo que ele imagina ser.

O *site*, porém, como já foi dito, é uma ferramenta mais estática do que o blog. Por ser mais interativo, este último fornece ao visitante da página uma impressão, oriunda de uma série de fatores que serão examinados, de que está interagindo de maneira mais efetiva com o escritor. Seguindo esse caminho, parte-se para a análise do *blog* de Sant'Anna.

3.2 O BLOG

Antes de centrar a análise no *blog* de Affonso Romano de Sant'Anna, é importante pensar as possibilidades de uso desta ferramenta, em especial aquelas que são por ele exploradas.

O *blog* como ferramenta tecnológica comporta uma série de mesclagens de gêneros, que vão desde o diário até a autoexposição midiática. Parece paradoxal, a princípio, que essas formas possam compartilhar o mesmo espaço, ainda que tenham sofrido consideráveis adaptações que dizem respeito ao meio, ao próprio suporte.

A jornalista Denise Schittine (2004) percorre os caminhos que, em sua leitura, levaram ao surgimento do *blog*. A ela interessa a passagem do papel para o plano virtual e os traços que marcaram essas mudanças:

Com essa pequena mudança no meio de comunicação – do papel para a tela –, o diário deixa de fazer parte da esfera íntima e se abre para a esfera pública. É um paradoxo: o escrito que deveria, a princípio, permanecer fechado para o mundo e para as relações exteriores se abre para ambos, de uma nova maneira. (SCHITTINE, 2004. p. 32).

A perspectiva diarista assumida pelo *blog* não é, contudo, um traço que o caracteriza. Apesar de preservar a prática de recortar os fatos, os fragmentos do que aconteceu, é possível, no *blog*, promover a interseção entre o que seria privado e a discussão pública sobre determinado assunto. A ala estreita entre o real e o ficcional é transmitida do diário para o *blog* com uma característica própria: o escritor tem a liberdade de inventar e criar o seu próprio discurso para se desprender do compromisso de verdade com o leitor.

Um fator importante deve ser considerado, no entanto, quando se observa o *blog* a partir do gênero diário. Este não envolve apenas os pormenores ou os apontamentos daquele que escreve, envolve também as pessoas que com ele convivem. Sendo assim, a escrita blogueira evidencia tanto a vida do sujeito que surge naquela construção discursiva quanto os outros com os quais se relaciona. Há, talvez, ainda mais, a preocupação com o que deve ser revelado, tendo em vista o envolvimento de terceiros.

A “versão de si” que é apresentada no *blog*, todavia, pode revelar múltiplas faces do ser que ali se configura. As versões oscilam e ora apresentam alguém mais interessante, ora mais motivante, ora mais resignado, ora mais preocupado com a vida, ora mais desapegado dos problemas e dificuldades cotidianos. Elas fazem parte do jogo estratégico que enfatiza esse ou aquele aspecto, a depender das impressões que naquele momento, em determinado contexto, ele quer causar.

A inconstância de sentimentos percebidos na escrita blogueira, a deformação típica das variações do sujeito, tornam o *blog* uma via de construção discursiva em que a constância das publicações de *posts* é que vão fazer com que ele possa ser percebido, que ele venha a existir.

Nesse sentido, o conflito não é simplesmente: O que devo escrever? O que devo ocultar? O que vão pensar de mim?, mas: Como fazer para que alguém continue me lendo? A questão central passa a ser: Eu posso ser lido – e eu quero que isso aconteça. O desdém, entretanto, compõe a cena do ardiloso mundo virtual, onde a visibilidade é uma forma de validar o que esta sendo dito.

Nesse *strip tease* cibernético, o escritor blogueiro desnuda-se aos poucos e, uma a uma, escolhe a peça de roupa que deve ser retirada. Ao internauta, resta a expectativa, e a possibilidade de observar aquela criação: os sujeitos dialogam via formação discursiva e dessa forma constituem-se mutuamente.

Mas essa relação do que escreve com o que lê, no espaço de exposição virtual, é uma espécie de abertura ao diálogo que o escritor de antes se permitia e o de hoje, através da internet, se torna cada vez mais interessado. Se antes os jornais reservavam aos leitores um espaço de diálogo com o cronista, o editor, o colunista, agora os *blogs* oferecem a sessão “comentários”, uma ferramenta onde a comunicação com o escritor se torna ainda mais célere.

Trata-se de uma possibilidade de intervir no *post*, além da intervenção via colagem de textos. O usuário pode “copiar” e “colar” o *link* daquele *post* se com ele tiver alguma afinidade, acrescentar um comentário próprio e “publicar” na sua página no *twitter*, por exemplo.

As mídias então, se comunicam. O hipertexto é uma constante e tal processo viabiliza ainda mais a discussão *on line*. Mesmo que não haja tempo para comentar o que foi escrito por alguém, é possível registrar sua “passagem” por aquele *post*, no *twitter*, por exemplo, simplesmente “retuitando”¹¹ o que foi publicado. Assim, um texto pode ser reproduzido tantas vezes quanto o número de interessados em reproduzi-lo. Trata-se de um encadeamento de ditos e escritos que exaspera os espaços e correspondem a um certo status conferido aquele que tem sua escrita reproduzida. A exposição é, portanto, perseguida pelos escritores que utilizam esse meio, através dos seus vários recursos.

Ao considerar a produção de escritores que transitam tanto pela via impressa quanto pela virtualidade, caso de Affonso Romano de Sant’Anna, algumas perguntas podem desencadear uma série de questionamentos a respeito dos *blogs* desses escritores.

Uma questão central pode conduzir a outras: O que leva um escritor que já utiliza a via impressa a partir para a virtualidade? O exercício pode ser duplo: ele escreve para se lembrar e para ser lembrado. Confere, então, ao texto, a possibilidade de ser um registro, assumindo um compromisso público de suas idéias – uma prática que o

¹¹ O “retweets” é uma ferramenta do *twitter* através da qual é possível endossar o que foi dito por algum outro “perfil” de twitter. Assim, o usuário pode republicar o tuíte de outro usuário.

intelectual conhece muito bem e que ainda procura preservar – na tentativa de manter certa coerência de pensamento e defesa de ideias.

Ao mesmo tempo, se ele guarda ali suas opiniões, é possível, dada a facilidade da própria ferramenta, rever o que foi publicado, retirando, recolocando, refazendo e até mesmo “acessando” o que de repente sua memória não seria capaz de guardar. Para isso serve o ícone “arquivo”.

Guardar e expor: onde parece haver um descompasso há, na realidade, uma demarcação estabelecida por aquele que faz uso dos suportes de publicação *on line*. O recurso para restringir o acesso pode ser a senha, o convite que se faz a grupos de amigos através do email pessoal, mas há também restrições que fazem parte do universo intratextual e dizem respeito à linguagem utilizada ou ao repertório do leitor. Para que o processo de intertextualidade se realize é preciso que emissor e receptor estabeleçam comunicação sobre o que foi citado.

Desse modo, os grupos de leitores que “freqüentam” determinado *blog* ou aqueles que “seguem” determinado perfil no *twitter* passam por um processo de seleção natural que está relacionado aos seus interesses e sua identificação com a linguagem utilizada naquele *post*.

A proximidade entre o blogueiro e aqueles que o lêem torna-se, a cada novo texto, mais estreita, mas, diferentemente do que acontece nas relações presenciais, chega-se à intimidade de um modo muito mais acelerado do que seria normalmente, não fosse a tela que os separa. Uma intimidade que surge com a identificação. Instaura-se, portanto, uma certa tensão entre o público e o privado, entre ser reservado e estar íntimo.

O blogueiro está a todo momento se perguntando o que ele deve/pode/quer publicar que possa de fato despertar o interesse daquele que passeia pelas densas florestas da virtualidade a procura de algo que o desperte da mesmice. Não há dúvida de que, sendo o espaço mais amplo, cabe ao escritor atrair o seu público, e nesse jogo midiático, as regras não são fixas.

Manter a fidelidade do leitor não requer necessariamente o destaque a um acontecimento que lhe pareça atrativo, ao modo das crônicas, a avidez e perspicácia no comentário ao último filme lançado relacionado a uma reflexão sobre os males da sociedade global podem despertar o interesse dos internautas da mesma forma que a banal descrição do que ocorreu no final de semana de um anônimo em qualquer parte do planeta. E como isso acontece? “Um desconhecido se consagra com uma mescla de

distancia, ironia, autoexposição, simpatia e mau humor, engenho e banalidade, originalidade e lugar-comum”. (SARLO, 2011. p 33).

Além disso, as identidades blogueiras podem ser – e são – a todo momento questionadas. É comum a apropriação do nome de alguma celebridade, seja ela televisiva, artística, literária, ou mesmo ícones da cultura pop de outras épocas na criação de perfis chamados, na *net*, de *fakes*¹². Para driblar essas produções de si em série, a figura pública opta por acrescentar à sua página a designação “oficial”.

A expressão oficial, adicionada à página criada por um escritor, por exemplo, teria o propósito de causar a impressão de que se trata **realmente** daquele cujo nome aparece naquele meio. É comum também postar uma foto mais íntima ou de algo que esteja acontecendo exatamente no momento da postagem, o que mais uma vez serviria para garantir o lugar de personalidade daquela página.

A questão da frequência de publicação de *posts* traz também algumas características que são particulares das produções veiculadas nos *blogs*. Não há um momento certo, uma hora exata ou um dia mais adequado para que surja um novo texto. Uma vez que o escritor esteja conectado ao mundo virtual, a demanda por novos *posts* tanto surge por parte da necessidade que ele afirma ter de comentar sobre algum assunto, do leitor que acompanha regularmente aquela página, quanto do próprio suporte que requer cuidado e atualização constantes, visto que seu conteúdo pode se tornar obsoleto.

Não é também possível precisar quando aquela narrativa será finda, afinal não há limite de postagens e o que termina mantendo essa vitrine com material pronto para ser consumido é a freqüente seqüência dos acontecimentos. Há momentos em que a virtualidade parece ter sido abandonada pelo blogueiro. No entanto, mesmo esse afastamento pode se tornar motivo de discussão e de repente explicar a ausência de publicações pode remeter a imagem que esse sujeito pretende construir de si enquanto escritor.

Ao conectar-se ao mundo virtual, ao publicar seus textos na internet, portanto, o escritor faz escolhas que marcam o seu texto e a composição da imagem daquele que o está produzindo. Essa opção já sinalizaria uma vontade ou necessidade desse escritor: a de publicação. Se essa escolha se concentra na criação de um *blog*, duas vertentes

¹² Os *fakes* (fantasmas em inglês) são bem comuns na internet. Tanto são criados por pessoas que mantêm uma admiração ou afinidade com aquele que está servindo de molde para a cópia como por aqueles que pretendem “espionar” o espaço público sem serem vistos. Uma forma de passarem despercebidos através do anonimato.

principais são delineadas, através das quais tantas outras surgem: o *blog* como **ferramenta** e suas linguagens, como meio, desde a sua configuração – símbolos, cores, fotos utilizadas etc, até o seu **conteúdo**: a recorrência de determinados assuntos, gêneros – ou mesmo a mesclagem entre eles. A versão que o escritor passa a fazer de si diz respeito a cada uma dessas escolhas e pode ser definida até a partir da presença ou ausência de algum desses componentes.

A escrita dos *sites* pessoais, *blogs*, *twitter*, tende a se caracterizar a partir das tantas possibilidades conceituais as quais são observadas nos textos e *performances* produzidas na internet. Se o autor está a todo momento se inventando, se recriando, escuso se torna o exercício de movimentação ambígua entre o que ele é e como pretende ser visto. A definição trazida por Luciene Azevedo (2007) no texto *Blogs: a escrita de si na rede dos textos* é sensível a essa movimentação quando apresenta a seguinte definição para *blogs*:

Os *blogs* são páginas pessoais nas quais os autores podem expor desde experimentações literárias até os mais banais comentários sobre o seu cotidiano. À maneira de um diário íntimo, o *blog* é construído cronologicamente através da possibilidade diária de atualização e pode funcionar tanto como um espaço disciplinador para o exercício literário como um canal de “evasão de privacidade” (GIANNETTI, *blog* apud AZEVEDO, 2007, p. 44).

Partindo da definição de Giannetti citada por Azevedo, pode-se observar a gama de possibilidades oferecidas para a leitura do recurso de produção das escritas de si na internet: o *blog*, um objeto que pode ser colocado em perspectiva e analisado a partir de diversas abordagens teóricas, mas que interessa, sobretudo, pelo aspecto da escrita e sua construção. Pelas mobilidades previstas na linguagem.

No referido texto, Luciene Azevedo (2007) se põe a analisar o *blog* de três escritores que utilizam esse espaço para se autoficcionalizar, registrando ali uma experiência, uma vivência diária, quase que em tempo real.

Alguns pontos podem ser destacados do texto de Azevedo para a compreensão dos mecanismos de funcionamento das páginas *on line*:

1. Novos escritores e outros nem tanto: A todo o momento surgem novos escritores na *web* e é lá que publicam seus primeiros textos. Há vários casos de escritores que começaram publicando em *blogs* e tiveram seus textos “garimpados” por editores, que posteriormente selecionam textos ou trechos do

blog para publicação impressa. Há, contudo, escritores consagrados que resolveram, por motivos diversos, penetrar o espaço virtual e que passam por um processo de conhecimento e adaptação ao meio. Publicam tantos textos éditos como inéditos – que migraram da via impressa para o cyberspaço e outros que foram produzidos para existir naquele ambiente.

2. O assunto/ A linguagem: É praticamente impossível catalogar os assuntos tratados por escritores em *blogs*. Em geral, é recorrente a opção por uma escrita poética, jornalística, que passa por comentários de fatos triviais até a resenha de filmes, livros, eventos literários.

3. Divulgação/ Autopromoção: É comum observar no *blog* de perfis daqueles que se consideram escritores *links* para *sites*, *blogs* ou páginas de outros escritores. Além disso, ele fala também de suas predileções, de sua agenda, etc.

4. Personagens: Os mais comuns personagens das narrativas blogueiras são os próprios autores.

5. Duração: Apesar de reconhecerem se tratar de espaço marcado pela efemeridade, velocidade e pelo que parece ser descartável, os blogueiros escrevem para que eles ou sua literatura, de alguma forma, venham a durar. (AZEVEDO, 2007).

Apesar de Azevedo concentrar sua análise nos *blogs*, o mesmo vale para a ferramenta virtual *twitter*, com a ressalva de que se trata de um texto muito mais curto e que, a princípio, revelaria ainda mais esse caráter de efemeridade.

Há uma questão que também merece ser destacada nas publicações *on line*. Trata-se da ideia de texto como *performance* que desliza entre o que pretende se firmar, resistir ao tempo, tornar-se um cânone, com aquilo que parece ser a superexposição da figura de um escritor marcado pelo imediatismo como uma coisa natural, quase que como uma coisa que lhe é própria. A necessidade de escrever, para estes, parece ser ainda mais incômoda. É então ali que o escritor se faz, se presentifica no texto.

Nessa esteira, a autobiografia, cujos traços atravessam esse tipo de produção, é também um exercício performático de projeção de atos simbólicos que dizem daquele que a produz. Performática porque enseja a criação da figura desse sujeito, a elaboração do seu avatar.

Esse ser performático nas páginas pessoais aparece sob a forma de um escritor que não só se expõe como texto, mas que produz o seu próprio contexto de construção

discursiva. Ao selecionar e configurar o contexto de sua escrita, tanto **ente** como **ambiente** podem ser identificados no discurso como sendo parte da produção textual, que passariam a existir para validá-la. Não basta escrever, mas revelar os bastidores da escrita, ter compromissos com editoras, dar entrevistas, etc.

A ideia de publicação de textos sem mediadores coloca o escritor na posição de ser, ele mesmo, o mediador dos seus discursos, e se são os discursos que o constroem, trata-se, como já foi dito, de um intelectual que necessita conquistar espaços para que a sua discussão produza algum efeito.

O *blog* tomado como objeto para a análise que será desenvolvida a seguir é do escritor Affonso Romano de Sant'Anna que, ao penetrar as esferas públicas no espaço das mídias eletrônicas, subverte o espaço, pois passa a conceber um exercício de inovação do seu processo criativo.

Além de publicar, Sant'Anna marca essa esfera com a autopromoção de si e do que está sendo dito em suas páginas, seja retomando discussões polêmicas que colocou no passado ou através da publicação da agenda pessoal de um escritor que pretende ser visto como alguém que se encontra em plena atividade artística, cultural e intelectual.

Se a relação de Affonso Romano com as mídias foi, na maior parte do tempo, amistosa, o mesmo não se pode dizer da recepção da crítica contemporânea sobre seu conturbado e polêmico posicionamento a respeito de alguns assuntos, o que pode ser notado nas discussões que propõe a respeito da revisão de arte do nosso século em *Desconstruir Duchamp* (2003), por exemplo¹³.

Importa, contudo, nesse capítulo, analisar o movimento de construção do *blog* do referido escritor, sobretudo como uma tentativa de permanência não apenas dos seus textos, mas da figuração que cria de si naquele espaço que pressupõe o contrário: a volubilidade.

¹³ Vale a pena destacar, sem entrar no mérito da discussão, o desconforto causado pelo embate entre Affonso Romano de Sant'Anna e Flora Susseking quando esta publicou uma crítica na ocasião da morte do jornalista e crítico Wilson Martins no Jornal "O globo" de 24.04.2010. Em seu blog, Sant'Anna rebate o texto de sua ex-aluna em um *post* publicado na mesma data sob o título "Flora Sussekind: a hidrófoba": "Li o artigo de Flora Sussekind no "Prosa e Verso" d'O Globo deste sábado 24.4.2010. Nunca vi tanto fel, tanto ódio sob o pretexto de tratar da crítica literária. Metralhadora alucinada e giratória, ela atira em todas as direções, inclusive no próprio pé. É constrangedor. Flora pensa mal e escreve pior ainda. Se me provocarem, eu mostro. O verdadeiro tema de seu texto é Wilson Martins. Em sua ira generalizada diz claramente que é preciso matar mais uma vez Wilson Martins". Irritou-se que, três críticos, entre outros (Miguel Sanchez, Alcir Pécora, Sergio Rodrigues) tenham escrito sobre Wilson, quando de sua morte. Autoritária ela quer apagar o nome de Wilson e de outros e fazer a história ao seu jeito. Com reparos que lhe podem ser feitos Wilson Martins deixou uma obra sólida, instigante, um marco não só na literatura, mas na cultura brasileira do século XX. Não é o caso de Flora e suas pequenas invectivas. Wilson Martins morto é mais útil e fecundo do que Flora Sussekind viva" (SANT'ANNA, *Blog*).

Sua inserção no espaço midiático internet, portanto, passa pelo intuito de preservar uma imagem há muito cultivada pelo autor, uma imagem de vanguardista, daquele que está sempre atento às modificações que o circundam, em seus vários níveis. A publicação dos seus primeiros *posts* dizem dessa tentativa de fazer com que seus textos sejam postos em debate, que a discussão sobre a problemática apresentada esteja na ordem do dia.

Em um dos seus primeiros *posts*, Sant'Anna reativa as questões trazidas em um dos seus mais emblemáticos ensaios, *Desconstruir Duchamp* (2003), onde propõe uma revisão crítica das artes contemporâneas. Para tanto, aproveita um evento que estava em curso no museu de Arte Moderna de São Paulo.

QUE FAZER DE MARCEL DUCHAMP?

Enviada por Affonso Romano de Sant'Anna as 16:53 - 29/09/2008

Há, pelo menos, duas maneiras de ver essa retrospectiva de Marcel Duchamp no Museu de Arte Moderna de São Paulo. A primeira é com o olhar de 1917. A segunda é com o olhar de 2008. [...] Não seria já hora de fazemos uma revisão crítica da modernocontemporaneidade? Duchamp é peça fundamental neste processo. (SANT'ANNA, 2008. *Blog*)

Enquanto intelectual que agora se infiltra na atmosfera virtual, Affonso Romano parece compor essa figuração que faz de si constituindo o *blog* de um escritor vanguardista não apenas em termos de utilização de espaço mencionado, mas em termos de abordagem crítica e formulações teóricas.

É ainda possível perceber a polifonia através das vozes de cada um desses sujeitos no lugar de embate das relações dialógicas. Expressam, cada um a seu modo, sua opinião sobre determinado assunto e também as compartilham. O escritor em questão apresenta-se como um questionador e convoca à revisão da crítica de arte contemporânea. Esses personagens/sujeitos dialogam, de maneira que a vida daquele que se coloca a frente do computador torna-se, também, parte do arsenal utilizado na composição desses sujeitos.

Sobre isso acrescenta Luciene Azevedo:

A exacerbação do que pode parecer mero confessionalismo pode assumir a polifonia de inúmeras posições de sujeito encenadas por uma interioridade selvagem que se desdobra em personagens, papéis. [...] Assim, ao invés do lugar seguro reservado à autoridade do autor como “princípio de agrupamento de discurso, como unidade e origem de suas significações, como lugar de sua coerência (FOUCAULT,

1971, p. 28), a escrita de si blogueira arma um jogo entre a identidade autora, seu *ego scriptor* e a *performance* figurada de subjetividades. [...]. (AZEVEDO, 2007. p. 48/49).

Parece então lúcido afirmar que, na tentativa de configurar esses personagens, o escritor blogueiro Affonso Romano de Sant'Anna despe-se da sua intimidade profissional, em um jogo de revelações sobre o processo criativo na medida em que ele vai sendo constituído. Não há unidade, há dispersão. Não há concentração de um personagem, há a comunicação políssona. Aliás, a superxposição compõe e é condição de existência nesse cenário.

Em outro *post*, Sant'Anna parece se sentir mais a vontade dentro do jogo que ele mesmo cria. As regras são por ele estabelecidas, pois se trata da forma como quer ser enxergado, da imagem que será perpetuada sobre aquele que escreve. O texto publicado toma então uma feição mais de diário.

PARIS-DIARIO DE VIAGEM- 1

Enviada por Affonso Romano de Sant'Anna as 14:55 - 31/12/2008

Há 40 anos que viajo ao exterior e sempre me surpreende e encanta que não haja favelas já ao redor do aeroporto (como em Paris), que esteja tudo pronto, já feito e limpo. [...] Os parisienses saíram de férias por uma semana e os turistas não são tantos que entulhem as ruas. Chove um pouco. Mas pode-se andar com certa tranqüilidade. Já compramos ingresso para “Picasso e seus mestres” no Grand Palais, dia primeiro de janeiro. [...] *Compro alguns livros. Entre eles, a necessidade de ler, reler esse “Monsieur Teste” de Paul Valery. Através desse personagem ele faz uma crítica a essa busca do sucesso a qualquer preço. (SANT'ANNA, 2008. *Blog*).

Ora, o diário, a princípio, é um formato utilizado para dizer o indizível publicamente, aquilo que por algum motivo obscuro e profundamente pessoal confiamos apenas a nossa escrita. No entanto, a partir do momento em que Sant'Anna penetra o espaço público, até mesmo suas viagens tem, para quem lê, o valor de testemunho, com um tom de aproximação com aquele que escreve e uma possibilidade de acessar ao seu mundo supostamente “real”.

Para o escritor blogueiro o tom confessional confere ao texto uma forma de realização através da descrição do seu mundo. Não seria o diário de qualquer viagem àquele país, mas a viagem de um intelectual que, a fim de demarcar seu lugar e validar sua própria condição de existência, defende suas idéias e sua figuração.

Na última parte do excerto, sublinhe-se a predileção literária do escritor que está simplesmente flanando por uma livraria parisiense e a menção que este faz ao livro de Paul Valery que tematiza, como Sant’Anna faz questão de enfatizar, a busca do sucesso a qualquer preço. Mas quem estaria em busca desse sucesso?

Aqui cabem algumas reflexões sobre os *blogs* de escritores ou pretensos.

1 A teorização corrente sobre essa ferramenta virtual, o *blog*, observa a movimentação constante de escritores desconhecidos que buscam o seu lugar ao sol. Claro que esses escritores dizem não se importar com publicação ou fama. Não querem ser considerados excelentes escritores, de maneira geral, mas consultam suas páginas e abrem seus emails todos os dias a espera de um editor que os note. Não é o caso de Sant’Anna, que, em geral, não tem dificuldade de publicação impressa – já são mais de 40 obras, cujos títulos, traduzidos em outras línguas, constam no catálogo de editoras nacionais e estrangeiras de grande porte. Ter muitos livros publicados, no entanto, não é garantia de possuir um grande público leitor.

2 Boa parte dos textos desses escritores blogueiros, em sua maioria ficcionais, nascem na internet para só depois passarem por uma edição para via impressa. Sant’Anna, por sua vez, edita seus próprios textos, já impressos, e publica-os em sua página na internet, numa tentativa de torná-los ainda atuais. Uma pequena parte, normalmente textos com características mais de crônica, notícias ou propagandas de eventos são apenas publicados naquele espaço.

Mas, então, se não há dificuldade de divulgação e publicação, porque estaria Affonso Romano de Sant’Anna penetrando o espaço virtual? Torna-se, desse modo, evidente a estratégia do escritor em se autofigurar, desacralizando-o, tornando-o mais acessível aos leitores e aos usuários – e dialogando com eles, além da possibilidade de manter os seus textos atuais.

Em um processo de autopromoção – de si, de suas idéias, a figuração criada do escritor pelo escritor que media suas próprias reflexões e tracejam o contorno do intelectual que penetra o espaço público, ainda que não seja o representante habitual de causas como antes. Sant’Anna não parece se contentar com a posição de mero observador. Insiste na crítica. Pragueja contra aqueles que utilizam a internet para reproduzir opiniões que ele chama de “absurdas”. Repele as leituras apressadas dos acontecimentos da nossa história.

Estabelece, ainda, o diálogo com reflexões publicadas em obras anteriores e, dessa forma, parodia a si mesmo, no sentido de que confere ao seu texto uma outra

perspectiva, tanto daquele que o escreveu, em época anterior, quando daquele que ainda não leu o texto em questão.

No *post* “A dialética dos tolos”, publicado em 02/02/2009, ao criticar a leitura sobre o caso do ditador Cesare Battisti que estava sendo veiculada pelo jornal *O Estado de São Paulo* na mesma data, o blogueiro faz uma espécie de revisão de uma obra publicada na década de 90, reforçando a imagem do escritor profético, que traduz os acontecimentos de hoje como que para prevenir os leitores do que vem no futuro. A história então parece se encarregar de confirmar suas previsões.

Além disso, é possível observar a forma como ele assume uma postura não apenas de interventor nessas questões como também de representante de uma parte da sua geração: no entanto, apenas aquela que aprendeu com as questões do seu tempo.

A DIALÉTICA DOS TOLOS

Enviada por Affonso Romano de Sant’Anna as 09:41 – 02/02/2009

Esse "caso Battisti" está trazendo à tona ideologias serôdias e neuroses incuráveis, mostrando que nem todos aprenderam as lições de história do século 20. Há um manifesto circulando na internet que pretendendo justificar o injustificável e abonar o abominável tenta transformar Battisti em herói e vítima política.

Deplorável.

Um século de horrores à direita e à esquerda não ensinou nada a alguns contemporâneos. [...]

No livro “**O lado esquerdo do meu peito**” (1992) reuni numa das sessões, 23 poemas sob o título “Aprendizagem da história”. O século estava acabando, e eu que já me situava além do maniqueísmo de esquerda e direita, dando um balanço na minha experiência manifestava a esperança que minha geração tivesse aprendido algumas coisas. O primeiro poema era “*Epitáfio para o século XX*”, que já foi amplamente divulgado. (SANT’ANNA, 2009. *Blog*).

Essa necessidade de autopromoção e exposição demasiada faz parte do estudo desenvolvido por Klinger no tocante às escritas de si. Para Diana Klinger (2007), os estudos sobre autobiografia não parecem dar conta dos impasses entre o narcisismo midiático e a crise do sujeito. Parece mais profícuo, para a autora, estudar esse tipo de escrita a partir da categoria de autoficção a fim de considerar esse paradoxo.

Klinger menciona três fases da escrita autobiográfica na América Latina, duas das quais atravessaram a obra de Affonso Romano. O primeiro momento da escrita autobiográfica esteve atrelado às idéias modernistas, a associação do eu à formação de uma identidade nacional.

O segundo momento diz respeito às décadas de 70 e 80. São narrativas em forma de romance, relatos memorialistas de jovens engajados na luta política. Isso pode ser

observado nas crônicas que Sant'Anna vai escrever e, mais ainda, ele vai tornar o espaço poético um lugar para embates e discussões históricas, como testemunha insatisfeita, representante da sua época, insatisfeito com a censura, com a repressão, impostas pelo sistema político vigente. Embora não tenham sido escritos em prosa, duas publicações de Sant'Anna podem ser destacadas dessa época e através das quais se pode perceber esse sentimento de luta por ideais democráticos, que circulava naquele momento: o emblemático livro de poemas *Que país é este?* (1980) e *A grande fala do índio Guarani* (1978). Neste último, o poeta faz perguntas sobre si mesmo, sua geração, a atemporalidade da sua escrita, suas condições, e utiliza a escrita como forma de registro do sentimento comum à época.

No entanto, é no terceiro momento citado por Klinger que algumas reflexões podem ser pontuadas. Mesmo reconhecendo que todo relato de experiência pensa um sujeito ligado a seu tempo, a escrita contemporânea parece estar associada ao que ela chama de “narcisismo midiático contemporâneo”, não mais como representante de uma época, embora inserido nas relações sociais, mas onde pode ser verificado um processo de auto-indagação, de exaltação a si mesmo. (KLINGER, 2007, p. 89).

A nossa época, contudo, tem certas peculiaridades em relação aos suportes. Supostamente mais democráticos, certamente mais velozes e instantâneos, ferramentas virtuais como o *blog* e o *twitter* apresentam-se como sintomas de uma sociedade ensimesmada.

Dessa forma, é possível delinear alguns dos caminhos que têm sido percorridos pela escrita contemporânea, que passam pela discussão a respeito da superexposição midiática, pelas perspectivas que tem assumido a crítica – além do seu processo de resignificação e autoreflexão – e de como a literatura tem se entrelaçado às diversas áreas do conhecimento, às diversas formas discursivas, comportando as mais diferentes feições.

Pressupõe-se que o espaço proporcione abertura, o que nem sempre é efetivamente o caso. Quando Sant'Anna começou a utilizar o *blog* e nele publicar seus textos, uma caixa de comentários estava disponível para que o usuário pudesse tecer seus comentários e interagir com o escritor.

Essa possibilidade de interação só ficou disponível na página por cerca de seis meses, talvez porque os comentários fossem escassos e talvez porque demandassem do escritor uma resposta personalizada a cada um deles, o que exigia tempo e rapidez nas

respostas. Restava, então, ao visitante que pretendia dialogar com o escritor, enviar-lhe um email.

O diálogo passou a ser percebido pelo leitor apenas quando Sant'Anna o deixava perceber, indiretamente, nas respostas que concedia através dos seus *posts*. No texto intitulado “Mundo às avessas”, ele reproduz um poema em homenagem a um pastor que supostamente teria feito esse pedido a ele: “Postado aqui para o pastor Edson Fernandes de Almeida, da Igreja de Ipanema, que queria reler este poema publicado em "Poesia Reunida" vol.2, p.234-235 (Ed L&PM) e no livro "Textamentos" (Ed. Rocco) - NOVO GÊNESIS/Affonso Romano de Sant'Anna”. (SANT'ANNA. 03/12/2008. *Blog*.) e reproduz parte do poema.

Outro recurso foi retirado do *blog* na mesma época dos “comentários”: o tópico agenda, em que ficava organizado, com até três meses de antecedência, os seus compromissos: palestras, concursos, homenagens, etc.

A agenda passou a ser divulgada pelo próprio Affonso Romano de Sant'Anna em seu *blog*, e daí duas considerações podem ser feitas:

- a) Alguns meses estavam completamente preenchidos de compromissos e outros, nem tanto. Essa ociosidade não é tão positiva se a imagem que se quer criar é de um escritor com agenda cheia, muitos eventos, uma atividade intelectual intensa.
- b) Com a agenda sendo divulgada no *blog*, no *twitter*, além de publicar e fazer promoção dos eventos, convocando o público para participar dos mesmos, Sant'Anna ainda permite ao leitor acompanhar os seus passos, com *posts* onde se lê: “Indo para a Jornada literária de Passo Fundo, onde conversarei sobre leitores com os presentes” (SANT'ANNA, *Blog*).

Essa abertura, portanto, é, no *blog* de Sant'Anna, controlada e isso fica evidente no diálogo que estabelece com os leitores nos *posts*.

Apesar de saber que a autoria perde espaço e importância no cyberspaço, Sant'Anna protege seus textos, denuncia e rejeita a apropriação indébita de um dos seus poemas. No *post* intitulado “Verdade Textual”, o blogueiro, em forma de bilhete, pede socorro aos leitores:

VERDADE TEXTUAL

Enviada por Affonso Romano de Sant'Anna as 23:41 - 25/10/2008

AMIGOS:

Circula insistentemente na internet e no youtube uma versão pobre e estropiada do meu poema A IMPLOÇÃO DA MENTIRA. Há um ano que mando desmentidos, mas todos os dias chegam novos emails com

o falso texto. Peço que contra ataquem em seus blogs, *sites* e toda forma eletrônica de comunicação divulgando esta verdade textual. Em tempo: cuidado com os que dizem que a verdade não existe, com os que celebram a “morte do autor” e acham que a arte é a casa da mãe Joana. São mentiras a serem ex/implodidas.
Grato pela divulgação, ars. (SANT’ANNA, 2008. *Blog.*).

Uma denúncia de fato? Uma forma de reclamar a autoria de um texto? Uma reflexão teórica levantada via imbricação de vozes? Ou uma forma oblíqua de divulgar seu próprio texto? A relação entre mentira e verdade estabelecida aqui não é inocente, afinal, uma das questões colocadas em xeque nesses textos é, sem dúvida, o investigativo exercício da busca pela verdade, uma vontade do leitor com a qual o autor pretende fazer seu jogo.

O *blog* serve, também, além de espaço para a divulgação de sua agenda, das últimas publicações, para as coisas aparentemente mais prosaicas, como a construção de um prédio novo que ele observa da sua janela ou os acontecimentos já considerados históricos que se passam ali, no bairro ao lado do seu apartamento no Rio de Janeiro. Assume a postura de uma testemunha de acontecimentos históricos do seu país.

SEM TÍTULO

Enviada por Affonso Romano de Sant’Anna as 11:50 - 28/11/2010
Vejam só. Estou aqui na minha cobertura em Ipanema gravando, por telefone, uma crônica semanal para a Radio Metrópole da Bahia, quando helicópteros barulhentos sobrevoam meu texto e minha cabeça. É a sonoplastia da violência. Crônica em tempo real. Correspondente de guerra, ouço uma explosão. Vou lá fora ver o que é. Explodiram uma bomba na esquina da Praça General Osório. Vou ao twitter e boto uma mensagem da guerra, como se estivesse em Waterloo ou Verdun. (SANT’ANNA, 2010. Em 28/11/2010 às 11:50).

Sobre isso, é importante observar que o intelectual, antes aquela figura de proa que guiava seus seguidores incultos, incautos, ao conhecimento, ao esclarecimento dos fatos do cotidiano, não é mais o único a levantar sua voz. Vozes surgem de todos os lados, das margens, do centro. Nesse movimento de descentralização os grupos representam a si mesmos, e lançam-se como interlocutores das suas próprias causas.

Dessa forma Sant’Anna intervém no espaço, um espaço que observa, mas que o coloca nas vias imprecisas das tantas vozes que emergem na composição dos sujeitos que se comunicam no seu texto, através das infinitas citações que o espaço possibilita. Ele é criado e existe para validar esse espaço. Sua escrita é voltada não mais – apenas – para um público leitor especializado, já que passa a atuar – também – como crítico

cultural, cronista do cotidiano. O espaço agora é mais democrático e acessível, mas isso pode fazer com que o texto se perca nesse universo de *bits* infindáveis.

Já que qualquer um pode ser representado por si mesmo, as vozes são tantas que se torna difícil ouvir alguma coisa. Daí o surgimento de grupos no espaço da virtualidade, verdadeiras irmandades que compartilham, “seguem” outros com pensamentos e interesses semelhantes. Esses grupos passam, por vezes, a se amalgamar a outros grupos, na procura por uma univocidade. É difícil o entendimento nessa confusa torre de babel. A comunicação é ruidosa, prejudicada pela exacerbação de sons.

A partir do momento em que as palavras são lançadas na rede, saem do repertório privado daquele que as publica. Pulverizadas, aquelas palavras podem sofrer de sintomas inerentes a essa escrita fragmentária: os diálogos, as citações, as apropriações, as reinvenções, a paráfrase. Autor e texto passam a fazer parte desse mundo publicitário contaminado de símbolos.

Os *posts* publicados são incrementados com fotos de capas de livros que serão lançados, que estão sendo reeditados, fotos em que aparece em eventos com sua esposa, a também escritora Marina Colassanti, entrega de prêmios, além dos tantos *links* com vídeos do youtube¹⁴ que remetem para algumas de suas entrevistas e também vídeos diversos, que dialogam com a crítica a um filme ou livro que está sendo resenhado.

Há, ainda, excertos de notícias e observações de acontecimentos do cotidiano. É comum, inclusive, a menção a um comentário sobre um determinado assunto que passou a fazer parte das últimas notícias, comentários um tanto quanto proféticos, uma característica que serve bem ao intelectual clássico, mas que ele por vezes nega: “Não que eu seja um profeta”. (SANT’ANNA, 2011. *Blog*).

Todas essas nuances configuram as personagens que compõem o ritualístico exercício onde Sant’Anna perfaz as escritas sobre si, através dos efeitos que a escrita permite realizar. Outra questão que está no interior da discussão textual e que extrapola para sua própria constituição no espaço público diz respeito ao mercado de artes, o mercado editorial.

A internet cria um espaço para publicação que, da mesma forma que é democrático, é também ilusório. O mercado então continua ditando regras dentro ou fora do espaço midiático, embora seu poder tenha se enfraquecido, haja vista a corrida

¹⁴ Trata-se de uma ferramenta *on line* para publicação de vídeos muito difundida e utilizada atualmente. O processo de inclusão de um vídeo é simples. O usuário cria uma conta, uma senha, e posta seus vídeos que passa a ter um endereço eletrônico para acesso. Há gradações de privacidade, tais como: *todos podem ver, *somente amigos, *convidados. www.youtube.com.br.

das editoras em transformar em meio impresso o que surge a todo momento em *sites*, *blogs*, páginas pessoais.

Na crítica de Sant’Anna o mercado já vinha aparecendo como um grande vilão. Necessário, mas um vilão. Nas crônicas culturais reunidas no livro *A cegueira e o saber* (2007), o tema é recorrente. Em “Publicar é ter sucesso”, o cronista diz que:

Não bastam talento e boas intenções. Esta é uma corrida de longo curso, cheia de obstáculos. E o problema é que com o aumento da população aumentou o número de autores e dos candidatos a artista, tornando a concorrência ainda maior. A crise atual talvez se resuma então nesta constatação: as instâncias mediadoras não estão conseguindo dar conta de sua tarefa. E a legitimação cada vez mais fica por conta do mercado, onde a quantidade se sobrepõe a qualidade. (SANT’ANNA, 2006. p. 61/62)

A crise a que o autor se refere deve ser observada, contudo, a partir dos seus antecedentes. As instâncias mediadoras, antes rígidas e fechadas, hoje, são várias. Com o advento de outras formas midiáticas, surgem, de fato, novos e tantos escritores, mas não necessariamente menos qualificados em termos literários.

Os autores, a propósito, encarregam-se desse papel. A seleção natural fica por conta do leitor que, se não consegue se decidir diante da quantidade avassaladora de escritas e suportes, ao menos o fazem de uma maneira mais pessoal, talvez menos induzida ou direcionada.

Dentre os textos postados no *blog*, outro merece destaque. Trata-se de uma leitura feita do filme *Redes sociais*, que conta a história conturbada do surgimento do facebook¹⁵:

[SEM TÍTULO]

Enviada por Affonso Romano de Sant’Anna as 15:16 – 24/01/2011

Saí do cinema após assistir REDES SOCIAIS e uma leitora me perguntou: - “Que achou?” E eu: “- Um horror!”. Claro, não referia à forma do filme de David Fincher, que é magnífico com atores sensacionais, mas ao conteúdo, ou seja, o que é narrado, que é uma barra. Ao contrário do que muitos pensam, este não é exatamente um filme sobre a internet, é um strip tease da sociedade americana. [...] E o roteiro aponta para uma conotação freudiana: o “facebook” nasceu

¹⁵ *Facebook* é marca registrada de um *site* semelhante a outro mais conhecido no Brasil, o *Orkut*. O processo de inclusão para o uso destas ferramentas é semelhante: cria-se um perfil através de uma conta com login e senha. A partir daí o usuário passa a ter uma página própria, em inglês conhecida como *profile*, onde ele informa um nome, email, uma profissão, formação superior, fotos, vídeos, etc. Há também a possibilidade de adicionar amigos e receber convites, o que termina formando uma rede de identificações e autopromoção.

de uma frustração erótica. [...] Sabem o que pensei? O Obama deve estar mesmo preparado para dirigir o USA, pois ter sobrevivido em Harvard, inda mais sendo negro, é sinal que ele sabe muito bem jogar o jogo das feras. Ele tem que ser fera. Passei a admirá-lo mais. (SANT'ANNA, 2010. *Blog*).

Ao tecer um comentário sobre uma ferramenta de proliferação de perfis na internet, onde as relações sociais são virtualizadas, Sant'Anna acrescenta ao seu discurso a crítica cultural que é ambiente comum nesse meio: não é preciso, antes de elaborar o texto crítico, manter um distanciamento ou consumir discursos sobre o objeto em questão. As opiniões são lançadas na rede quase que instantaneamente e, da mesma forma que gozam de prestígio naquele curto momento, também são ignoradas e/ou esquecidas com a mesma velocidade.

A escrita blogueira se caracteriza, também, por esse percurso que é anterior ao processo de escrita, mas que também faz parte dela: a conversa com a leitora sobre o filme parece ser relevante para a construção do sujeito que vai ao cinema e que, sim, possui leitoras. O discurso anterior ao texto, que faz parte da construção do sujeito que escreve, participa do seu processo de produção.

A linguagem, de mero instrumento, passa a ser lugar de embates das relações dialógicas. É comum observar na escrita blogueira o culto ao trivial. Tudo é publicável, desde a rotina diária ao que, curiosamente, seria inconfessável publicamente.

O *blog* passa, então, a ser uma forma de Sant'Anna se recriar. Revisando seus textos, editando-os, através dos processos de colagem, remontagem, paródia, etc, vai calcando o caminho que o conduzirá a esse processo de criação de si. A isso se acrescenta a atualização desses temas, recurso através do qual vai revisando seu pensamento, uma forma de trazer a pauta suas idéias e assegurar que ainda está em pleno exercício criativo, que contribuiu para o avanço das discussões que permeiam a contemporaneidade.

GOL, TAM, ANTILOPES E LAGARTIXAS

Enviada por as **15:01** - 12/11/2008

Viajar de avião virou um suplício. Não só porque o maldito Bush transformou os aeroportos de todo o mundo em campos de concentração, de raiva e humilhação, mas porque certas companhias aéreas têm que rever suas relações com os infelizes clientes.

Nesses dias em que estou lançando em vários pontos do país O ENIGMA VAZIO- IMPASSES DA ARTE E DA CRITICA estou viajando muito, e metido noutra impasse. E aí o que seria tolerável num ou noutra vôo ocasional, em viagens constantes, torna-se insuportável.

A TAM tem que tomar uma providência. (SANT'ANNA, 2008. *Blog*).

O caos aéreo instaurado no Brasil nos últimos anos é um problema do dia a dia do brasileiro. E se os suportes técnicos ou o “fale conosco” dos *sites* das companhias de vôo no Brasil não funcionam a contento, o *blog* pode ser uma ferramenta através da qual tanto se expõe a questão como um problema que deve ser resolvido para o bem estar da população quanto a insatisfação pessoal por ter sido alvo do descaso com os usuários desse serviço.

Constitui-se, o *blog* de Sant’Anna, também, como um espaço para viabilizar uma prestação de serviço à população e, nesse sentido, a reclamação pode ganhar adeptos no universo virtual, até o ponto de resolver a situação-problema, visto que o que as empresas menos querem nos dias de hoje é uma propaganda negativa circulando na rede.

No *blog* de Affonso Romano de Sant’Anna é possível perceber, também, a tentativa de refletir sobre o próprio *blog* do ponto de vista de sua definição enquanto ferramenta de experimentação criativa. Através dessa autodefinição é possível observar a justificativa do escritor por ter adentrado esse espaço, bem como a forma como ele vai utilizar a linguagem para produzir o que seria uma literatura sobre o tema.

UM BLOG QUE NÃO SEJA BLAGUE NEM BREGA
Enviada por as 11:28 - 20/10/2008
UM BLOG QUE NÃO SEJA BLAGUE NEM BREGA
BLOG-EM-PROGRESSO
BLOG EXPERIMENTAL
QUE TOMARÁ A FORMA E CONTEÚDO DOS DIAS
*PENSAR A VIDA PENSAR A ARTE PENSAR A VIDA PENSAR
A ARTE PENSAR A VIDA PENSAR A ARTE (SANT’ANNA,
2008. *Blog*).

Essas idas e vindas do escritor blogueiro refletem a tentativa de colocar esse espaço no limite do que está em processo de constituição, de uma possibilidade de propor diálogos e formas de se pensar aquilo que mais lhe instiga ou lhe incomoda. Além disso, a necessidade de definição realça essa busca por se manter na virtualidade de uma maneira que venha a despertar o interesse dos internautas que percorrem o cyberspaço em busca de propostas que gerem embates sobre as artes e a vida, de forma a penetrar suas relações.

Vale lembrar que a reflexão metapoética, metalingüística, é uma constante no pensamento do poeta teórico Affonso Romano de Sant'Anna. Desde *O desemprego do poeta* (1962), passando por *Poesia sobre Poesia* (1975), essa é uma discussão recorrente em sua produção por via impressa, talvez proveniente da sua vertente mais teórica, de um escritor que também transitou pelo universo acadêmico como professor de teoria da literatura.

Muitos escritores revelam também os bastidores da escrita através de uma forma que foi considerada pelos leitores, durante muito tempo, como uma maneira de o escritor declarar suas verdades, dar pistas sobre o seu processo de criação: as entrevistas. Além disso, aos estudiosos coube observá-las como variação de outros gêneros, mais um dentre as tantas possibilidades de escrita inseridas dentro do “espaço autobiográfico”.

A entrevista é um curioso jogo de revelar/esconder, onde se pode expor idéias, e onde o escritor se posiciona sobre diversos fatos e acontecimentos que estão sendo debatidos naquele momento. O que dizer, então, do blogueiro que divulga sua entrevista?

ROBERTO DÁVILA ENTREVISTA AFFONSO

Enviada por as 22:43 - 20/12/2008

<<http://www.tvbrasil.org.br/conexaorobertodavila/>>

21 de Dezembro de 2008, 20 HORAS, TV BRASIL

Na entrevista ao jornalista Roberto D'Avila, o escritor Affonso Romano de Sant'Anna fala sobre seu novo livro *O Enigma Vazio*. A publicação é fruto de uma longa e profunda pesquisa em diversas áreas do conhecimento, abordando o que é a arte do nosso tempo.

Com este livro, Affonso Romano de Sant'Anna dá continuação a um trabalho tornado mais visível com *Desconstruir Duchamp e A cegueira e o saber*. A conversa trata, ainda, da crise econômica e seus reflexos na arte, do comércio da arte, do marketing no mercado da arte e, finalmente, das mudanças que possivelmente ocorrerão. (SANT'ANNA, 2008. *Blog*).

No *post* citado, em que aparece o *link* para que se ouça na íntegra a entrevista concedida por Affonso Romano de Sant'Anna ao entrevistador e jornalista em questão, o comentário que se segue, é possível perceber através da linguagem, não é do escritor, mas do próprio *site* que está disponibilizando a entrevista. Nota-se, dessa maneira, um exercício de produção que está no espaço reservado, em princípio, à escrita do autor do *blog*, mas que pode divulgar uma entrevista concedida por aquele escritor em outro espaço e que passa, naquele momento, a ser divulgada no seu *blog*.

Outra questão pertinente refere-se aos trânsitos que percorrem esses textos pelas mídias. A referência no *blog* diz respeito a um entrevista realizada com Affonso Romano concedida ao jornalista Roberto D'Ávila, veiculada primeiro na transmissão televisiva, cujos trechos foram reproduzidos no *site* do canal *Tv Brasil*.

Qual a matriz desse texto? A entrevista que se pode ouvir na televisão? Àquela que foi recortada e publicada no *site* do canal? Ou, ainda, a reinvenção desse gênero em outros espaços, na medida em que a entrevista passa a ser citada nos *blogs* pelo mundo virtual afora? Trata-se, sem dúvida, do já mencionado encadeamento de citações, das redes horizontais que ligam textos e produzem novos discursos.

A entrevista é mais uma forma de divulgação das idéias do escritor internético agora blogueiro que se transporta para a mídia munido dos discursos que perfazem essas narrativas sobre si mesmo. Ao cruzar os gêneros e disseminá-los pela rede, o discurso se torna tão pulverizado quanto o que se diz sobre sua divulgação. Importa a entrevista ou a citação da entrevista? O fato é que tanto um quanto outro fazem parte de uma mesma estratégia de construção desse sujeito.

Ainda sobre a necessidade de atualização constante de novos *posts* no *blog* como condição de existência – e permanência das escritas produzidas naquele espaço, a própria falta de produção é tema para um novo texto.

PAROU? PAROU POR QUE?

Enviada por as 11:33 - 23/01/2009

As duas ou tres leitoras (ou leitores) que tenho neste blog, me perguntam por que não estou postando aqui todos os dias, e respondo: em parte são dificuldades eletrônicas aqui em Nova Friburgo, mas deve ser também essa coisa de princípio de ano, uma modorra geral. Mas não é só isso: talvez o “pós-parto” do último livro “O enigma vazio”. As mulheres e artistas sabem disto: depois da obra lançada, um certo vazio. Ou espera, reconstrução dos tecidos do corpo e da mente. Tenho uns 5 livros engatilhados. Mas não vou iniciá-los agora. Estou no intervalo. Por isto, aqui na montanha caminho verde e agrestemente sem nenhuma preocupação. (SANT'ANNA, 2009. *Blog*).

Para que seja constituído o escritor, é preciso que ele seja lido, que possua, portanto, leitores. Ele usa, então, o *post* para justificar sua ausência virtual, alegando estar naquele momento em um lugar que não oferece o equipamento necessário para que ele possa se conectar a rede. Diz, ainda, da sua última publicação impressa, e dos trabalhos vindouros. Dessa forma, falar sobre os momentos de intervalo, a entresafra de

seus livros, é também uma forma de pensar sobre si mesmo e sua escrita, e de justificar ao leitor – internauta que ainda é um escritor que produz.

A isso acrescenta-se o fato de que ao leitor é permitido participar, um leitor que supostamente cobra explicações do escritor sobre sua produção e possível abandono da virtualidade. Ao escritor da virtualidade é possível um descanso, contanto que ele explique porque está afastado do cyberspaço.

Assim, o *blog* criado por Affonso Romano de Sant’Anna, escritor consagrado, parece ser mais uma ferramenta utilizada para compor uma imagem perpetuada de si mesmo. Através dos recursos disponibilizados no seu *site*, e da possibilidade que o meio oferece ao leitor-usuário de intervir na composição da imagem desse escritor, vida, linguagem e recepção fazem parte do cenário criado para que este continue a ser personagem e criador, de igual maneira. Outro suporte utilizado por Sant’Anna para a produção de discursos é o *twitter*, que será analisado na próxima seção.

3.3 O TWITTER

Desde que a internet começou a ser maciçamente utilizada para publicação de relatos autobiográficos, de notícias, como canal de discussão de assuntos dos mais diversos, ou, ainda, como forma de interação entre os seres que transitam por essa via, o *twitter* parece ter sido a ferramenta que reforçou todas essas funções com uma característica bem particular: a redução máxima do que se quer dizer em termos de linguagem e sua ampliação através dos hipertextos e encadeamentos de citações.

O usuário, depois de criar uma conta no *site* do *twitter*, começa a treinar sua criatividade minimalista de encurtar e reduzir tudo o que pretende dizer, o que não se constitui como uma tarefa fácil nem mesmo para os que se sentem mais a vontade na utilização dos recursos do universo cibernético.

Na esteira das redes de compartilhamento de informações e dados e como prolongamento das escritas produzidas na internet através das páginas pessoais, o *twitter* é uma ferramenta que funciona como uma espécie de *microblog* e que traz como característica bastante particular a publicação de mensagens curtas e instantâneas, tendo em vista a limitação de caracteres por *post*. Aliás, como bem notou Beatriz Sarlo (2011) daí advém a impressão de que ali, “todos somos iguais, todos devem se ajustar a norma dos 140 caracteres”. (SARLO, 2011. p).

Essa sensação de igualdade a que Sarlo se refere é marcada pela tentativa de fazer parte de um mundo, que é virtual, e que por isso permite ao usuário ser quem ele quiser, o que pode ser percebido no estado feliz de ânimo preponderante e nas bonitas fotos publicadas nos perfis do *twitter*. Além disso, por essa liberdade quanto a constituição da identidade, quanto ao que se diz, quanto a possibilidade de ser visto, de ser lido, quando o mundo competitivo oferece o anonimato, a solidão e a cruelíssima realidade da grande maioria, penetrar esse campo é como que um passaporte para a felicidade.

Como bem notou Sarlo: “As coisas parecem transcorrer *como se* todos fossem iguais em uma sociedade comunicativa em que a ilusão de equivalência é indispensável para marcar uma diferença virtuosa em relação aos outros mundos, onde a desigualdade domina”. (SARLO, 2011. p 30). Sua rotina, seu comentário, sua intervenção a um *post* pode, no *twitter*, adquirir relevância e tomar uma dimensão talvez impossível se fosse dita verbalmente. Ao se conectar, ao usuário é permitido tanto ser quanto revelar as informações que possam convencer aqueles que visitam sua página de quem ele quer ser.

Outro recurso marcante do *twitter* é a possibilidade de o usuário trazer para a sua própria página as mensagens, vídeos, fotos, *links* postados por outros usuários. Há casos, inclusive, em que há mais citações a outros textos que publicação de novos. Aliás, o mercado da propaganda vislumbrou ali um grande aliado: quanto mais o texto de determinado “perfil” for reproduzido, ou “retuitado”, mais e mais pessoas terão conhecimento do que está sendo publicado. Uma propaganda gratuita e eficiente. A propaganda, nesse sentido, se estende a escritores que pretendem utilizar a ferramenta como forma de divulgação da sua escrita e de si mesmo.

Desde que surgiu, o *twitter*, associado a outras ferramentas como o Google maps¹⁶, tem sido também muito utilizado para registrar onde aquele usuário está naquele exato instante, informação que não pode ser verificada senão pelas próprias pistas que oferece aquele que publica sua localização. Dessa forma, informações do tipo “estou aqui no festival internacional de Paraty” podem ser consideradas verídicas se outros *posts* forem publicados com detalhes das palestras que estão acontecendo naquele momento.

¹⁶ O Google maps é um programa *on line* em cujo banco de dados constam os mapas da grande maioria de cidades ruas e localidades do mundo inteiro. As imagens possibilitam, via satélite, identificar os lugares escolhidos.

No caso do escritor Affonso Romano de Sant'Anna, cujo “perfil” no *twitter* torna-se aqui objeto de análise, trata-se de mais um de seus trânsitos: a incursão pelo *twitter* é posterior a inscrição no *blog*. Dessa maneira, Sant'Anna utiliza esse recurso para se manter a par das discussões culturais contemporâneas, em um diálogo constante. Quer ser notado: pelas outras mídias, pelo leitor que ora adentra esse espaço, pelo sujeito comum, que parte em busca de textos que circulam nessas densas águas discursivas.

Paralelamente às experimentações de escrita publicadas *on line* em seu *blog*, Affonso Romano cria sua conta e começa a postar, através da criação de um perfil, @aromano1, “tuites”, como são conhecidos aqui no Brasil: textos instantâneos, e em geral públicos, além de compactos – como já foi dito, é possível digitar apenas 140 caracteres por *post*. No espaço dedicado a sua própria definição pode-se ler: “Escritor que vive escrevendo, vendo e escrevendo, vivendo a escrita” e remete para o endereço do *site*: “www.affonsoromano.com.br”. (SANT'ANNA, *twitter*).

Desde 14 de agosto de 2010, quando aderiu a mais esta ferramenta tecnológica de superexposição também entendida como uma rede social, Sant'Anna publicou até o dia 01/12/2010 apenas 124 tuites, dentre os quais hoje restam apenas 65. É “seguido” por 113 usuários e “segue” apenas 4. São eles: @FBN brasil, da Biblioteca Nacional, da qual já foi presidente; @benitapietro, uma atriz/escritora/produtora/cultural do Rio de Janeiro; @fernandofranc, um artista plástico de Fortaleza; @calgomes, um jornalista e publicitário carioca.

Quantos aos perfis que o seguem, há certa especialização: do público acadêmico – estudantes e professores de literatura – até músicos, escritores, artistas de uma forma geral. A ferramenta, contudo, não limita o acesso apenas àqueles que fazem parte da rede social de determinado “perfil”. É possível visitar o *twitter* de qualquer outro usuário, embora o sistema disponibilize um recurso através do qual os *posts* podem ser limitados a um determinado seguidor ou a um grupo de seguidores.

A rede de encadeamentos à qual se referiu Beatriz Sarlo interliga os seus usuários, os textos, hiperdimensiona os espaços ocupados que remetem a outros endereços, além de funcionar como uma das tantas possibilidades de divulgação de textos publicados em outros espaços. Há, dessa forma, um grande diálogo entre as ferramentas utilizadas por Sant'Anna. O *blog* é um grande concentrador de textos e citações e o *twitter* remete aos textos publicados no *blog*, além de convidar o internauta a acompanhar a crônica que se pode ouvir no *site* da Rádio.

@[aromano1](#) affonso santanna

"O QUE QUEREM OS HOMENS?" LEIA NO BLOG:

www.affonsoromano.com.br/blog. (SANT'ANNA, 2010. *Twitter*).

[aromano1](#) affonso santanna

entre em : www.radiometropole.com.br e clique em "comentários" para ouvir o verdadeiro poema sobre a mentira. (SANT'ANNA, 2010. *Twitter*).

A popularidade do *twitter* talvez se deva ao fato de que é muito mais prático e fácil transmitir uma mensagem curta e rápida através da *mention* (menção) daquele com quem o usuário pretende manter contato. Estudiosos da área de engenharia da computação estão atentos às pesquisas que indicam o crescimento assustador de 700% no uso do *twitter*, na medida em que o uso do *email* passa por sensível declínio, o que mostra mais uma vez que a instantaneidade do suporte é um dos seus grandes atrativos.

Para Plínio Okamoto (2009), que pauta seus estudos nas teorias sobre criações digitais, as abordagens sobre essa ferramenta dizem respeito a um tipo de questionamento comum quando o assunto é internet: a relevância. Ao tratar dessas questões, Okamoto fala da liberdade proporcionada pelo *twitter*, visto que é possível “seguir” e deixar de “seguir” perfis a qualquer momento, basta que o usuário não se identifique com o que está sendo publicado ou mesmo com aquele que publica os *tuítes*.

Em seu texto, intitulado *O twitter é a vitória da relevância*¹⁷, Okamoto traz uma possível origem do *twitter* associada não à idéia de *microblog*, mas à busca por encurtar mensagens, que já podia ser notada na preferência por SMS ou torpedos¹⁸, transmitidos através dos aparelhos móveis. Ainda acrescenta que:

A origem do nome “twitter” remete ao som repetitivo do pássaro – daí ele ser o ícone do serviço – que para a maioria das pessoas soa como uma série de ruídos que não faz sentido algum. Para outros pássaros, entretanto, esses sons formam uma conversa inteligível e relevante. Essa metáfora ajuda a responder a uma das críticas mais comuns ao serviço que é a quantidade de informação irrelevante gerada. A pergunta que deve ser feita é: informação irrelevante para quem? (OKAMOTO, 2009).

¹⁷ Esse texto se encontra disponível em parte na internet e é fruto de um artigo publicado no jornal *Propaganda e Marketing* em 12 de maio de 2009.

¹⁸ As operadoras de celular oferecem já há algum tempo o serviço de transmissão de curtas mensagens através dos aparelhos utilizados para ligações telefônicas. A isso dá-se o nome, no Brasil, de sms ou torpedo.

É claro que as informações geradas por aqueles que utilizam esse suporte não são úteis para todos os que frequentam aquelas páginas. Os assuntos são os mais diversos e dizem respeito a uma série de interesses e é dessa maneira que, através do conteúdo dos *tuites* que os usuários vão decidindo a quem devem ou não “seguir”.

Nos textos mencionados, o que podemos observar são sujeitos catalisadores de discursos, recortes, imagens e sensações que podem ser entendidas dentro de um processo de percepções: tanto desse sujeito em relação à vida, como do leitor que também intervém nesses textos – no *twitter*, como no *blog*, é possível tecer comentários e mencionar *posts* de outros perfis. Tal recurso foi desativado há algum tempo do *blog* de Sant’Anna, mas não é permitido fazer o mesmo no *twitter*.

Essa sensorialidade, comum aos dois aplicativos (*blog* e *twitter*), observada nos textos, conduz a leitura desse sujeito cibernético à ideia de um escritor performático, de acordo com a leitura feita por críticos como Paul Zumthor (2007), para quem “A performance realiza, concretiza, faz passar algo que eu reconheço, da virtualidade à atualidade”. (ZUMTHOR, 2007, p. 31). No caso em questão, é possível acrescentar que a performance pode ser identificada na própria virtualidade, no processo de auto-figuração realizado por esse perfil.

A forma como passamos a ver aquele texto, ou, ainda, o perfil que naquele momento leva a cabo o exercício de produção de si, mediador de si e do seu discurso, não é mais a mesma quando esta passa pela performance. Zumthor ainda acrescenta que: “A performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando, ela o marca”. (ZUMTHOR, 2007, p. 32).

Isso porque existe, também no texto, a relação com o corpo. Podemos perceber a sua intervenção ou a sua utilização na escrita. A performance, segundo Zumthor, se liga ao corpo e se liga também ao espaço. Nesse sentido, o perfil @aromano1, criado por Sant’Anna, assume posturas, opina, posiciona-se, ligando-se inevitavelmente a ele e constituindo sua autobiografia.

Enquanto poeta-escritor-blogueiro manifesta-se, liga seu corpo à sua escrita. Liga sua escrita ao espaço em que está sendo produzida. Um espaço virtual, um espaço visual, um espaço, também, sensorial. Enquanto intelectual no cyberspaço, torna essa experiência definidora das forças e vozes que confluem no seu texto, e que se comunicam.

A perspectiva sensorial de testemunho é também ressignificada nos tuítes publicados através do perfil de Sant'Anna. Partindo do registro de uma situação banal, @aromano1 marca sua escrita com um corpo cibernético diluído em experiências que estão sendo criadas a partir da experiência intelectual que vaza das lembranças utilizadas para compor aquele perfil. Na ocasião do show do *beatle* Paul McCartney no Brasil, posta o seguinte tuíte.

@aromano1 affonso santanna

vocês estão indo ver 1 Beatles em SP, ótimo! mas desculpem, não quero humilhar ninguém, mas vi os 4 em Los Angeles nos anos 60... (sic) (SANT'ANNA, 2010. *Twitter*. Sem data e horário).

Essa presença do corpo cibernético foi foco do estudo desenvolvido pelo antropólogo francês David Le Breton, no texto já citado, que aborda a temática do corpo “supranumerário do espaço cibernético”, através do qual o indivíduo, ao mesmo tempo em que se excede, se perde. (BRETON, 2003, p. 64).

O autor fala ainda do apelo virtual, e de como este mesmo indivíduo se liberta das coerções da identidade e, por processos de metamorfose, transforma-se no que quer ou no que querem para ele sem temer o “destemido real”. Assim, para Breton: “O espaço cibernético é uma ferramenta de multiplicação de si, uma prótese da existência quando não só o próprio corpo que se transforma em prótese de um computador onipotente”. (BRETON, 2003, p.146).

Para além das questões que envolvem a identidade daquele que passa a ocupar um espaço no mundo virtual, importa observar os fenômenos de “multiplicação de si”, o que, nesse estudo sobre os textos publicados *online* por Sant'Anna, tem sido considerado a partir da configuração das vozes múltiplas que passam pela constituição desses sujeitos.

Se o corpo traz uma perspectiva de expansão e extensão do texto, isso vai fazer com que as escritas produzidas pelos perfis virtuais de Sant'Anna sobre si mesmo componham essa estratégia de criação em que a tentativa de permanência de si e dos textos parece se colocar como um traço permanente.

Outra marca que merece destaque no *corpus* analisado é o diálogo. Não apenas o diálogo de vozes que aparecem no texto, já mencionadas nesse estudo. Aliás, ela pode ser entendida, também, via processo de apagamento. Não passa, por vezes, de uma sugestão de público, visto que há *posts* que ficam despercebidos na imensidão de

textos que circulam na internet. Assim, o *twitter* assume ao mesmo tempo seu papel de mídia social, pública e expositiva, mas que nem sempre efetiva essa exposição, tornando-se muito mais um diário secreto, textos que terminam sendo escritos de si para si.

Essa descortinação do ato da escrita e, ao mesmo tempo, essa superexposição do processo criativo, conduzem o leitor dos micro-textos do *twitter* ao instigante senso de busca pela verdade do que está sendo dito, prática comum nesses tipos de suporte.

Há também um espaço para a metacrítica, o que é bem recorrente nesses meios. @aromano1 problematiza os textos que são publicados, mostra, portanto, que segue percorrendo outras páginas, observando outros perfis, analisando textos, ou seja, posiciona-se no espaço de conjuntura da existência desses “eus”. Através do outro, é possível identificá-lo.

Em 10 de outubro e 16 de outubro de 2010, respectivamente, publica os seguintes tuítes:

@aromano1 affonso santanna

banalidade: twitter virou espaço de repasse de anônimas insanidades. (SANT’ANNA, *Twitter*. 10/10/2010.)

aromano1 affonso santanna

Em tempos de twitter indagação de Umberto Eco no livro/diálogo com Carrière: "O Holocausto teria sido possível se a internet existisse?" (SANT’ANNA, *Twitter*. 16/08/2010.)

É recorrente o discurso sobre si mesmo. Trata-se de um artifício de autopromoção utilizado como recurso de produção textual. Como já foi observado no *blog*, esse diálogo é realizado, via de regra, na tentativa de oferecer ao leitor aquilo que faz parte do seu projeto de pensamento e, além disso, divulgar seus textos anteriores. E esse exercício não diz respeito apenas as suas publicações. Destaca da vida do escritor os seus compromissos literários profissionais, como nos *tuítes* que se seguem:

aromano1 affonso santanna

14 anos depois volto à Biblioteca Nacional, amanhã, às 16 horas, para relançar e discutir a edição comemorativa de QUE PAIS É ESTE? (SANT’ANNA, *Twitter*. 31/08/2010.)

aromano1 affonso santanna

HOJE, 29, das 20 a 21 horas na GLOBO NEWS EM PAUTA falo de QUE PAIS É ESTE? e outras questões... (SANT’ANNA, *Twitter*. 29/09/2010.)

aromano1 affonso santanna

continuando o périplo de lançamentos de QUE PAIS É ESTE, dia 7, na CASA DAS ROSAS/SP ,19.30 conversarei com os leitores sobre essa obra. (SANT'ANNA, *Twitter*. 06/10/2010.)

Seu primeiro *post* no twitter revela um escritor que conhece o alcance desses textos, ao mesmo tempo em que aproveita para, mais uma vez, divulgar os seus compromissos.

@aromano1 affonso santanna

Pronto!twittei!resistir quem há-de? Domingo,15, às 19 horas estarei na Bienal de São Paulo falando sobre Clarice... (SANT'ANNA, *Twitter*. 14/08/2010).

Nota-se, ainda, o diálogo entre os assuntos tratados nos suportes em que utiliza. Sant'Anna tanto publica o compromisso no *twitter* como no *blog*. Como neste último o espaço para publicação é maior, é possível acrescentar mais textos, imagens, cartazes de promoção e um link para o *site* do evento mencionado.

E para que um mistério – uma certa aura – sustente suas aparições públicas, é preciso causar uma impressão de desdém, de descaso, de pouca importância à fama. É quase que imediato observar tal comportamento em ambas as ferramentas citadas.

Os textos publicados *online* possuem certas características que lhe são próprias. Trata-se de um *corpus* espúrio e difícil de ser capturado. São instantâneos. Memórias. Gotejos. Lampejos. Às vezes líricos, bastante irônicos, comumente teóricos, profundamente autobiográficos. Uma escrita de si. Ou escritas de si. Os suportes são muitos, tantas quantas as estratégias para constituir a imagem que se pretende divulgar sobre si.

3.4 AS CRÔNICAS DE RÁDIO

Como já foi dito, o trânsito de Affonso Romano de Sant'Anna pelas mídias é intenso, bem como a conversa que se estabelece entre os discursos desses meios. Na senda dos textos publicados na net, Sant'Anna envereda-se por outra via de criação e promoção da sua imagem: as crônicas disponibilizadas em áudio concomitantemente na estação 101.3 da Rádio Metrôpole de Salvador, Bahia, e no *site* da emissora.

Assim, surge mais uma variante que interessa analisar neste estudo, que se ocupa da produção de Sant'Anna disponibilizada na internet: a veiculação de crônicas em áudio no *site* e a recepção nos dois meios de um mesmo texto, ali e na rádio.

Tanto no *blog* como no *twitter* é possível observar os aspectos que serviram de condução teórica para essa discussão: como Sant'Anna constitui nesses espaços sua imagem figurativa dentro da perspectiva autobiográfica, como se deu a inserção do intelectual cibernético que transita por mais esse suporte onde as tensões entre público e privado são ressignificadas, além das relações de entrecruzamento de textos que ultrapassam os limites textuais e permitem uma interação mais acentuada com o leitor, que passa a fazer parte do processo produtivo da escrita.

No caso das crônicas disponibilizadas no *site* da Rádio Metrópole esses aspectos também são evidenciados, o que chama a atenção, mais do que nos outros meios, é a linguagem utilizada por Sant'Anna nesse exercício criativo. A linguagem é característica desse gênero textual crônica – no *site* e na rádio o locutor a anuncia como “comentário” – no entanto, talvez por estudar o perfil do público que ouvirá esses comentários, eles não só tematizam os acontecimentos mais prosaicos como adquirem uma característica própria de notícia. Além disso, as crônicas são inéditas, enquanto que no *blog* os textos são disponibilizados juntamente com sua fonte (Jornais ou trechos de textos impressos já publicados pelo escritor). Não há registro de nenhum texto inédito.

Em geral, eles remetem a outros textos de Sant'Anna já publicados, o que reforça a utilização dos recursos intertextuais, as relações dialógicas entre os textos. De outro modo, é possível afirmar que se trata de mais uma via imediatista onde a escrita se liga a fatos do cotidiano, já que os textos nascem dessa relação e a da análise dos seus acontecimentos.

Os temas das crônicas estão ligados àquele que as produziu, já que nelas é possível identificar traços autobiográficos que dizem respeito à trajetória intelectual e artística de Affonso Romano de Sant'Anna. No texto que se segue, por exemplo, é possível notar um sentimento saudosista em relação ao encerramento das edições impressas do Jornal do Brasil, um sentimento de um jornalista que tem sua carreira vinculada a esse meio de comunicação.

Mais uma morte anunciada. Nunca o título do romance de Garcia Marquez, “crônica de uma morte anunciada”, foi tão apropriado a uma morte progressiva que estamos assistindo: a morte do Jornal do Brasil. Segundo os seus proprietários, no dia primeiro de agosto o jornal

deixará de circular como papel impresso para ser algo *on line*. Isso poderia ser apenas uma mudança de suporte, e quem dera que isto seja fosse verdade. Mas segundo todos os analistas da situação da imprensa, a coisa parece ser outra: o jornal vem morrendo progressivamente. Funcionários e antigos colaboradores estão se reunindo para lembrar de um tempo em que a imprensa, antes da internet, era mais épica e romântica. [...] O que houve com a imprensa do nosso país? (SANT'ANNA, 07/09/2010. Reprodução de áudio).

Ao mesmo tempo em que torna latente seu sentimento de perda pelo Jornal do Brasil, Sant'Anna aproveita para refletir sobre o papel e o lugar que a imprensa passou a ocupar em nosso país. Como já foi dito, os temas são recorrentes, o que faz com que a produção de Sant'Anna, no que diz respeito, sobretudo aos assuntos que conduzem às discussões por ele promovidas, aquilo que aqui podemos chamar de “causas” defendidas por um sujeito que quer manter um padrão quanto ao seu pensamento, uma coesão de idéias, fortalecendo o já citado “projeto poético pensante” que ele diz desenvolver sobre sua própria obra.

O incentivo à leitura sempre foi uma das suas grandes preocupações, mesmo antes de ter ocupado o cargo de Diretor da Biblioteca Nacional. Vez por outra o tema volta a ser uma fonte rica na produção de poemas, das crônicas – observando as discussões que surgem nos eventos sobre esse tema dos quais participa – além de servir de fio condutor para a produção do seu último livro, *Ler o mundo* (2011).

Na crônica a seguir, Sant'Anna aproveita para mencionar sua própria relação com a leitura e dá conta do trabalho que desenvolveu no exercício das suas atividades na Biblioteca Nacional.

Os contadores de história estão sendo revalorizados nos processos de incentivo a leitura. É essa técnica, alias, que há cerca, utilizávamos na Biblioteca Nacional quando criamos o PROLER, que se disseminou por todo o Brasil, inclusive na Bahia, em cidades como Vitória da Conquista e Feira de Sant'Anna. [...] eu me julgo um contador de histórias. Todo escritor, todo jornalista, é um contador. SANT'ANNA, 04/08/2010. Crônica em áudio).

Ainda sobre os traços biográficos que percorrem seus textos, Sant'Anna, via de regra, chama para si a responsabilidade de narrar os acontecimentos de sua época, autointitula-se representante de sua geração e para aqueles que estão passeando pelas páginas de notícias, ou entre uma música e outra da programação da rádio – que também é transmitida via internet – esses comentários soam como que uma volta aos

fatos do passado, passando pelo crivo crítico de um pensador de hoje que vivenciou os acontecimentos históricos de ontem.

Pois eu sou da geração que viu Fidel Castro descer as montanhas e assumir o poder. Na América Latina olhávamos com esperança o que a ilha estava fazendo ali, nas barbas dos EUA, mas durou pouco o encantamento. O país baixou para uma ditadura de esquerda. Há quem goste. Eu não. Estive em Cuba nos anos 80 num desses Encontros Internacionais que o governo cubano organiza e o que vi, não gostei. [...] Ditadura seja de direita ou de esquerda é ditadura. Pertencem ao time daqueles que com remédio e escola, mas sem liberdade, desesperam, fenecem, morrem. (SANT'ANNA, 16/09/2010. Crônica em áudio).

Além de marcar sua escrita com os seus posicionamentos, com os rastros do seu desempenho nas diversas atividades e projetos dos quais fez parte, Sant'Anna se reporta a outros textos já publicados que já problematizavam as mesmas questões. O texto de ontem passa a ter um outro sentido, na medida em que é atualizado com os acontecimentos de hoje e faz pensar que certos tipos de problemas são recorrentes e merecem ser reavaliados.

Falando sobre a mulher iraniana depreciada publicamente por seu marido, “o que esta acontecendo agora no Irã acontece em muitos países. Há poucos anos ocorreu isso na Nigéria e, na ocasião, fiz um poema chamado “lapidar uma mulher”. (SANT'ANNA, 11/08//2011. Crônica em áudio).

Na crônica é possível ser um “correspondente” à moda do que já foi uma prática corrente entre os jornalistas. O meio permite que, agilmente, Sant'Anna transmita, de qualquer lugar onde esteja, suas impressões e as envie em áudio, através da internet. Nesse caso, não há nenhum tipo de mudança substancial a não ser o encurtamento de distâncias proporcionado pela velocidade de transmissão de dados pela rede. Na crônica “Notícias da Colômbia”, Sant'Anna comenta e divulga seus compromissos neste país.

Estou aqui na Colômbia e estando aqui me lembro de Garcia Marquez, que fã de Jorge Amado, certa vez disse que o Brasil é o maior país do Caribe. É como se dissesse que o Caribe começa no Rio, passa pela Bahia e vai até o México. O fato é que é instigante e estimulante voltar a esse país que, há mais de 20 anos tenho visitado. Devo fazer conferências e leituras de poesia no Instituto Brasil- Colômbia e na

Casa de Poesia, além de participar de um festival interacional de poesia no interior do país lá em Pereira. [...] Affonso Romano de Sant'Anna, de Bogotá, Colômbia, para a Rádio Metrópole. (SANT'ANNA, 27/08/2010. Crônica em áudio).

Nas crônicas ainda se pode observar o mesmo encadeamento de informações já analisado no *site*, *blog* e no *twitter* de Sant'Anna via processo intertextual. Na crônica que se segue, partindo da notícia da vitória eleitoral do palhaço Tiririca no Rio de Janeiro, o escritor assume sua faceta de professor acadêmico e dialoga com um dos seus estudos publicado em *Paródia, paráfrase & Cia* (2007), sugerindo, com fina ironia, como exageramos ao sair da ordem normal das coisas.

O que há nisso, também, é uma coisa que tem tudo a ver com aquilo que, dentro da universidade, a gente chama de teoria da carnavalização. Que é que é isso? Existe nas pessoas e na sociedade uma necessidade de inverter as situações. O carnaval, por exemplo, é um momento de grandes inversões. Tudo se confunde no espaço da permissividade. Toda e qualquer sociedade precisa zombar de si mesmas, inverter a si mesma. (SANT'ANNA, 07/10/2010. Crônica em áudio).

No entremeio de textos – o texto teórico, a crônica – e tudo isso através de uma crônica disponibilizada em áudio, há uma subversão dos espaços originalmente ocupados pelos textos. A linguagem é adaptada, os exemplos se aproximam do prosaico, e o entendimento é facilitado pelos recursos utilizados na escrita.

Outro aspecto relevante toma contorno no material que está sendo analisado: o processo de recepção desses textos. Quem é o público ouvinte dos comentários de Sant'Anna na Rádio Metrópole? E quanto aos ouvintes desses mesmos comentários no *site* da emissora? O fato de a crônica ser disponibilizada em áudio e via internet faz com que esse texto se modifique de alguma forma?

Esses questionamentos podem ser postos da seguinte forma: Sant'Anna certamente, através de outro meio de comunicação, busca atingir mais um grupo: o grupo público-ouvinte-leitor. As crônicas publicadas no *site* da emissora ficam à disposição do ouvinte, inclusive para *download*, e são as mesmas que se ouvem na programação ao vivo sintonizada na rádio e também através de um link para o *Windows media player* disponível no *site*. O público, entretanto, que ouve a rádio através do *site* não é o mesmo que a ouve no cd player do carro. Ambos os meios atingem um grande

número de pessoas, e isso faz com que os textos de Sant'Anna atravessem outras fronteiras.

Seja no *site*, no *blog*, no *twitter* ou através das crônicas em áudio disponibilizadas na internet, Sant'Anna firma, aos poucos, seu lugar na rede. Seu avatar, cada vez mais, toma corpo e o cyberspaço passa a ser mais um meio através do qual sua voz pode ser ouvida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de compreender a inserção de Affonso Romano de Sant'Anna no cyberspaço alguns caminhos foram percorridos: caminhos teóricos e estudos dos textos publicados nesse meio. Para tanto, este estudo foi se posicionando na direção de teorias que possibilitassem tal reflexão e que, ao mesmo tempo, fossem dinâmicas e abertas às significações tantas propiciadas pela reflexão dos textos de Sant'Anna, especificamente daqueles publicados nesse espaço.

Ora, desde o momento em que pensei na possibilidade de analisar esses textos, pensei que tal inserção parecia ser motivada por algum tipo de necessidade, por parte desse escritor, de continuar publicando seus textos e, mais do que isso: através de uma mídia que alcançasse um tipo de público ainda mais variado: os internautas/leitores/usuários. Isso parecia explicar uma das perguntas iniciais deste trabalho: porque Affonso Romano de Sant'Anna, um escritor consagrado na via impressa passou a transitar na internet, um espaço tão amplo e que requer um esforço maior de divulgação de textos? Tais hipóteses foram confirmadas nessa análise.

Pensei, por outro lado, de que forma a relação que ele estabelecia entre o que estava sendo publicado no cyberspaço e o discurso ensimesmado que produzia através destes textos pareciam indicar esta tentativa: de ser lido e consumido, ainda, pelas antigas e novas gerações. Os traços das “narrativas vivenciais” apontadas por Leonor Arfuch(2007) estavam ali, em seu *blog*, como uma forma de marcar a sua “presença” no cyberspaço.

Pouco a pouco, pareceu-me perceptível que a presença do intelectual Affonso Romano de Sant'Anna, tão envolvido com questões sociais no passado, queria ser notada. Ele queria se sentir ainda ligado a essas questões no presente, como sempre fez: através da escrita, e o espaço que ora adentrava parecia-lhe fértil para disseminar suas opiniões e questionamentos sobre os problemas do cotidiano. Havia, contudo, algumas particularidades próprias do meio, e a investigação apontou para uma direção que conduzia esse escritor para um espaço tão amplo que era preciso não apenas produzir um discurso, mas intermediá-lo, e a rede de citações e diálogos que este proporciona termina sendo uma forma de divulgação de si e do que se produz, o que é perceptível nos temas trazidos, em seus textos, para discussão.

Foi possível identificar, a partir do estudo de amostra do *site*, *blog*, *twitter* e das crônicas da rádio metrópole na internet, as relações dialógicas que estavam sendo estabelecidas nos textos de Sant'Anna, que se realizam em muitas direções: entre seus próprios textos, entre avatares escritores/artistas, entre os discursos produzidos na internet por quem consome e cita esses textos em outras páginas.

Aos poucos, com o desenrolar de cada uma dessas questões, pude perceber que é dessa forma que Sant'Anna pretende ser visto, é através deste aparato tecnológico que ele busca ser lembrado: através de uma criação, um avatar, que lhe proporciona, não só na escrita, mas através de recursos disponibilizados pelo próprio meio, uma imagem fragmentada de si mesmo, composta por esse emaranhado de fios que a tecem, dos traços biográficos que, aqui e ali, são lançados na rede através de um processo de autotransfiguração.

Em seus textos, uma forma de se lidar com as questões do cotidiano: mais veloz, mais real e enganosa ao mesmo tempo e através da qual ele pode se posicionar para seus leitores: por uma rede infindável de citações e encadeamentos discursivos, que, funcionando efetivamente através da linguagem, marcam a sua presença no cyberspaço.

As reflexões aqui desenvolvidas, contudo, não se fecham nem propõem um único olhar ou ponto de vista de análise para a produção de Sant'Anna na internet. Aliás, pensar os textos de publicação *online* é algo que deve ser feito com uma maior brevidade, haja vista as mudanças que lhe são próprias. O que se buscou, através desse estudo, foi dar conta de uma nova forma de Sant'Anna se posicionar e publicar seus textos e as nuances que esta causou na constituição de Sant'Anna e na sua escrita. Lança-se, portanto, um olhar, que pretende refletir sobre o papel do suporte na obra desse escritor e como ele, de igual forma, é atravessado pelas modificações que este lhe traz.

A realização deste trabalho em muito contribui para as reflexões que eu vinha desenvolvendo na produção do escritor Affonso Romano de Sant'Anna desde 2005, e é também fruto das análises que já realizei. Foi particularmente instigante trabalhar com questões tão atuais e que se modificam tão rapidamente, através de textos de um escritor com o qual já mantinha certa familiaridade de pesquisa. Sinto que ainda há muito a se pensar sobre as questões trazidas nesse estudo, mas considero também um avanço, para a minha formação, ter chegado aos resultados que estou apresentando.

“Fragmentos de um sujeito no cyberspaço” é, assim, mais uma possibilidade de se pensar as escritas produzidas na internet e como o escritor Affonso Romano de Sant’Anna as produz em um espaço tão efêmero e veloz, um espaço que se abre para possibilidades interpretativas das mais variadas, conforme seja o interesse do leitor, do pesquisador, ou do usuário deste espaço.

REFERÊNCIAS

AMÍCOLA, José de. *Autobiografía como autofiguración*. Estratégias discursivas Del yo y cuestiones de gênero. Rosário: Beatriz Viterbo Editora: Centro Interdisciplinario de Investigaciones de Gênero. Facultad de Humanidades y Ciência de La Educación. Universidad Nacional de La Plata, 2007.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico – Dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

AZEVEDO, Luciene. *Blogs: A escrita de si na rede dos textos*. Revista Matraga. vol. 14. Rio de Janeiro: Editora da UFU, 2007.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: *O rumor da língua*. Trad. Antônio Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1987.

BAKHTIN, Michail. *Problemas da poética de Dostoievski*. 3 ed; Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BRAIT, Beth. (org). Problemas da poética de Dostoievski. In: *Dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.

CAMPOS, Priscylla Alves. *Que país é este? algumas possíveis visões de Brasil*. (Relatório de atividades PIBIC). 2005.

CAMPOS, Priscylla Alves. *Representações culturais em A grande fala do índio Guarani*. (Relatório de atividades PIBIC). 2006.

CAMPOS, Priscylla Alves. *Afonso Romano de Sant'Anna: múltiplo escritor, olhares múltiplos*. (Relatório de atividades PIBIC) 2007.

CAMPOS, Priscylla Alves. *O espaço poético em expansão*. (Relatório de atividades PIBIC). 2008.

CAMPOS, Priscylla Alves. *Impasses da arte e da crítica: um enigma vazio?* (Relatório de atividades PIBIC). 2009

CAMPOS, Priscylla Alves. *Projeto poético pensante: concepções teóricas de Afonso Romano de Sant'Anna*. (Monografia em Letras). 2009.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Coleção prismas. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

DELLY, John. *Introdução à semiótica: história e doutrina*. Trad. Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

ECO, Umberto. *Tratado Geral de Semiótica*. Série Estudos. São Paulo: Perspectiva, 1980.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo*. As idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FOUCAULT, Michel. “A escrita de si”. *Ditos e escritos*. Vol. V. *Ética, sexualidade e política*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense, 2004 [1983].

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. Antonio F. Cascais e José Bragança de Miranda. Portugal: Passagens, 1992.

FOUCAULT, Michel (1979). Os intelectuais e o poder. In: *Microfísica do poder*. 7 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença*. O que o sentido não consegue transmitir. Trad. Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOISEL, Evelina. *Grande Sertão Veredas – Uma escritura biográfica*. Salvador: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia; Academia de Letras da Bahia, 2006.

KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro*. O retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

LE BRETON, David. Adeus ao corpo. In: NOVAES, A. (Org.) *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico – De Rousseau à internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora da UFMG: 2008.

LEMONS, André. A arte da vida. Diários pessoais e *webcams* na internet. Disponível em: WWW.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons.vida.htm. Acesso em: 01/08/2011

MUHLMANN, Geraldine. Uma história política do jornalismo. In: NOVAES, Adauto.(org). *O silêncio dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2006.

OKAMOTO, Plínio. *O twitter é a vitória da relevância*. Disponível em: <http://www.slideshare.net/pokamoto/artigo-o-twitter-a-vitria-da-relevncia>. Acesso em 15/06/2011.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. *Manifestações culturais nos anos 60: um destaque à problematização da palavra na poesia concreta*. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2118/1599>. Acesso em: 27/08/2011.

PLAZA, Julio. *Tradução intersemiótica*. Série Estudos. São Paulo: Perspectiva, 2003.

SANTOS SILVA, Augusto. Podemos dispensar os intelectuais? In: Izabel Margato e Renato Cordeiro Gomes (orgs). *O papel dos intelectuais hoje*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

SAID, Edward. *Representações do intelectual*. Rio de janeiro: Cia das letras, 2003.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *A cegueira e o saber*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

SANT'ANNA. Affonso Romano de. @aromano1. Disponível em: <http://twitter.com/#!/aromano1>. Acesso em 10/ abril 2011

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *A grande fala do índio guarani e a catedral da colônia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Aula Magna: o que aprendemos até agora?*. MA: EDUFMA, 1994.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Blog*. Disponível em: <http://www.affonsoromano.com.br/blog/>. Acesso em 05/09/2011.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Canto e palavra*. Belo Horizonte: MP Imprensa Oficial, 1965.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Carlos Drummond de Andrade: Análise da obra*. RJ: Editora Nova Fronteira, 1980.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. (comentários diversos). Disponíveis em: <http://radiometropole.com.br/>. Acesso em 01/09/2011.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Drummond: o gauche no tempo*. 4 ed. RJ: Record, 1992.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Entrevista*. Disponível em: http://www.palavrarte.com/entrevistas/entrevista_affonso_romano.php. Acesso em: 20/11/2010.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Ler o mundo*. Rio de Janeiro: Global editora, 2011.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Linha de pesquisa: entrevista a Anazildo Vasconcelos da Silva*, Universidade Veiga de Almeida.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *O desemprego do poeta*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1962.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *O enigma vazio*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *O lado esquerdo do meu peito*. (livro de aprendizagens). Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Poesia sobre poesia*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Poesia Reunida 1965-1999*. vols 1 e 2. Rio de Janeiro: L&PM, 2004.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Que país é este? e outros poemas*. 3 ed. SP: Editora Brasiliense, 1984.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Vivemos no mundo da hipervisualidade. In: *Presente!* Revista de educação. Ano XV. n 56. mar/maio 2007.

SARLO, Beatriz. *O animal político na web*. In: Revista Serrote. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora IMS, 2011.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2004.

SÉRGIO, Rogério de Souza. Discursos e suportes literários informatizados atribuem a autor e leitor novos papéis? In: Revista *Ipotesi*. Juiz de Fora, v 14, n. 1.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *O intelectual, entre mitos e realidades*. In: Revista Espaço Acadêmico. n 29 – Outubro de 2003. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/029/29csilva.htm>. Acesso em 12/09/2010.

SILVA, Lídia Oliveira. A Internet: a geração de novo espaço antropológico. In: LEMOS, André; PALACIOS, Marcos (Org.). *Janelas do cyberspaço: comunicação e cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2001.p. 151-171. ISBN: 85-205-0278-4

SILVA, Renata Cristina da. *Apropriações do termo avatar pela cibercultura: do contexto religioso aos jogos eletrônicos*. Revista eletrônica Contemporânea. Ed 15. v 8. n 2. 2010. Disponível em: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_15/contemporanea_n15_10_Silva.pdf. Acesso em: 27/09/2011.

SOUZA, Eneida. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

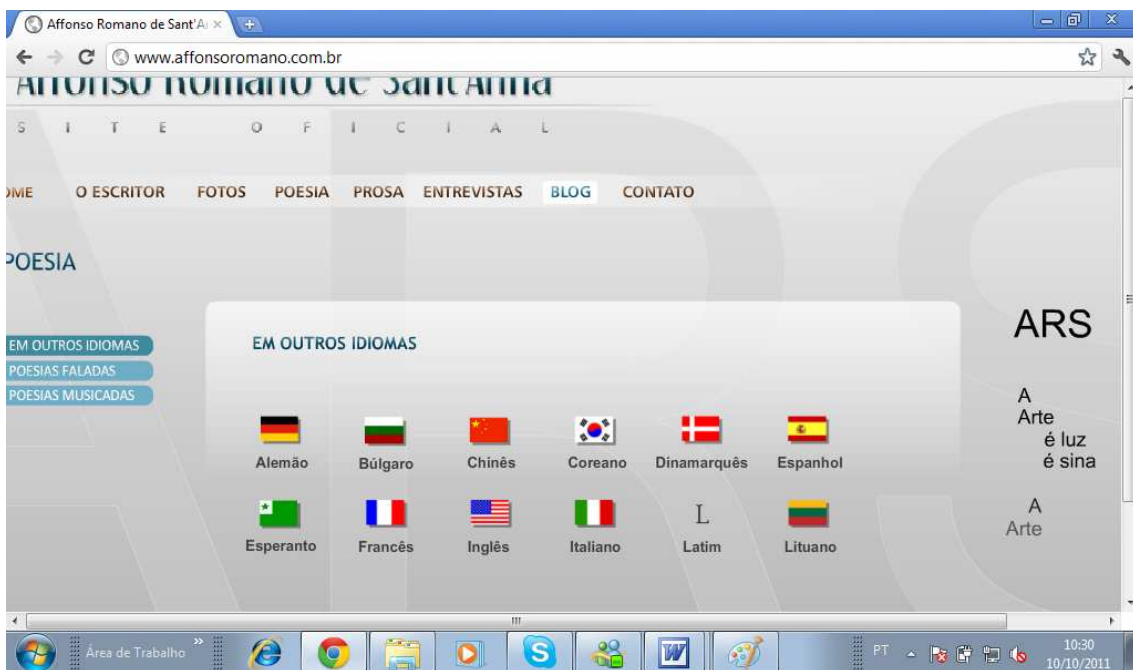
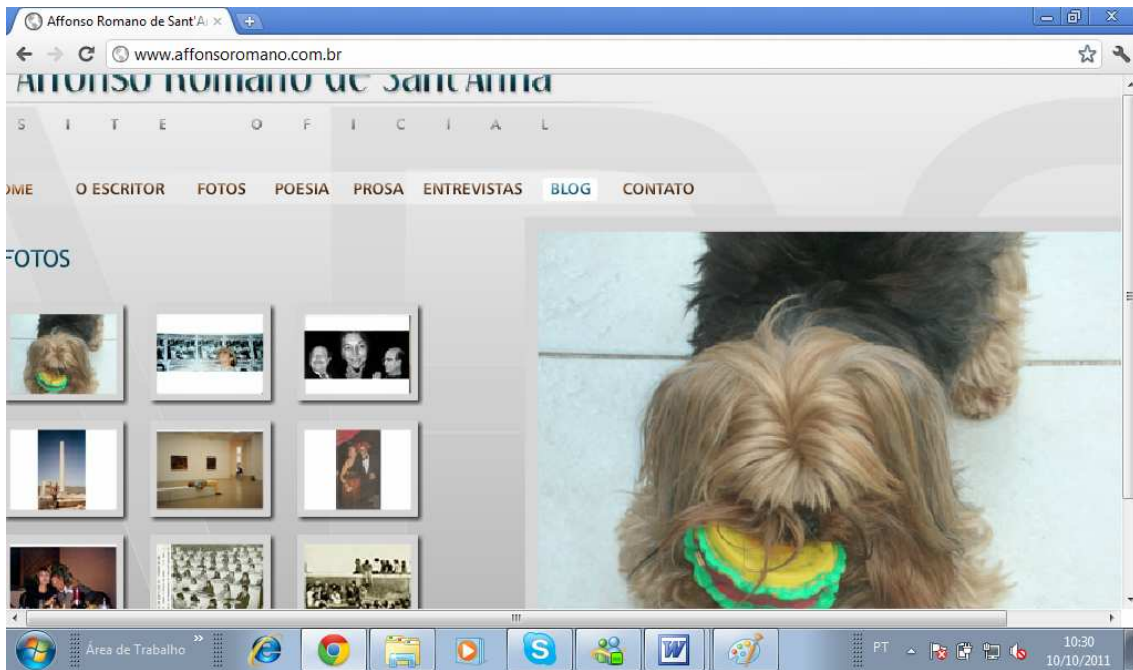
SOUZA, Pedro de. *A autoria vista sob o suporte tecnológico*. In: Arte e Ciência. 2 de maio de 2004.

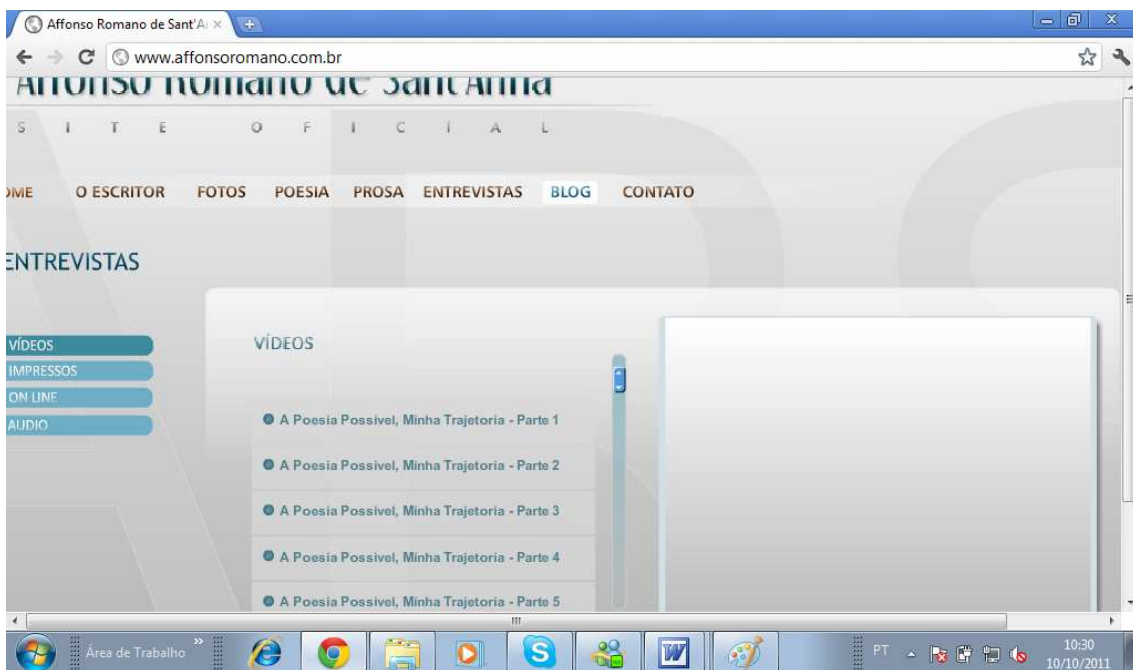
ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2007.

ANEXOS

SITE









BLOG



TWITTER

The image shows a screenshot of a web browser displaying the Twitter profile of a user named affonso santanna (@aromano1). The browser's address bar shows the URL "twitter.com/#!/aromano1". The page layout includes a header with the Twitter logo and navigation links (Home, Profile, Messages, Who To Follow). The main content area is divided into two columns. The left column features the user's profile picture, name, handle, location, bio, and website. Below this is a "Following" button and a text input field for tweeting. The right column contains statistics (65 Tweets, 4 Following, 111 Followers, 14 Listed), a section for "You and @aromano1", and a "Similar to @aromano1" section with recommendations for other users. At the bottom, a tweet from @aromano1 is visible, dated 1 Dec. The Windows taskbar at the bottom shows the system tray with the date 10/10/2011 and time 10:55.

Browser tabs: affonso santanna (@aromano1), Bem-vindo ao Facebook - a x

Address bar: twitter.com/#!/aromano1

Language: Esta página está em inglês. Deseja traduzi-la? Traduzir Não Nunca traduzir do inglês

Navigation: Home Profile Messages Who To Follow

Profile: affonso santanna @aromano1 brasil
Escritor que vive escrevendo, vendo e escrevendo, vivendo a escrita
<http://www.affonsoromano.com.br>

Following: Following

Tweet to: @aromano1

Navigation: Tweets Favorites Following Followers Lists

Tweet: aromano1 affonso santanna
De BH, do lançamento do PROJETO GRANDES ESCRITORES, siga para Divinópolis terra da sublime "dona doída".
1 Dec

About @aromano1
65 Tweets 4 Following 111 Followers 14 Listed

You and @aromano1
You follow an account that follows @aromano1 · view

Similar to @aromano1 · view all

- RedCuentacuento Red Cuentacuentos · Follow
International Storytelling Network around the world...
- Cal Ipanema Cal Gomes · Follow
Publicitário
- zedsoncruz Edson Cruz · Follow
Poeta, editor e revisor publicitário. Lançou em 2007,...

Taskbar: Área de Trabalho, 10:55 10/10/2011